

29

maio 2011

fms

Cadernos **MARISTAS**



MARCELIN J.B. CHAMPAGNAT
1789 - 1840
(Portrait Kavery)

Instituto
do
Irmãos
Maristas

ÍNDICE DE MATÉRIAS

EDITORIAL	
André Lanfrey, fms.....	3
DOSSIÊ ICONOGRÁFICO	
Os retratos do Pe. Champagnat no século XIX	
André Lanfrey, fms.....	5
Foto Arnaud, retrato Ravery e crânio Champagnat	
Ivo Strobino, fms.....	35
Exposição sumária sobre a obra de Joseph Ravery	
André Lanfrey, fms.....	47
Benfeitores do Padre Champagnat e do Instituto	
André Lanfrey, fms.....	61
OUTROS ARTIGOS	
Em causa comum, parte II	
Frederick Mc Mahon, fms.....	79
As Circulares do Irmão Basílio Rueda e do Irmão Gabriel Michel	
Alain Delorme, fms.....	101

FMS CADERNOS MARISTAS

Nº 29 ANO XXI 2011

Responsável pela redação:

Comissão do Patrimônio

Diretor técnico:

AMEstaún, fms

Colaboradores neste número:

André Lanfrey, fms

Alain Delorme, fms

Ivo Strobino, fms

Frederick Mc Mahon, fms

Tradutores:

Joannès Fontanay, fms

Josep Roura Bahí, fms

Moisés Puente, fms

Gabriela Scanavino

Francisco Castellanos, fms

Edward Clisby, fms

David Harrison

Virgilio J. Balestro, fms

Aloisio Kuhn, fms



André Lanfrey
fms

EDITORIAL

Até agora, os *Cadernos Maristas*, diferentemente da maior parte das publicações da Casa geral, eram bem discretos quanto à presença da iconografia em suas páginas. O fato era consequência de uma opção; não de alguma desconsideração: com efeito, para informar sobre as pesquisas realizadas no Instituto, a imagem, na maioria dos casos, não era necessária. A revista continua centrada em seu objetivo de transmitir conhecimentos e instrumentos de reflexão.

Uma reflexão global sobre o estatuto da imagem, em nossa sociedade, convida-nos, aliás, a perseverar nessa direção porque assistimos a uma invasão da imagem que tende a obscurecer a reflexão e a fazer concorrência ao texto, além do razoável. Pouco a pouco aceitamos o costume de excluir todo o escrito não ilustrado, seja qual for o seu valor intrínseco. Somos mais propensos a produzir imagens do que a escrever. Essa tendência, já comum entre os adultos, se torna torrencial para as novas gerações, a tal ponto que a cultura

mundial atualmente vigente, é em primeiro lugar uma cultura da imagem. É o caso de perguntar-nos se isso ainda é cultura ou apenas uma subcultura?

Sob alguns aspectos, tenho a impressão de que estamos metidos num universo parecido ao do romance “1984”, de Georges Orwell, no qual todo mundo evolui sob o olhar do “big brother” vigiando, constantemente, a todos, reinventando sem cessar o passado, segundo as necessidades do presente e trabalhando sistematicamente para o empobrecimento da língua.

É pois necessário cultivar uma atitude crítica, frente à imagem, e até mesmo uma ascese, porque se trata de preservar a capacidade de o homem decifrar o mundo de modo diverso daquele das representações ilustradas. Entretanto, não se trata de voltar a uma atitude que faça reviver a iconoclastia bizantina dos séculos VIII-IX.

Por isso, ainda que este número 29 dos *Cadernos Maristas* não queira

contradizer a regra da discricção iconográfica, seus redatores consideram-no como uma espécie de ensaio metodológico, referente ao estudo da iconografia marista. Com efeito, não se trata de ilustrar textos para torná-los atraentes, mas de considerar a imagem como parte integrante de uma pesquisa. Uma iconografia não necessária à compreensão de artigos ou documentos continua, pois, não tendo seu lugar nesta revista. Por outra, a iconografia pode ser ela mesma um tema de estudos.

Concluindo, parece-me ser útil mencionar alguns trabalhos recentes, realizados nessa área e num espírito próximo ao nosso. Contentar-me-ei de assinalar alguns, e solicito aos Irmãos que conhecem outros trabalhos que mos deem a conhecer.

1/ O Irmão Agustin Carazo A., no livro *Tras la huellas de Marcelino Champagnat*, publicado no Chile, em 1999, não se contentou de traduzir os artigos do Irmão Pierre Zind (Louis Laurent) sobre o Padre Champagnat. Oferece-nos também uma abundante iconografia sobre representações do Fundador em forma de quadros,

fotos, gravura e esculturas. Infelizmente, é em branco e preto e de pequeno formato, mas foi seriamente documentada num anexo. Dispomos assim de um primeiro estudo sistemático sobre um ponto importante de nosso patrimônio iconográfico.

O Ir. Jean-Claude Longchamp, da comunidade de Marlies, organizou, recentemente, uma exposição sobre o mesmo tema, acompanhando-a de um catálogo e constituindo uma outra síntese sobre a iconografia Champagnat.

Enfim, um coirmão, Claude Morisson, concluiu, há pouco, a informatização da iconografia do *Boletim do Instituto*, apresentando muitíssimas gravuras e fotos de obras, além de fotografias de pessoas... relativas à vida do Instituto, no período de 1909 até 1984. Essa mina de documentos pode possibilitar numerosos estudos.

Desejaríamos, pois, continuar, proximamente, com trabalhos sobre a iconografia marista, dentro do quadro teórico acima traçado.

OS RETRATOS DO PE. CHAMPAGNAT NO SÉCULO XIX

Uma tradição iconográfica complexa



André Lanfrey
fms

Nada mais corriqueiro entre nós do que as representações do Padre Champagnat, desta ou daquela forma: quadros, estátuas, bustos ou imagens piedosas. Pouco mais, pouco menos, ligam-se a um só modelo: o quadro, melhor dito, os quadros do pintor Ravery. Ainda assim, vamos ver que a história destes quadros primitivos não é tão clara como parece; a tradição iconográfica, provinda deles, é mais frondosa do que de ordinário se imagina.

Além disso, um retrato novo, extremamente perturbador, conservado pela família Arnaud, ramo ainda vivo da família Champagnat, estabelece a questão de fonte original, diferente daquela de Ravery.

Após expedita referência aos trabalhos da iconografia de Champagnat, a minha exposição vai compreender duas partes maiores: primeiro, o exame da tradição iconográfica derivada do retrato Ravery; em seguida,

a apresentação e a crítica daquilo que denominaremos “a foto Arnaud”, a qual nos dá o retrato de um defunto com traços comuns com os de Champagnat e nos obriga a formular esta pergunta: Estamos em presença de outro retrato primitivo, até aqui desconhecido da nossa tradição?

PEQUENO BOSQUEJO DA HISTÓRIA ICONOGRÁFICA DO PADRE CHAMPAGNAT

Há três versões do retrato efetuado pelo pintor João José Ravery, no momento da morte de Champagnat: o retrato da capela do Conselho geral em Roma¹, considerado como o primitivo; outro em Saint-Genis-Laval, executado, segundo se diz, a pedido do Ir. Benoît Deville; o terceiro, em L’Hermitage, que levanta um problema: não se sabe em que condições foi efetuado, nem mesmo em que data apareceu

¹ É o retrato 1 de Roma que está representado aqui.

em l'Hermitage. Hipóteses diversas sobre esses três quadros foram aventadas². Não me cabe tomar partido neste debate, mas apenas sublinhar que seriam necessários trabalhos complementares para melhor documentar os diversos quadros de Ravery³.



Parece-me útil assinalar alguns trabalhos sintéticos particularmente proveitosos.

1. Em 1994, o Ir. Fernando Hinojal escreveu nos *Cadernos Maristas* de nº 6 um artigo sintético sobre a iconografia Champagnat, em que dá o conteúdo de seis álbuns realizados pelo Ir. Alain Bégay em 1979-80, que se guardam nos arquivos da casa generalícia⁴. Hinojal distribui a iconografia Champagnat em cinco períodos:

- Da morte do Fundador à introdução da sua causa (1840-96), sem produção iconográfica notável, afora os três quadros Ravery.
- Da introdução da causa ao centenário da Fundação da Congregação (1896-1917): Produção cada vez mais variada e diversificada, em imagens, bustos e estátuas.
- Do centenário da Fundação àquele da morte do Fundador (1917-1940): grande crescimento da produção iconográfica e variedade crescente, em cerâmica e vitrais. Fora da França, a celebração do cinquentenário de numerosas províncias ocasiona novas imagens.
- De 1940 à beatificação (1940-1955): É o tempo de uma pro-

² Se li direito a documentação da questão, o Ir. Claudio Santambrogio, restaurador dos retratos 1 e 3, emite a hipótese de que, após 1860, o Ir. Francisco, aposentado em l'Hermitage, teria encomendado o retrato para o "grande relicário" do Pe. Champagnat. Apoiando-se em tradição oral, o Ir. Jean Roche pensa que esse quadro, menos acabado que os outros, de fato é aquele que Ravery teria executado às pressas no quarto do Fundador, no dia da sua morte. Tendo ficado na oficina do pintor, ele ou os herdeiros o teriam dado ao Ir. Francisco após 1860.

³ Há um CD sobre Ravery e os retratos de Champagnat; mas, segundo o que sabemos, não há estudo sistemático de especialista da história da arte, sobre o conjunto dos três retratos. As melhores abordagens são do Ir. Santambrogio, que restaurou dois quadros Ravery.

⁴ Atualmente, o primeiro álbum foi reclassificado pelo Ir. Juan Moral, arquivista. O Ir. Alain Bégay é da Província atual de l'Hermitage.

fusão iconográfica com produção de obras, por vezes, de grande valor.

- Da beatificação ao bicentenário (1955-1989: difusão mundial da iconografia, grande variedade de estilos e de técnicas.

Publicado em dezembro de 1994, o artigo não podia falar da canonização de Champagnat, que parece ter catalisado nova explosão iconográfica da qual importaria levantar uma síntese.

2. O livro do Ir. Agustín Carazo, *Tras la huellas de Marcelino Champagnat. El contexto histórico, religioso y educativo*⁵, apresenta uma tradução em castelhano de 61 artigos do Ir. P. Zind, mas também um dossiê iconográfico, infelizmente em preto e branco, muito bem documentado acerca das representações do Padre Champagnat⁶.
3. Ultimamente, o Ir. Jean-Claude Longchamp, da comunidade de Marlies, organizou uma exposição

da iconografia de Champagnat através do mundo, da qual há um catálogo informatizado muito interessante e merecedor, ele também, de publicação⁷.

Quanto a mim, pretendo voltar simplesmente à primeira fase iconográfica da Congregação (1841-1896), que reputo mais rica do que aquilo que foi percebido até agora.

1º NASCIMENTO E AFIRMAÇÃO DE UMA VULGATA ICONOGRÁFICA

Dada a importância dos quadros originais, convém recordar os textos que relatam as condições em que foram realizados. O mais conhecido e o mais detalhado é aquele da Vida⁸, em que o Ir. João Batista se atém a retomar e, por vezes, ampliar, o ato do falecimento e sepultura, transcorrido em 8 de junho⁹, este muito mais sóbrio. Os dois documentos merecem comparação e cotejo.

⁵ Publicado pela Província Marista do Chile, em 1999.

⁶ As imagens, infelizmente de pequeno formato e em preto e branco, são comentadas no anexo 14 (p. 234-243). O trabalho mereceria ser retomado em edição independente e com iconografia de cores.

⁷ Um CD intitulado *Ravery e os retratos do Pe. Champagnat*, provavelmente produzido pelo Ir. Jean Roche: compreende um estudo dos retratos e certo número de documentos anexos; é de grande interesse. Parece-me que não existe em versão de papel.

⁸ 1ª parte, cap. 22, p. 255.

⁹ Circulares, T.1 p. 323: Ato do falecimento e da sepultura.

1.1 - As circunstâncias da realização do retrato

Ato da morte e sepultura, 8 de junho de 1840	Vida do Pe. Champagnat (1856)
<p>Em seis de junho de 1840, sábado, véspera de Pentecostes, às quatro horas da manhã, faleceu José Bento Marcelino Champagnat, sacerdote, fundador e primeiro Superior da Sociedade dos Pequenos Irmãos de Maria, filho de João Batista e de Maria Chirat, nascido em Marlihes em 20 de maio de 1789.</p>	<p>Às 4h20, a respiração ficou mais lenta, mais difícil, e ocorria apenas em intervalos. A comunidade se encontrava então na capela para o canto da <i>Salve Regina</i>. Começou-se logo a ladainha de Nossa Senhora; enquanto era recitada, o piedoso fundador adormeceu pacificamente no Senhor, sem esforço nem movimentos. Era sábado, seis de junho, véspera de Pentecostes.</p>
<p>Logo após a morte, ele foi revestido do hábito eclesiástico (batina, roquete e estola) e exposto numa poltrona, tendo nas mãos a cruz que portam os Padres professos da Sociedade de Maria. Junto dele, sobre a mesa, havia um crucifixo entre dois círios acesos</p>	<p>Após a morte, ele foi barbeado e lavado e revestido do hábito eclesiástico, com roquete e estola; colocaram-lhe na mão a cruz de profissão; foi assim exposto em uma poltrona, no seu próprio quarto. Ao seu lado, havia pequena mesa na qual colocaram o breviário, o barrete quadrado e a imagem de Nosso Senhor e de Nossa Senhora com dois círios acesos.</p> <p>Ele estava muito pálido, mas não desfigurado; o rosto havia guardado os seus traços fortes, o ar de bondade e de dignidade que, em vida, lhe davam tanta ascendência sobre os espíritos e lhe conquistavam os corações. Ao lado dele não se experimentava sentimento penoso; pelo contrário, as pessoas se sentiam bem; gostavam de olhá-lo e de beijar-lhe os pés.</p>
<p>Os Irmãos, por grupos, vão ao seu quarto para recitar o ofício dos mortos.</p>	<p>Os Irmãos, uns após outros, vieram contemplar com amor os restos queridos do seu terno Pai. Em grupo de seis, revezavam-se junto do corpo, para recitar o ofício dos mortos e o terço. Nos intervalos dos exercícios, todos passavam e tornavam a passar diversas vezes.</p>

<p>No mesmo dia, o seu retrato foi feito pelo pintor Ravery, de Saint Chamond. De noite e no dia seguinte, festa de Pentecostes, o corpo ficou exposto como na véspera e os Irmãos continuaram a recitar junto dele as mesmas orações.</p>	<p>No mesmo dia da morte o seu retrato foi feito por um pintor chamado expressamente.</p>
<p>De tarde foi colocado, de veste sacerdotal, em duplo caixão: forte ataúde de madeira, que encerra o segundo de chumbo. Antes de fechar o caixão, em presença do Rev. Pe. Matricon e dos Irmãos Francisco, João Maria, Luís e Estanislau, inseriu-se uma placa de chumbo, em forma de coração, em que constavam as palavras: <i>Ossa J. B. M. Champagnat, 1840.</i></p> <p>Os funerais foram celebrados em 8 de junho, segunda-feira de Pentecostes.</p>	<p>No domingo de tarde, de veste eclesástica, o corpo foi colocado em ataúde de chumbo, revestido de forte caixão de madeira. O corpo estava perfeitamente flexível. Antes de fechar o caixão de chumbo, em presença do capelão Matricon e dos Irmãos Francisco, João Maria, Luís e Estanislau, inseriu-se uma placa de mesmo metal, em forma de coração, em que constavam as palavras: <i>Ossa J. B. M. Champagnat 1840.</i></p> <p>A cerimônia fúnebre se realizou em 8 de junho, segunda-feira.</p>

A partir desses textos, tentemos estabelecer a cronologia entre a morte do Fundador e a cerimônia fúnebre de segunda-feira, 8 de junho, às 8h30 da manhã¹⁰, algo mais de 48 horas depois. Primeiro, note-se que os dois textos não acordam quanto à hora da morte; presumo que importa dar mais confiança ao ato do falecimento e da sepultura do que ao relato do Ir. João Batista, que é mais tardio, ademais de preocupado em fazer coincidir a hora da morte com o canto da *Salve Regina*.

Além disso, o seu relato da agonia do Pe. Champagnat (p. 254) indica que às 2h30 da manhã o Pe. Cham-

pagnat se dá conta de que não enxerga. Pouco depois, entra em agonia, “que durou quase uma hora”, o que nos leva aproximadamente às 3h30 da manhã¹¹. Pode-se, pois, pensar que a comunidade foi informada do falecimento depois da *Salve Regina*, cerca de meia hora depois da morte. As visitas ao defunto, levando em conta o tempo necessário para vestir o defunto e transformar o quarto em ‘câmara ardente’, terão começado no amanhecer, não antes das seis horas.

O Ir. João Batista sugere que, então, os Irmãos uns após os outros, vieram “contemplar com amor e con-

¹⁰ Circulares, T.1 p. 41. Circular de 6 de junho de 1840.

¹¹ Ele acrescenta o que é contraditório com o que precede: às 4h20, a respiração ficou mais difícil.

fiança os restos queridos do seu terno Pai”. Foi apenas num segundo tempo, que se organizou uma vigília por equipe de seis, número máximo para local exíguo, em casa de múltiplos serviços. Essa guarda organizada não exclui visitas individuais entre os exercícios, nas duas noites de 6, 7 e 8 de junho. A intervenção do pintor, segundo o texto, teria sido no meio da tarde de 6 de junho.

1.2 - Problema do momento do retrato

Contrariamente ao que se sugere, Ravery deve ter intervindo na parte da manhã de 6 de junho. A morte do Pe. Champagnat sendo mais que previsível, os Superiores hão de ter-se entendido com ele, para que o retrato fosse feito o mais cedo possível depois da morte, dado que o Fundador defunto estava numa poltrona, especialmente para melhor permitir a tarefa. Esta posição não convencional não se poderia manter por mais de algumas horas, antes que a rigidez cadavérica impusesse a colocação do corpo no leito, em vista de ser posto no ataúde sem problema¹². Portanto o pintor há de ter realizado o trabalho na manhã de 6 de junho¹³.

1.3 - O rito funerário da Congregação

Nos Anais do Instituto (ano de 1840, § 708), logo depois de ter recordado a morte e os funerais do Padre Champagnat, o Ir. Avito dá alguns detalhes dos usos funerários da Congregação.

“Depois da morte, somente os professores eram revestidos do hábito religioso. Em seguida eram postos numa poltrona e não estendidos no leito. Os noviços e postulantes eram enterrados de traje civil, recoberto de mortalha”.

Com o Pe. Champagnat se teria respeitado a tradição, sem abrir uma exceção para facilitar a tomada do retrato. O costume de sentar o defunto em poltrona é talvez de origem monástica¹⁴; mas a morte do Pe. Champagnat pode ter instaurado um costume; o professo defunto seria reconhecido como autêntico discípulo e, pois, digno de ser apresentado à veneração dos Irmãos, certamente na mesma poltrona¹⁵. Por outro lado, quando o Ir. Avito fala da veste religiosa, ele quer dizer, sem dúvida, o hábito completo, com o rabá, a cruz para os professores perpétuos, e o cor-

¹² O Ir. João Batista, aliás, parece sugerir essa solução, quando diz: “As pessoas o fitavam com amor e lhe beijavam os pés”. Se o Fundador está deitado, o rito pode efetuar-se dignamente. Cada Irmão passa na frente dele e se curva ligeiramente para acarinhar-lhe os pés, situados em condizente altura. Isso fica muito mais complicado, se o Fundador tem os pés próximos ao chão, exceto se a poltrona está sobre algum estrado.

¹³ Está-se no fim da primavera e a luz natural é suficiente.

¹⁴ Conviria estudar o costume dos primeiros monges do Oriente, nesse assunto.

¹⁵ Pelo que sei, essa poltrona não se conservou.

dão. Enfim, quando afirma que os professos eram “em seguida postos em poltrona e não estendidos em leito”, importa entender: não estendidos *de imediato* no leito. Quanto aos noviços e postulantes enterrados de mortalha, por certo não eram colocados na terra sem caixão, mas a mortalha recobria o traje civil, para substituir o hábito religioso de que não eram ainda dignos de serem revestidos¹⁶.

Os textos maristas, portanto, são um tanto elípticos, quando versam a descrição dos ritos funerários, visto que não reputam de utilidade dizer o que lhes parece óbvio. Em todo o caso, pode-se pensar que a colocação de Champagnat na poltrona não era tão excepcional como se havia acreditado.

4. Um quadro problemático

É evidente que, na manhã de 6 de junho, o pintor podia fazer apenas um esboço, ou melhor, ater-se ao delineamento dos traços do defunto sobre um suporte que, por certo, não era tela¹⁷. Ademais, está-se no começo da pintura em tubos de estanho, o que permite pintar fora da oficina; certamente Ravery não trabalhou a cor no próprio quarto do Pe. Champagnat. O quadro, afinal, só foi entregue em fevereiro de 1841¹⁸.

Vê-se que o pintor se situou ligeiramente à esquerda do defunto. Visto que este não está deitado, mas semissentado, o peso da cabeça faz desaparecer o pescoço e desloca o rabá que contorna a parte inferior do rosto. Além disso, a testa ligeiramente inclinada pesa sobre o rabá, cujos rebordos fazem um ângulo estranho, que Ravery parece não ter sabido compor corretamente em perspectiva, de modo que o alto do rabá parece mais largo que o fundo.

Pelo fato de a cabeça estar ligeiramente inclinada para frente, o pintor, que estava em posição desaprupada, foi levado a insistir no alto do crânio, sublinhando a calvície avançada. Para atenuar o efeito desse ângulo menos feliz, ele dispôs a mão com o crucifixo de tal maneira que o rosto inclinado, de traços emagrecidos e de olhos quase fechados, evoca a contemplação, ao passo que o roquete branco e os paramentos dourados da veste eclesial, certamente não autênticos mas reconstituídos na oficina, iluminam a cena. Do seu modo, Ravery produz um quadro no qual a preocupação do realismo¹⁹ e o toque místico se aliam bastante bem, enquanto o hábito sacerdotal, muito carregado, calha menos bem com a austeridade e o olhar apagado.

¹⁶ Ver os Anais do Instituto 1840, § 704: “O rabá era permitido aos noviços só depois que soubessem bem as orações. Muitas vezes o perdiam como punição, como sucedia com a batina. Ademais, nem todos os Irmãos da casa portavam o rabá durante o dia”.

¹⁷ O relato do Ir. Santambrogio assinala que o retrato do Pe. Champagnat de Roma, considerado como o primeiro, consiste em papel colado na tela.

¹⁸ AFM 5101.301, Caderno “Misturas diversas» do Irmão Francisco p. 51

¹⁹ Ou talvez seja a incapacidade de idealizar.

O quadro corresponde, aliás em parte, aos testemunhos dos Irmãos que viram o Fundador nos seus últimos momentos. O Ir. Silvestre, que o visitou em 5 de junho, pelo meio-dia²⁰, é bastante preciso: “Ele tinha um ar calmo; os seus olhos, afundados, estavam cheios de benignidade; os seus lábios contraídos, já quase sem relevo, ainda lhe davam o ar de bondade que lhe conquistava os corações”. O Ir. João Batista, que não esteve presente e cujo relato provém de testemunhas sobre Champagnat morto, é mais vago: “Estava extremamente pálido, mas não desfigurado; o seu rosto havia guardado os seus traços fortes e o ar de bondade e de dignidade que lhe conquistavam os corações”.

No quadro encontram-se os olhos afundados e os lábios quase sem relevo, como igualmente os traços fortes. Fica mais difícil a percepção da bondade. Este é o problema do quadro de Ravery, que nos descreve um homem já entrado na morte, depois de longa enfermidade; o pintor lhe colore a tez e lhe transforma o olhar, mas não bastante para nos tirar a impressão de estarmos em presença de um asceta e não do educador e do ‘ bom pai ‘.

Em suma, Ravery não teria tido o tempo nem o talento necessário para produzir um retrato que fosse, simultaneamente, fiel e vivo; parece que os

Irmãos necessitaram de algum tempo para aceitar a imagem do seu Fundador que lhes parecia distanciado da pessoa que haviam conhecido.

1.5 - O retrato mal recebido ?

Em 1889, o Ir. Eubert²¹ acompanhava o quadro do Padre Champagnat com o seguinte comentário: “Este retrato é aquele que foi pintado por Ravery, pintor de St. Chamond e amigo do venerado Padre, em 6 de junho de 1840. Quando esse mesmo retrato foi levado a Nossa Senhora de l’Hermitage, o Ir. Francisco, Superior geral, reuniu a comunidade numa sala da casa-mãe. Todos os Irmãos, depois de contemplar, com ternura, a imagem tão fielmente reproduzida do muito amado Pai, se puseram de joelhos e recitaram o *De Profundis*”.

Esse texto tardio, que deixa entender que a recepção do retrato foi boa é contradito pelo silêncio quase total, no momento da recepção do quadro. No seu caderno de “Misturas diversas”, o Ir. Francisco²² indica simplesmente: “Recepção do retrato do Pe. Champagnat. Sábado, 20 de fevereiro de 1841, quarto novo no segundo andar. Santos mártires cujo nome é conhecido apenas de Deus²³. Ser um retrato vivo”. A Circular de 10 de agosto de 1842, primeira após a

²⁰ Ir. Silvestre conta a história de Marcelino Champagnat, Roma, 1992, p. 215.

²¹ AFM 194.1/112. Nascido em 1826. segundo a sua ficha, não esteve presente em L’Hermitage. Assistente geral, faleceu em 1895 em St Genis-Laval.

²² AFM 5101.301 p. 51

²³ O sentido dessa reflexão não se percebe; não parece em ligação com a recepção do quadro, a menos que o Ir. Francisco tenha assimilado as provações e a longa enfermidade de Champagnat ao martírio.

recepção do quadro, não lhe faz nenhuma alusão. A primeira edição da Vida do Pe. Champagnat, de 1856, não comporta nenhum retrato do Fundador²⁴; as Circulares não falam de um retrato do Pe. Champagnat antes de 1916²⁵.

Tal silêncio parece estar em plena contradição com a Circular de 6 de junho de 1840 (*Circulaires* T. 1 p. 42), que anuncia: “ O seu retrato foi produzido do natural e lhes será transmitido na primeira oportunidade”. A primeira parte da frase certamente faz alusão à intervenção de Ravery, mas a segunda parece considerar uma versão litografada ou gravada do retrato de Champagnat, a qual não teria sido realizada.



Não se pode, pois, descartar algum desentendimento entre Ravery e os Irmãos, o que explicaria que uma litografia, inspirada no retrato pintado, não se houvesse tirado sem delongas.

1.6 - Ainda assim, há uma tradição iconográfica

Na medida em que o Instituto se povoa de novos Irmãos e se expande, a necessidade de dispor de retratos se torna mais insistente, quando menos para fins de propaganda. A primeira imagem que se difundiu é constituída de folha branca, formato 26,8 X 20,5, na qual se inscreve um retângulo de 14,5 X 17, que encerra um medalhão oval de 9,5 X 8, em que se reconhece uma cópia do retrato de Champagnat, segundo Ravery²⁶.

Abaixo consta o texto: “J. B. Marcelino Champagnat, sacerdote, Fundador da Sociedade dos Irmãos de Maria, nascido em Marlihes, em 20 de maio de 1789, falecido em N. S. de l’Hermitage, perto de St. Chamond, em 6 de junho de 1840”. No meio do texto, uma coroa de lauréis sobreposta a uma coroa real com um MA entrelaçado. A proveniência do retrato facilmente se identifica, visto que num canto do retângulo se reconhecem estas palavras: “Litografia St. Cosme, 8, Rey-Sezanne, Lyon”. A li-

²⁴ A reedição da Vida do Padre Champagnat de 1897 comporta um retrato.

²⁵ Volume 13 p. 228. O Conselho geral decidiu editar grande número de exemplares da imagem do Fundador, em cujo dorso consta uma oração em que se pede a sua beatificação.

²⁶ Vimos e fotografamos o documento nos arquivos de Roma, faz alguns anos; mas não o encontramos mais.

tografia lionesa Rey-Sezanne, situada na Rua São Cosme, 8, fez o trabalho.

A consulta aos anuários lioneses do século XIX permite que se chegue à data da realização desse documento, que não é imagem piedosa, mas retrato destinado a servir de cartaz. Em 1841, no ° 6 da rua São Cosme, a litografia é administrada por Béraud-Lauras, ao passo que Rey é tipógrafo no número 6 da Praça São João. Mas, a partir de 1843, Rey se instala no n°6 da rua São Cosme. Parece que a sua associação com Sezanne se realiza em 1848 ou 1849²⁷.

Em todo o caso, o arcaísmo da fórmula que acompanha o retrato causa estranheza: Champagnat é sacerdote, não sacerdote marista; ele é o Fundador da Sociedade dos Irmãos de Maria, não dos Pequenos Irmãos de Maria, nome dado pelo *Prospectus* de 1824 e que será reconhecido pelo Estado em 1851. O retrato em si causa frustração: fronte larga, traços extremamente marcados, desenho grosseiro. Contudo a calvície nascente, muito clara no quadro de Ravery, desapareceu quase por completo. Sem dúvida, é o primeiro retrato do Fundador afixado nas comunidades e nas aulas, como resposta tardia do anúncio do Ir. Francisco de 1840.

É a essa gravura que faz alusão uma decisão do Conselho dos Superio-

res, em primeiro de dezembro de 1861: “Fazer tirar os retratos do Padre Champagnat para fixar nas aulas”.

O segundo documento é imagem piedosa, de formato 13 X 8, derivada do mesmo modelo da precedente. Um retângulo de 11,5 X 7, de ângulos redondos, contém um medalhão de 6,5 X 5,5, debaixo do qual a fórmula anterior comparece algo modificada: Champagnat, agora, é sacerdote marista, a Sociedade é dos Pequenos Irmãos de Maria²⁸. Acima do medalhão uma fórmula explica a função dessa imagem: uma “oferta aos benfeitores dos Pequenos Irmãos de Maria”, com a lista no dorso dos “socorros e bens espirituais a que os benfeitores fazem jus”, acrescida de uma apresentação sumária do Instituto em 1860. Há, portanto, uma dezena de anos de distância entre este documento e o precedente. A impressão realizada pela casa de Louis Perrin de Lyon é muito mais fina que a anterior: os traços do Fundador foram amenizados e a calvície é quase imperceptível. O autor dela é J. M. Fugère. Doravante, o retrato é idealizado, e vai servir, com ligeiras modificações, à obra das casas de formação em 1877, oferecendo sempre os mesmos socorros espirituais aos benfeitores.

Uma última imagem construída como medalhão, mas cuja proveniência é difícil de estabelecer, aviva

²⁷ Anuários de 1859, 1860, 1865, 1875: remetem-nos à associação dos dois em 1848 ou 1849.

²⁸ AFM 194.1/163 et 164

ainda mais o rosto de Champagnat. O seu cabelo foi regularizado; o rabá agora tem bordas regulares. A mão que segura o crucifixo é diferente: o indicador está nitidamente separado dos outros dedos²⁹. A gravura do hábito ficou muito mais fina.

1.7 - Política iconográfica dos Superiores

Duas cartas tardias³⁰ da Administração geral parecem dar-nos a chave das observações a que procedemos acima.

Carta 11405³¹ de 6/05/1892 ao senhor *Bonamy*, editor em *Poitiers*, *Vienne*.

“Senhor,

Temos a intenção de fazer nova gravação, e um pouco melhor que a amostra anexa, do retrato do nosso venerado Fundador Champagnat e vos confiar este trabalho.

Sede servido em nos informar sobre o que especificamos em seguida:

1º Se aceitais a tarefa.

2º O preço da gravura, segundo as dimensões e a forma do original anexo.

3º Qual seria o preço unitário para a encomenda de vinte e cinco mil exemplares.

No caso de entrarmos em acordo a esse respeito, terei a honra de vos encomendar outro retrato litografado, que melhora a expressão que desejamos na nova gravura.

No aguardo da vossa resposta, rogo-vos que aceiteis ...

Irmão Filógono, Assistente geral

Carta 11404, de 11/5/1892 a M. Bonamy, editor em Poitiers, Vienne

“Senhor,

Segundo o desejo expresso pela vossa honrosa carta de 9 deste mês, eu vos envio, neste envelope, duas gravuras sobre aço, semelhantes àquela que vos enviei ultimamente, acrescida de uma litografia do mesmo retrato.

O retrato que vai ser reproduzido deverá ter a dimensão e a forma daquele que foi gravado no aço, com as inscrições que constam acima e embaixo do retrato. No atinente à inscrição do verso,

²⁹ O autor e o editor são difíceis de identificar: “P. PROJA. DIS. ED. INC” . AFM 194.1/171

³⁰ Registros das cartas da Administração geral: cartas n° 11 404 e 11 405

³¹ Esta carta não está no seu lugar cronológico. Situa-se antes da precedente, que ela completa.

vamos oferecer-vos o texto, algo modificado, depois do pleno acordo quanto à gravura. O retrato foi tirado depois da morte do Padre Champagnat. Ele se ressentia, obviamente, da magreza ocasionada por longa enfermidade e pelos traços da morte. Afora esses sinais, que importa fazer desaparecer, o retrato litográfico é aquele que melhor reproduz a mesma personagem. No tempo em que se lhe guarda a mesma compostura, desejamos que ele pareça vivo e que olhe o crucifixo que tem na mão. Sede servido em aceitar ...

Irmão Filógono, Assistente

O senhor Bonamy, portanto, certamente recebeu uma foto do retrato Ravery³². A litografia do mesmo retrato que ele junta ao seu segundo envio, certamente, é aquela da gravura lionesa dos anos 1849-1850. As duas gravuras sobre aço que ele envia são, sem dúvida, aquelas feitas pela casa Perrin pelo ano 1860, com a imagem no anverso e o texto no verso. A última imagem analisada acima poderia, pois, ter saído da oficina de Bonamy aproximadamente em 1892-1893³³.

O mais importante é que o Ir. Filógono denuncia o sentimento de insatisfação dos Superiores e, provavelmente, dos Irmãos em geral, em face do retrato Ravery, e ao mesmo tempo, a consciência de que esse é o único autêntico. Assim, pois, cumpre realizar retratos arranjados do Fundador, sempre partindo de Ravery. Antes da introdução da causa

do Pe. Champagnat, a iconografia oficial do Instituto repousaria, portanto, ademais do retrato Ravery, sobre três gravuras: uma de 1850, outra de 1860 e a terceira depois de 1893. Em cada patamar, o retrato se foi idealizando mais.

A gravura é técnica cara e a foto se tornou o meio iconográfico maior. Eis por que numerosos retratos são obra de fotógrafos que aportam as suas variantes: retratos retangulares e não mais ovais; o Padre Champagnat segurando sempre o crucifixo na mão direita e um livro na esquerda. Muitas vezes, o rosto não é inspirado em Ravery. O retrato de transição³⁴ provém da casa “Fotografia Universal”, 35, rua Victor Hugo, em Lyon. Provavelmente a data é posterior a 1885³⁵. Aí encontramos sempre o oval, e a cabeça de Champagnat é muito similar àquela do retrato Ravery. Em compensação, ele

³² É pouco provável que lhe tenha feito chegar uma gravura de cobre.

³³ Mas as cartas administrativas não permitem saber se esse projeto se realizou.

³⁴ AFM 194.1/121

³⁵ É a data do falecimento de Victor Hugo.

tem um livro na mão esquerda. Digamos, portanto, que, a despeito de variantes cada vez maiores, e provavelmente de reticências, o retrato Ravery criou um arquétipo icográfico incontornável, simples-

mente porque, em que pese a sua insuficiência, é o único retrato autêntico. Mas a emergência de um documento até então desconhecido apareceu, no começo de 2004, para difundir alguma inquietação.



2º. EMERGÊNCIA DO DOCUMENTO PERTURBADOR: A FOTO ARNAUD

Em 3 de janeiro de 2004, o senhor Marius Arnaud, bisneto de Philippe Arnaud, sobrinho de Marcelino Champagnat, que viveu em La Valla e l'Hermitage, visitou l'Hermitage com a filha. Ele pergunta ao Ir. Gabriel Michel qual é a melhor imagem de Champagnat de posse do Instituto. Diante do bilhete postal que representa o retrato de Marcelino, feito por Ravery, pai e filha contestam: “Temos algo melhor em casa: Marcelino no leito de morte e é foto”. Gabriel Michel fica cético.

Em 4 de janeiro, Arnaud retorna com o original. É foto de papel fino, de formato 14 X 10, colado sobre cartão de 16 X 10,5 e assaz espesso, com as coordenadas do fotógrafo no verso: Maurice Scheuring, em Lyon. O papel representa a cabeça e o busto de um sacerdote defunto, de perfil, deitado

em leito e revestido do hábito eclesiástico tradicional: rabá, sobrepeliz, grande crucifixo de missionário. A semelhança com o Padre Champagnat é espantosa, mesmo levando em conta que a vista de perfil propende a atenuar os traços afundados do morto.

2.1 - Uma foto que data de 1900 aproximadamente

Em 5 de janeiro, Arnaud apresenta o original a diversos Irmãos de l'Hermitage; o Superior Michel Morel informa o Conselho geral da descoberta desse documento estranho. Informado e solicitado a estudar a questão, entrevistei o senhor Arnaud, com o Ir. Gabriel Michel e o Ir. Michel Morel. A semelhança, com efeito, me parece perturbadora, mas o documento deve ser muito recente. Em Lyon, consultei nos arquivos municipais os “indicadores”³⁶ do século XIX, em busca de sinais desse fotógrafo.



³⁶ Hoje diríamos anuários.

O “indicador” Fournier de 1896 e de 1897 não comporta nenhum Scheuring na rubrica dos fotógrafos. Encontrei-o no “indicador” Henry de 1901³⁷ e de 1903³⁸. Em 1908, ele é assinalado como antigo fotógrafo³⁹. Em busca de precisões complementares, telefono aos numerosos museus franceses de fotografia, os quais desconhecem essa personagem. Por fim, o Museu Nicéphore Niépce⁴⁰ de Châlons-sur-Saône assinala que Scheuring figura na obra de J. M. Voignier, *Répertoire des photographes de France au XIX^o siècle*, em forma muito sucinta: «Fotógrafo de Lyon, 33 rue Romarin, por volta de 1900 “, o que confirma o que eu havia achado. Encontrei mais duas fotos desse fotógrafo, praticamente desconhecido dos especialistas.

2.2 - Seria cópia de um daguerreótipo?

Explicitado esse ponto capital, cumpre examinar se a foto não é cópia de um documento mais antigo, produzido segundo a forma primitiva de fotografia, sobre placa de cobre prateado, chamada *daguerreótipo*, do nome do seu inventor: Daguerre. Este processo, que pode exigir uma pose de vários minutos, foi posta em domí-

nio público em 1839 e suscita embaraço imediato. Em Strasbourg, Lyon e Marseille, desde janeiro de 1839, a imprensa fala dessa invenção. Demonstradores de daguerreótipos irrompem nos grandes centros e começam a vender retratos. Por exemplo, em Lyon P.F. Duran adquiriu o material em agosto de 1839 e realiza grandes demonstrações na cidade, com “pose de sete segundos”.

Uma imagem *daguerreotípica* de Champagnat, portanto, é cronologicamente possível, ainda que muito improvável; rigorosamente, pode-se admitir uma “foto” com este invento em 6 ou 7 de junho de 1840. Poderia ser realizada por algum daguerreotipista ambulante, por encomenda da família Arnaud, ou Ravery, preocupado este em guardar um documento útil na realização do retrato, ou ainda algum dos notáveis de Saint Chamond, amigos e benfeitores do Pe. Champagnat, como Victor Dugas, Antoine e Eugene Thiollière, Antoine Neyrand, Richard-Chamboret, Royer de la Bastie, Montagnier Gayot⁴¹.

Notemos, de passagem, que o processo verbal do falecimento e da sepultura do Pe. Champagnat é muito

³⁷ p. 1699 in “Répertoire alphabétique des principaux habitants de Lyon” e p. 2234 na rubrica “Photographes” .

³⁸ p. 1709 et 2265.

³⁹ p. 1744. Ele não figura mais na rubrica “photographes” .

⁴⁰ Ele é considerado como o inventor do processo fotográfico.

⁴¹ Ato do falecimento e sepultura do Pe. Champagnat, Circulares, T.1 p. 323-4, e Anais do instituto, do Ir. Avito) T.1 p. 308. Entre os primeiros interessados pela invenção de Daguerre contam-se artistas de retrato, ricos amadores que podiam adquirir um equipamento, relativamente caro; farmacêuticos habituados a manipular produtos químicos.

incompleto, dado que não menciona numerosas visitas efetuadas pelos pais e amigos leigos e eclesiásticos, durante os dois dias da sua exposição. As visitas seriam numerosas, até porque o próprio Pe. Champagnat era um notável. Veja-se o caso de 1835: em época de sufrágio censitário, Champagnat paga suficientes impostos, dado que é contado entre os eleitores⁴². Acrescente-se que Saint Chamond está ligada às raras linhas da nascente ferrovia da França de então; seria muito fácil que um daguerreotipista comparecesse por chamado de alguém.

Ei-la, hipótese sedutora mas frágil. Em particular, por que os textos maristas não falam disso? Por que a família Arnaud não comunicou antes, não a imagem daguerreotípica que não era reproduzível, mas pelo menos a foto de 1900? Desse modo, a menos que se encontre a imagem daguerreotípica original, ou documentos que façam clara alusão ao fato, não há como patrocinar a sedutora hipótese repleta de incógnitas. Ainda assim...

2.3 - O 'pormenor' bom de briga

Examinando com atenção a foto, dei-me conta de que o defunto, acima do supercílio do olho esquerdo, tinha uma cicatriz bastante

visível. Ora, os passaportes do Padre Champagnat de 1836 e 1838 indicam como sinais particulares “uma leve cicatriz no alto da face esquerda e outra acima do olho direito”.

Pode-se objetar que a cicatriz da foto está acima do olho esquerdo e que a face esquerda do defunto não tem nenhuma marca. Certo, é característica da imagem daguerreotípica⁴³ inverter as imagens, como os espelhos. Portanto, se uma imagem daguerreotípica está na origem da foto Arnaud, vemos o perfil direito da personagem. Há, pois, extraordinária coincidência entre o documento e um sinal particular de Champagnat, demonstrado em documento histórico; por outro lado, a inversão da cicatriz estabelece a hipótese séria de imagem de daguerreótipo na origem da foto. Não se pode excluir que o defunto da foto Scheuring seja Champagnat.



⁴² Anuário de la Loire de 1835, por M. Buchet, chefe de divisão na prefeitura, Arquivos departamentais de la Loire, PER 756-1. O Pe. Champagnat é um dos 103 membros do 'colégio' da segunda circunscrição eleitoral com sede em St. Chamond. Nesse ano ele pagou 246,35 francos de impostos.

⁴³ No começo. A seguir, criam-se os inversores.

3º IMPORTÂNCIA E LIMITES DA TRADIÇÃO ARNAUD

Os indícios observados acima são assaz robustos para que não se descarte a hipótese de que se trata do Padre Champagnat. Importa agora examinar outros argumentos, de menor certeza, mas que importa não desprezar.

3.1 - A tradição da família Arnaud

Vamos ao que diz um informe do correio de Marius Arnaud, em 20 de abril de 2004.

“A nossa filiação, no concernente ao nosso parentesco com Marcelino, tem a sua origem no casamento de Bento Arnaud com Maria Ana Champagnat, em 29 de janeiro de 1799. Da união nasceram oito filhos, entre os quais Filipe (1805-1886), que desposou Joana Patouillard. Eles tiveram oito filhos: João Batista, Maria Josefina, Antonieta, nossa tia-avó (1844-1937), João, Vicente, Camilo, nosso avô (1859-1933).

Filipe, de quem se conhece o percurso junto do seu tio Marcelino, por ocasião da construção de N. D. de l’Hermitage, primeiro morou perto de l’Hermitage; estabeleceu em seguida a sua empresa de marcenaria em La Bruyère, na estrada de St. Chamond a La Valla, sem dúvida depois do falecimento do tio Marcelino (1840). Ele conservou na família diversos objetos:

um relógio, alguns livros religiosos e a foto do seu tio no leito de morte⁴⁴. Como se transmitiu a foto? A nossa tia-avó Antonieta Arnaud-Duculty († 1937), que muito viveu, falecida em 1937 aos 93 anos, guardou a foto. A sua sobrinha Antonieta Arnaud (1896-1995), que esteve ao pé dela até a sua morte, na mesma casa, guardou documentos e fotos de família. Na sua morte em 1995, na idade de 99 anos, Maria Ivone, minha prima, conservou o conjunto. A canonização de São Marcelino em 1999 despertou as nossas lembranças. Por ocasião de um encontro na casa da prima Maria Ivone, nos deparamos com a foto de Marcelino, entre os diversos documentos da família”.

O senhor Arnaud anexa importante adendo à sua carta de 20-4-2004.

Como nasci em 1926, pude conhecer em vida o meu avô Camilo (1859-1933) e a minha tia-avó Antonieta (1844-1937). A nossa tia-avó Antonieta Arnaud-Duculty havia entregado à comunidade de l’Hermitage, no decênio de 1930 aproximadamente, diversos documentos, como livros religiosos etc. utilizados por Marcelino, em casa do seu tio Bento Arnaud, diretor da colégio de Saint Sauveur-en-Rue, no tempo dos seus estudos. O relógio foi entregue alguns anos mais tarde, pelo meu tio Joanès Arnaud (1888-1965)⁴⁵.

Marius Arnaud, portanto, descende do segundo filho de Camilo Arnaud, falecido em 1933. Foi provavelmente no momento da partilha sucessória que o seu filho primogênito Joanès Arnaud (1888-1965) herda o relógio de Marcelino e o deu de presente aos Irmãos, pouco depois.

⁴⁴ Afirmação não confirmada.

⁴⁵ Este relógio foi roubado nas cercanias de l’Hermitage.

3.2 - Crítica da tradição familiar

Pode-se pensar que, se houve a imagem daguerreotípica em 1840, pode ter sido conservada por Filipe Arnaud até 1886. Uma partilha parece ter sido realizada no evento da morte dele: assim, o relógio de Champagnat ficou com Camilo Arnaud e diversos documentos ficaram com Antonietta.

Ainda assim, nada prova que o eventual retrato daguerreotípico tenha sido guardado por ela. Pelo contrário, pode-se imaginar que haja ficado nas mãos de algum primogênito, que poderia tê-lo transformado em foto por volta de 1900, para dar uma cópia a cada um dos seus filhos ou netos. Aliás, as imagens de daguerreotipia, que devem ser conservadas em vidro e ao abrigo do ar, propendem a oxidar-se, em particular nas bordas. Como não é difícil reproduzi-las em papel foto⁴⁶, a família percebe a necessidade de fazê-las copiar em aparelho mais moderno, até porque, por volta de 1900, havia boa razão para tanto: o Pe. Champagnat foi declarado venerável em agosto de 1896; em 1903, a sua causa foi introduzida em Roma. Por que fazer apelo a um fotógrafo lionês, quando St. Chamond e St. Etienne dispunham então de fotógrafos competentes?

A longevidade excepcional da tia-avó Antonietta e o fato de ela não ter tido filhos, por morte prematura do seu marido, explica que o documento não tenha desaparecido por ocasião de partilhas sucessórias. A sobrinha Antonietta Arnaud (1886-1995), estando no mesmo caso, o legado logrou, uma vez mais, escapar da dispersão.

A despeito de certas obscuridades, o documento original, de hipotética daguerreotipia, teria ficado na família, antes de ser reproduzido por volta de 1900. Contudo, se a foto de 1900 é cópia desse documento primitivo, seria lógico que outros exemplares tenham sido feitos e distribuídos aos herdeiros⁴⁷. A descoberta de uma segunda foto iria robustecer consideravelmente a hipótese de que se trata realmente de Champagnat. Por enquanto e apesar de algumas investigações de Marius Arnaud, nenhum exemplar novo foi encontrado. Com maior razão, o retrato daguerreotípico permanece perdido.

A tradição familiar, no concernente ao fato de que se trata de Champagnat, é relativamente pacífica. Primeiramente, Marius Arnaud e a filha, na visita a l'Hermitage, não tinham dúvida da identidade da personagem da foto. Em seguida, duas testemunhas sucintas vieram reforçar essa convicção. A senhora Genevieve Combes,

⁴⁶ A daguerreotipia age como espelho; basta colocar um estofado preto diante da objetiva, para evitar os reflexos. Devo o informe à gentileza de especialista do museu Nicéphore Niépce, de Châlons-sur-Saône.

⁴⁷ A daguerreotipia tem o inconveniente de que a sua imagem não é reproduzível. Eis por que ela não demorou em ser suplantada pela foto moderna.

sobrinha de Camilo Arnaud, este com setenta e dois anos em 2010, escreveu-me, no começo de 2005, que ela tem vaga lembrança de ter visto, na idade de quatro anos, a foto do Padre Champagnat no seu leito de morte. Em telefonema, em 21 de fevereiro de 2005, Jean Arnaud, filho de Joanès, irmão de Marius, me informa que ele viu a foto que se presume do Padre Champagnat, quando tinha doze anos, por volta de 1930, em Creux, bairro de St. Chamond, em casa de Camilo e Margarida Arnaud. Estava junto de outras fotos de família.

Ele adiciona pormenor de alguma importância: a oração se fazia ante um retrato do Padre Champagnat, de formato 30 X 25, certamente cópia do retrato Ravery. A família fazia, portanto, sem problema, a ligação entre a foto e o retrato. Mas ela atribuía papel diferente a cada um: a foto era comemorativa e familiar, ao passo que o retrato era de devoção e icônico. Eis por que, sem dúvida, a família não tinha necessidade de comunicar a respeito dessa foto, considerada como bem privado e, em suma, leigo.

A tradição da família Arnaud é, pois, esclarecedora: a foto não deixou a família de 1900 a 1995, aproximadamente, e era considerada como imagem do Pe. Champagnat. No período 1840-1900, ficamos reduzidos a suposições, porquanto nenhum documento nem tradição estabelecida logram confirmar a convicção da fa-

mília Arnaud, ainda que se saiba que a relação entre Filipe Arnaud e Champagnat tinha sido forte e muito bem explicaria que o sobrinho fez questão de guardar a lembrança.

4º. INDÍCIOS EXTRAÍDOS DO DOCUMENTO

Já coloquei em evidência a importância de um pormenor maior: a cicatriz. Debrucei-me de igual modo na veste do defunto e no crucifixo.

4.1 - A estola e o rabá

Na foto, a estola não tem nada que ver com aquela do retrato Ravery. De antemão, isso não se estranha, visto que os pintores, na realização do retrato na oficina, podem pintar as roupas de cores mais vistosas que as da personagem por reproduzir. De igual modo, o rabá de Champagnat vivo não é o rabá do quadro: o real é peça estreita de estofa, que ocupa o alto da batina, enquanto Ravery o pinta muito largo e ligando-se provavelmente em torno do pescoço⁴⁸. No caso, pode-se dizer que Ravery o pintou pautando-se por modelo convencional. Mesmo assim, essas duas diferenças na indumentária entre foto e pintura são perturbadoras.

Por isso pedi que fosse feita uma investigação da estola da foto Arnaud pelo senhor Bernardo Berthod, conservador do museu de arte sacra de

⁴⁸ Ver os numerosos retratos de eclesiásticos em OM ou nos museus que apresentam, pelo menos, dois modelos de rabás. Ver o retrato pintado do Ir. Francisco (1860), cujo rabá é muito largo.

Fourvière e consultor da comissão pontifícia para os bens culturais da Igreja. Eis o que ele me respondeu, em carta de 24 de março de 2004:

“A vossa ideia de datação da vestimenta litúrgica é muito pertinente, visto que há temas decorativos que permitem estabelecer um conjunto de datas. No concernente à fotografia enviada, a estola, que deve ser violeta ou preta, porta um galão de prata, sem dúvida, com motivo de cruz de flor-de-lis inscrita em globo. Esse motivo é de inspiração neogótica e imagino que não se possa encontrar na França antes de 1850-1855. Em 1840, ano da morte de são Marcelino Champagnat, os motivos se ligam ainda à tradição clássica, herdada do século XVIII; há também motivos do Império, mas não é o caso aqui”.

Para a estola, a opinião do especialista seria antes pela negativa.

Quanto ao rabá, formado de dois retângulos ligados ao estofado negro bordado de branco, costuma ser bastante largo e ligado à juntura do pescoço, isto é, à parte interior⁴⁹. Ele aparece por volta de 1760. Foi usado pelo clero francês até 1930. Assim, não se pode utilizar essa peça do hábito para datação precisa. Na foto, o rabá parece muito estreito em relação àquele do quadro Ravery, mas a posição alongada do defunto, que mostra o pescoço, e a visão perfilada não permitem revelar grande diferença.

Um detalhe, porém, interessa: o colo da vestimenta é demasiado grande para o pescoço do defunto e tal ina-

decação faz supor importante e recente emagrecimento, exatamente o que aconteceu a Champagnat⁵⁰.

4.2 - Uma ‘foto’ que parece influenciada

Uma imagem de Champagnat realizada em St. Etienne pelo fotógrafo C. Chol, sucessor de Raphaël Royer (AFM 194.1/151) destoa parcialmente da tradição Ravery e se aproxima fortemente da foto Arnaud. Como nas duas fotos precedentes⁵¹, Champagnat segura o crucifixo na mão direita e um livro na esquerda; mas o crucifixo está mais inclinado e o olhar não parece fixá-lo. O livro, colocado mais baixo que o crucifixo nas outras representações, aqui sobe na altura do coração da personagem.

⁴⁹ Louis Trichet, O traje do Clero. Paris, Cerf, 1986, p. 141, 145, 168.

⁵⁰ Vida, cap. 21 p. 229: “Em todo o inverno ele sofreu muito. A sua alimentação consistia unicamente em alguma sopa, um pouco de leite ou alguns alimentos muito leves».

⁵¹ doc. 194.1/121, fotografia universal, Lyon e fotografia Marmand, St Genis-Laval.



O rosto, pouco marcado, parece-me bastante assemelhado ao retrato Arnaud. Em seguida, o rabá, que na tradição Ravery faz ângulo desagracioso, aqui é normal, como na imagem Scheuring. No hábito eclesiástico é que a foto se revela inovadora. As duas abas da estola, pela primeira vez, estão ligadas por um cordão que comporta uma lande e termina por ornatos. Ora, na foto Scheuring vê-se muito bem o cordão e a lande na qual as suas duas extremidades passam. Não se veem os enfeites vistosos, mas não há dúvida que lá estavam. Além disso, o exame dos bocais que contêm certas relíquias de tecido, encontradas no caixão de

Champagnat, permitiu que descobrisse uma lande e o que resta dos enfeites vistosos. Aliás, o relato da exumação, comunicado aos Irmãos em 15 de janeiro de 1890, (Circulares, t. VIII p. 6) esclarece: “Ao lado dos veneráveis ossos se achavam, ainda em bom estado, landes da estola do bom Pai, botões da sua batina, meias quase inteiras da perna direita⁵²”.

Uma coisa ficou clara: a relação entre a foto Scheuring e aquela de Chol é forte e a representação da estola nelas corresponde à realidade, enquanto Ravery é inexato. Acontece o mesmo com a sobrepeliz: na foto Scheuring, como na imagem Chol, a sobrepeliz é muito simples, desprovida de ornatos, contrariamente à iconografia Ravery, respeitada aí. Quanto à estola, que Ravery apresenta como bordada de motivos dourados, em Chol vem constituída de modesta bordadura, ainda que nela não se ache semelhança nítida com a estola Scheuring.

Consegui datar, embora com aproximação, essa foto Chol. Em 1890, o Anuário do departamento de la Loire indica Royer como fotógrafo em St. Etienne. Em 1895, Chol o substituiu, no mesmo lugar; 27, rua da República. Em 1900, Chol desapareceu do Anuário. Assim, temos um conjunto de datas, de 1891 a 1899. Importa diminuir os espaços; em todo o caso, fica próxima da data da foto Scheuring, por volta de 1900.

⁵² São meias tricotadas e não meias de pano.

Se nada decisivo se pode extrair da comparação, cumpre admitir que o fotógrafo Chol devia dispor de algum modelo bastante seguro para se distanciar da vulgata iconográfica, já fortemente estabelecida e que ele certamente conhecia, dado que respeita os seus grandes aspectos: personagem levemente virada para a esquerda, crucifixo, hábitos litúrgicos. Ele poderia ter conhecido a foto Scheuring.

Outro detalhe singular: a foto não parece portar a marca dos Irmãos Maristas, nem mesmo o nome de Champagnat, como se ela fosse devida a uma iniciativa privada. E como

a foto Chol teria sido obtida? Pela pose de uma personagem similar e ao preço de certos retoques? Pela combinação do desenho e da fotografia: cabeça desenhada e corpo fotografado?

Pela primeira vez, a tradição iconográfica procedente de Ravery parece combinar-se com aquela da foto, em momento que não é anódino, porquanto, em 9 de agosto de 1896, Marcelino Champagnat foi declarado Venerável, na ocasião da sua causa em Roma. Há outras fotos, mais ou menos semelhantes, mas sem o caráter oficial; elas fazem pensar que a iconografia Champagnat se diversifica.



4.3 - Hipótese de que se trata de outro sacerdote

Sabe-se que Eugênia Seux-Arnaud, sobrinha de Champagnat, teve três filhos, dois dos quais se tornaram Irmãos Maristas: Ir. Tharsice (1829-1890) e Ir. Théonas (1840-1902). Um terceiro filho, Camille Seux, tornou-se sacerdote. Provavelmente nascido em 1835, foi aos Estados Unidos, na diocese de Santa Fé, em 1863. Aí morreu com mais de 80 anos, entre 1910 e 1915. Não pode ser ele na foto Scheuring por diversas razões; as datas não coincidem; o defunto não é velho; ele tem rabá galicano, o que seria muito estranho nos Estados Unidos. Enfim, a foto foi feita em Lyon.

Certamente pode-se imaginar que seria um sacerdote da região de Saint Chamond ou de Lyon. Não faltariam sacerdotes falecidos entre 1840 e 1900. Mas seria muito extraordinário que um deles tivesse as características todas da personagem da foto Arnaud: semelhança de impacto com Champagnat até nas cicatrizes, mesma cabeleira, e fronte já desguarnecida. Ainda assim, nunca se sabe o infinitesimal do possível. Isso dito, estamos diante de um desconcertante caso: a foto de sacerdote lionês, morto por volta de 1900, foi tomada como de Champagnat, por causa da semelhança com ele.

4.4 - O problema do crucifixo

Os textos que descrevem Champagnat defunto nos dizem o se-

guinte: “Colocou-se na mão dele a sua cruz de profissão”. O retrato Ravery nos apresenta, efetivamente, Champagnat com uma cruz de grandes proporções na mão direita: eixo vertical muito longo em relação ao eixo transversal. Aquela da foto Scheuring, pelo contrário, repousa sobre o peito do defunto. É uma cruz de grande dimensão, que os missionários portavam, e que a tinham na cintura quando pregavam.

O volume 3 das OM apresenta-nos, na p. 114, a cruz de profissão em uso dos Padres Maristas até 1868, formato 9,5 X 6,5, conforme OM nota 1 p.309. Ela tem as extremidades de três lóbulos, não se assemelha à de Ravery, tampouco à da foto Scheuring. Em compensação, um retrato do Pe. Chanel, provavelmente de 1841, cf. OM 4 p.256, ilustração 159, no-lo mostra com grande cruz passada na cintura. Na edição da Vida do Pe. Champagnat de 1989, na p. 335, consta uma gravura do Pe. Chanel, provavelmente mais tardia que a precedente e por ela inspirada, com crucifixo ainda maior, sempre passado na cintura e que muito se parece com aquele que repousa no peito de defunto da foto Scheuring.

O retrato do Pe. Chanel nos leva, pois, a pensar que o uso da cruz de pequeno formato e de feitura complicada, não apreciada por Colin, que a chamava *episcopal*, não estava no costume fundacional da Sociedade. Assim, a presença da cruz de missionário no peito do defunto seria an-

tes argumento a favor da autenticidade: Champagnat e os demais Maristas conservam os crucifixos utilizados na sua qualidade de 'missionários diocesanos', antes da constituição da Sociedade. Ademais, a cruz dos Redentoristas, de formato 30 X 14, com extremidades de metal, é quase idêntica⁵³. Enfim, o Pe. Verger, missionário marista nas Ilhas Salomão de 1841 a 1844, pousa com a mesma cruz, passada na cintura, em retrato de 1860 aproximadamente⁵⁴.

Parece, aliás, que cumpre dizer da cruz pintada por Ravery aquilo que foi dito da indumentária eclesiástica de Champagnat: não procurou a reprodução exata, mas reconstituiu o motivo na oficina de tal modo que ocupa no quadro um lugar conveniente mas não invasor. O pintor parece ter respeitado a altura do objeto, mas reduziu o comprimento dos braços, o que torna o crucifixo um tanto desproporcionado; o Cristo, sobremodo no quadro de Roma, aparece elevado demais, ao passo que no quadro de Saint-Genis-Laval o corpo de Cristo fica mais condizente com a madeira da cruz.

Finalmente, admitido que Champagnat, depois de algumas horas, passou da sua poltrona a um leito de aparato, é normal que se haja posto o seu crucifixo sobre o peito. Ainda assim, subsiste uma estranheza,

visto que na exumação dos restos de Champagnat não se menciona a presença do crucifixo, cuja parte metálica deveria ter-se conservado. O exame dos bocais que conservam os restos diversos, achados no caixão, nada revelou a esse respeito, o que nos leva a pensar que - por razão que desconhecemos - não se enterrou o Padre Champagnat com a sua cruz de profissão.

No testemunho da Circular de 15 de janeiro de 1890 (*Circulaires VIII p. 10*), que relata o exame dos restos do Fundador, declara-se: "Ele jaz na posição em que fora disposto na inumação, com os braços trazidos para o peito e na atitude piedosa que lhe fora dado então". Nenhuma menção de crucifixo nem mesmo do terço, em relato que insiste em detalhes triviais: enfeites da estola, botões da batina e mesmo a meia do pé direito. Em suma, como dizem os dois textos que relatam os funerais: "no domingo de tarde, o corpo, revestido do hábito eclesiástico, foi colocado no caixão de chumbo", sem outro objeto além da placa metálica que afirma que se trata dos restos do Pe. Champagnat. Mas então que foi feito do crucifixo que permitiria, talvez, avançar no problema que nos veio ocupando? Teria seguido o destino de outros objetos perdidos, como a poltrona em que Champagnat ficou exposto?

⁵³ Cruz gentilmente cedida pelo Pe. André Barjon, do Lar das Missões de Champagne-au-Mont d'Or.

⁵⁴ Ele não permaneceu marista. Ver Catálogo da exposição Mar de Coral, terras de missão. Os Maristas na Oceania, 1836-1936. Serviço histórico da Defesa, Toulon. Museu Balaguier, La Seyne sur Mer, de 31 março a 3 de abril de 2006, p. 22. Gentilmente comunicado por Lionel Roos-Jourdan

4.5 - O documento Bérillus

Um caderno, redigido em 1898, no momento do decreto de *venerabili-*

dade do Pe. Champagnat, que se atribui ao Ir. Berilo, assistente, e que retraça a vida de Champagnat, dá algumas precisões interessantes sobre as relíquias do Fundador.

“No dia seguinte da morte do Venerável Servo de Deus, cada um queria possuir algum objeto que houvesse pertencido ao Fundador, mas o Ir. Francisco não cedeu a esses piedosos desejos, para não deixar que se dispersasse tudo quanto se considerava como relíquia. Recolheu no mesmo lugar tudo o que o Venerável havia deixado. As suas relíquias são sempre muito disputadas, procuradas e conservadas. A maior alegria que possamos causar aos nossos Irmãos consiste em lhes enviar alguma lembrança do Venerável Pai: fragmentos de madeira do seu oratório, partes do seu velho manto etc. E não somente os Irmãos do Instituto disputam esses objetos, mas também as pessoas do mundo; pedem-se por toda a parte medalhas, terços ou outros objetos que tenham tocado o seu ataúde. Diz-se que a maioria das famílias de Marlhès ou de La Valla têm o seu retrato nas paredes das salas comuns; em diversas famílias, ele é invocado todos os dias”.

O senhor Elisée Neyrand, prefeito de Chevière, certifica “que o Cristo, ante o qual o Venerável rezava na sua cela, é considerado e conservado, na sua família, como relíquia de um santo”. Certifica ainda “que o médico que cuidou dele na sua vida e sobremodo na sua última enfermidade, e que o conhecia muito bem, tinha pelo Padre Champagnat tal veneração e tão grande respeito pela sua santidade, que guardou o seu terço com máxima ventura, visto que estimava o terço como santa relíquia. No entanto, esse médico, falecido há alguns anos como excelente cristão, não havia tido sempre vida regular no atinente à religião e não cumpria os deveres que nos são impostos pela Santa Igreja”.

Esse testemunho nos indicaria, pois, por que muitas peças mestras entre os objetos pertencentes ao Padre Champagnat desapareceram.

De igual modo, as imagens de Champagnat, até mesmo a foto Arnaud, podem ter constituído substitutos das relíquias. Pessoas ligadas à memória do Pe. Champagnat, à sua custa, teriam feito encomendas e, assim, teria começado uma tradição iconográfica independente daquela do Instituto. Também não se pode-

riam excluir as iniciativas tomadas por certos Irmãos, diretores ou outros, cuidadosos em dispor de retratos do Fundador, retratos melhores que o padrão Ravery, por preços modestos, e tais exemplares poderiam ter sido numerosos.

4.6 - O cabelo do defunto

Outro argumento menor, mas de interesse: o defunto da foto Arnaud tem cabelos longos, como era a moda

eclesiástica da primeira metade do século XIX. Basta para convencer-se olhar os múltiplos retratos que constam nas *Origens Maristas*, que mostram apenas uma exceção: Louis Querbes (1793-1859). O Cura d'Ars, falecido em 1860, sempre teve cabelos compridos. Por volta de 1900, tanto os homens comuns como os eclesiásticos, em geral, têm cabelo curto.

4.7 - Traços hipotéticos de um daguerreótipo sobre a foto

Já afirmei acima que o indício mais significativo do uso da imagem daguerreotípica primitiva era a cicatriz observada acima do olho esquerdo do defunto, que traz a imagem invertida dada por este gênero de aparelho. Mas podem melhorar as nossas observações.

Os formatos das imagens daguerreotípicas eram diversos. Havia mais comumente o formato de meia-placa de 16 X 12,2, isto é, ligeiramente maior que a foto Arnaud, de 14 X 10. Como as bordas de tais imagens, muitas vezes, se oxidavam, era necessário operar um reenquadramento, quando se visava a reproduzir os retratos.

A foto Arnaud, talvez, comporta os traços de tal reenquadramento, porquanto, na borda direita, a orelha do defunto sofreu um corte e na borda esquerda as mãos que seguravam o crucifixo não são mais visíveis. Embaixo, a foto corta igualmente o braço do defunto. Um bom fotógrafo talvez teria cortado o travesseiro, mas

não teria faltado de tomar as mãos do defunto e mostrar melhor o seu braço. Era mais fácil para o braço, dado que o espaço acima do defunto era mais que suficiente e haveria até vantagem, já que evitaria grande mancha escura. O fotógrafo teria obtido a melhor solução possível de um documento deteriorado nas bordas e que, na origem, exibia vista mais completa da personagem.

Essa hipótese não vem corroborada pelo fato de que a foto guardou manchas negras, na parte sombria acima do defunto, e que poderiam muito bem ser marcas de oxidação. Uma mancha clara na extremidade da estola, como alguns pontos brancos aqui e acolá, representam também um problema.

Portanto importa admitir que essa foto não é original, senão que copiou um documento anterior algo deteriorado.

5°. QUEM TERIA TIRADO OU FEITO TIRAR A IMAGEM DAGUERREOTÍPICA?

A hipótese de um retrato daguerreotípico conservado pela família Arnaud, entre 1840 e 1890, não nos parece a mais provável.

5.1 - Hipótese Ravery

Propendemos em favor de que o documento foi conservado na família Ravery. Mas, antes de desenvolver essa

tese, convém expor alguns informes de personagem mal conhecida.

O registro do estado civil de St. Chamond o declara nascido em 6 de agosto de 1800, nesta cidade⁵⁵.

O seu casamento⁵⁶ com Jeanne Garon, em 9 de janeiro de 1824, o nomeia Joseph Ravery, pintor, filho maior, legítimo, de Pierre Ravery, da mesma profissão. Ele morre em 26 de julho de 1868. “Proprietário de capital”, o ex-pintor deixa à viúva uma respeitável soma de 8.385 francos.

Louise-Fleurie Ravery, filha única, desposou François-Marie Butavant, falecido em 8 de março de 1900. Ela, sem filhos, falece aos 72 anos, em 12 de maio de 1900⁵⁷. Ela escolheu Augustine Francine Didier, celibatária, sem profissão, domiciliada em St. Chamond, como legatária universal. Ela deixa um capital de 16.160 francos.

Ravery é completamente desconhecido do museu de arte de St. Etienne. Não figura tampouco no *Dictionnaire des artistes et ouvriers d'art du Lyonnais*⁵⁸. A sua profissão de pintor, porém, é certa. Stéphane Bertholon⁵⁹ o coloca como pintor e o diz amigo do operário especialista Terrasson «grande prestidigitador e grande orador de clubes em 1848”. Na obra *Notre vieux Saint Chamond*⁶⁰, a nossa

velha St. Chamond, François Gonon esclarece que Ravery fez a decoração interior da capela dos penitentes e “deixou alguns quadros que não são sem mérito, entre eles o do Pe. Champagnat. Acrescentemos que ele fez toda a decoração da capela de l'Hermitage em 1836. A sua descrição detalhada pelo Ir. Francisco, retomada pelo Ir. Avito nos *Anais do Instituto* para o ano de 1836, sugere em Ravery talentos de pintura a fresco e para decoração. Ele foi artista de múltiplos talentos.

A invenção da daguerreotipia interessou prioritariamente aos artistas. Ravery poderia ter servido de intermediário para que um daguerreotipista lhe conseguisse um retrato muito útil para completar o quadro encomendado. Esse retrato não teria sido feito ao mesmo tempo que o esboço do quadro, mas no dia 6 ou 7 de junho: o tempo suficiente para fazer vir o eventual daguerreotipista. Nesse momento Champagnat não está mais na poltrona, mas sobre um leito.

No atinente a esse tema, a tomada da vista de perfil constitui bom argumento em favor da tomada de vista antiga, visto que em 1900 os aparelhos da fotografia são bastante leves, pouco exigentes em termos de pausa e de luminosidade, para per-

⁵⁵ Informação fornecida pelos Arquivos da cidade de St. Chamond.

⁵⁶ A. D. de la Loire, Arquivos notariais. Maître Malassaguy de Rive-de-Gier 5E-VT1067DEM-8366.

⁵⁷ A.D. de la Loire, Registros e assentamentos, 3 Q 6759 et 6899.

⁵⁸ Marius Audin e Eugène Vial, Paris, Biblioteca de arte e arqueologia, 1919, T.2.

⁵⁹ Histórias de St Chamond, 1927, p. 268.

⁶⁰ 1944, p. 41.

mitir ângulos de tomada de vista de frente, mesmo em personagens deitadas. Mesmo no decênio de 1850, os retratos *post mortem* apresentavam os defuntos de frente ou, pelo menos, de tal sorte que os dois lados da face sejam visíveis. O ângulo de tomada de vista sugere, pois, um material pouco cômodo.

Pode-se supor que Ravery tenha podido valer-se do retrato daguerreotípico na realização do retrato na oficina e que o tenha guardado. A sua filha única deve tê-lo herdado e, em 1900, na sua morte, haja sido herdado pela sua legatária universal: Augustine Didier. Esta, havendo reencontrado a imagem daguerreotípica e consciente do seu valor comemorativo, no momento em que o Pe. Champagnat aparece potencialmente como santo, teria permitido à família Arnaud de mandar tirar cópia do retrato, a essa altura, possivelmente, deteriorado.

Pode-se perguntar se não é nesse mesmo momento que Augustine Didier doa aos Irmãos de l'Hermitage o retrato que aí se conserva ainda hoje. Certamente, uma tradição, difundida atualmente pelo Ir. Jean Roche, afirma que esse retrato foi dado ao Ir. Francisco em 1860, mas sem nenhuma comprovação. Tal doação seria mais provável em 1868, na morte de Joseph Ravery, ou em 1900, no falecimento da sua filha única.

Versa-se aqui toda uma cascata de hipóteses; além disso, no curso de 2006, a pista do testamento da senhora Butavant, filha de Joseph Ravery, parece esfumar-se definitiva-

mente, dado que este documento, registrado em 4 de maio de 1900, em casa de mestre Cartier, notário de St. Chamond, e reencontrado por Marius Arnaud, não dá nenhum inventário dos bens legados.

5.2 - Hipótese Evrard

Consultei o *Repertório dos fotógrafos da França no século XIX*, publicado em 1993, e que menciona como único daguerreotipista de la Loire, nos anos de 1840, certo Evrard. O autor, senhor Voignier, que consultei, encontrou o nome dele numa obra de J. Thierry, lionês: *Explicações francas sobre o emprego do seu líquido invariável... precedidas de uma história abreviada da fotografia*, publicada em Paris e em Lyon em 1847. Thierry louva Evrard “pela perfeição das suas provas”.

Provavelmente se trata de Charles Albéric Romain Evrard; este desposa, em 26 de julho de 1841, Marie Anne Virginie Girodet. Evrard nasceu em Cambrai, Norte, em 21 de agosto de 1808 ou 1809; saiu da escola de minas de St. Etienne em 1830. Em 1841 é engenheiro de minas, isto é, personagem assaz rico e de bom nível científico, como a maioria dos primeiros daguerreotipistas. Além disso, ele pertence ao mesmo ambiente dos notáveis industriais com relações estreitas com Champagnat, como os senhores Génissieux, Thiollère e Neyrand.

Longas pesquisas nos Arquivos Departamentais de la Loire me permiti-

ram situar Evrard. Diretor da mina das três bacias (Unieux, Fraisse e Firminy). Evrard parece que foi arrastado à falência em 1865. Ele morreu em 1872, indigente e endividado. A sua esposa Anne-Marie Girodet morreu em St. Etienne, em 13 de fevereiro de 1892. A sua morte, talvez, tenha relação com a publicação da foto Chol, já que o patrimônio Evrard, nesse momento, poderia estar muito disperso. Jules Evrard, filho de Charles Evrard e A.M. Girodet, inscreve-se como advogado na banca de St. Etienne em 1869. No começo do século XX, foi considerado como notável da cidade e é provável que a situação econômica da família se houvesse melhorado depois de 1870.

No somatório final, a pista Evrard decepciona, embora seja certo que um Evrard tem praticado a daguerreotipia nos decênios de 1840 e 1850.

CONCLUSÃO E BALANÇO

Na saída deste estudo, a questão permanece aberta. Por um lado, dispomos de fortes indícios para pensar que a personagem pode ser o Padre Champagnat:

- Semelhança impressionante⁶¹.
- Cicatriz acima do olho direito, documentada no passaporte e representada à esquerda na foto, o que leva a pensar que se trata de

imagem invertida, como as que se obtinham com a daguerreotipia primitiva.

- Convicção da família Arnaud.
- As objeções também são importantes:
- Nenhuma fonte escrita ou iconográfica para confirmar este documento de maneira decisiva.
 - A tradição Arnaud não remonta a tempo anterior a 1900 e que se documente por uma foto.
 - Dificuldade em crer que um daguerreótipo pudesse ter operado aí, menos de um ano depois da difusão do invento. E por quem teria sido?
 - Indícios secundários contraditórios, como a indumentária e o crucifixo.

Permanece uma pergunta tão desafiadora como aquela que abordamos, e que seria capaz de fechar o debate: *Se esse retrato não é o de Champagnat, de quem se trata?* [Estado menor do tradutor: “O desprazimento da pergunta abona a causa da legitimidade da foto”].

Na hora atual esse retrato não pode representar uma via iconográfica complementar daquela de Ravery. Em compensação, o seu estudo permitiu de melhor compor o contexto em que se realizou o retrato Ravery e de apontar as obscuridades na sua realização e na sua difusão.

⁶¹ O senhor Arnaud me contou que, logo que foi fazer a fotocópia do documento em St. Chamond, a senhora que efetuou a operação, de imediato, pensou que se tratava do Pe. Champagnat. Eu próprio, tendo apresentado uma cópia do documento a um habitante de St. Genest Malifaux, este claramente me fez ouvir que ele não via por que eu me dava tanto serviço em provar o que era evidente no primeiro olhar.

Enfim, a documentação ultrapassa largamente a questão da autenticidade ou não da foto Arnaud, porquanto apresenta o problema de uma iconografia do Pe. Champagnat que deriva das iniciativas locais de membros da Congregação, ou até mesmo de pessoas ou de grupos pouco ciosos em reportar-se a uma imagem oficial, dado que Champagnat é o seu santo tanto quanto dos Irmãos Maristas. Desse modo, a semelhança impressionante

entre o sacerdote da foto Arnaud e Champagnat pode ter suscitado entre alguns a convicção de que se trata do homem que eles veneravam, sem que lhes ocorresse verificar a autenticidade do documento. Muito mais investigações, assim, são necessárias e, para avançar no estudo da foto Arnaud a Comissão do Patrimônio pensou em explorar uma via original, em que o Ir. Ivo Antonio Strobino vai dar o resultado num dos artigos seguintes.

FOTO ARNAUD, RETRATO RAVÉRY E CRÂNIO CHAMPAGNAT

Resultados de uma análise científica



**Ivo Antônio
Strobino, fms**

*Província marista
Brasil Centro-Sul*

○ aparecimento em 2004 da *foto Arnaud* provocou vivo interesse da parte de alguns Irmãos mais diretamente ligados à pesquisa sobre o Fundador, por tratar-se de fotografia que estava de posse da família do senhor Marius Arnaud, descendente direto de Philippe Arnaud, sobrinho de Marcelino Champagnat, e por retratar um sacerdote no leito de morte, com impressionante semelhança fisionômica do Pe. Champagnat.

O Irmão André Lanfrey, coordenador da Comissão do Patrimônio Espiritual Marista, interessou-se de modo especial por este achado e realizou pesquisas específicas sobre alguns elementos particulares fornecidos pela fotografia: datação, oficina fotográfica que a produziu, processo utilizado na gravação da imagem, tipo de vestes sacras representadas na imagem, sinais particulares etc. Também procurou sequenciar a árvore genealógica da família Arnaud, tentan-

do compreender quando e como a fotografia foi realizada e que caminhos ela seguiu até chegar às mãos de Marius Arnaud que, gentilmente, apresentou a fotografia aos Superiores de l'Hermitage, em janeiro de 2004. Os trabalhos do Ir. Lanfrey sobre o assunto constituem o texto de outro artigo neste mesmo número de Cadernos Maristas.

Por ocasião da reunião anual da Comissão Internacional do Patrimônio Espiritual Marista em Roma, no mês de junho de 2005, a foto Arnaud foi um dos temas da pauta de trabalhos. Na ocasião foi decidido encomendar um estudo científico aprofundado, fazendo-se comparação entre a **fotografia** e a réplica do **crânio** de Champagnat. A tarefa ficou a meu encargo, em nome dos Irmãos brasileiros, por causa de um trabalho científico nessa área, realizado anteriormente no Brasil, conforme se relata a seguir, na primeira parte deste artigo.

PRIMEIRA PARTE

Reconstituição craniométrica e facial da cabeça de Champagnat

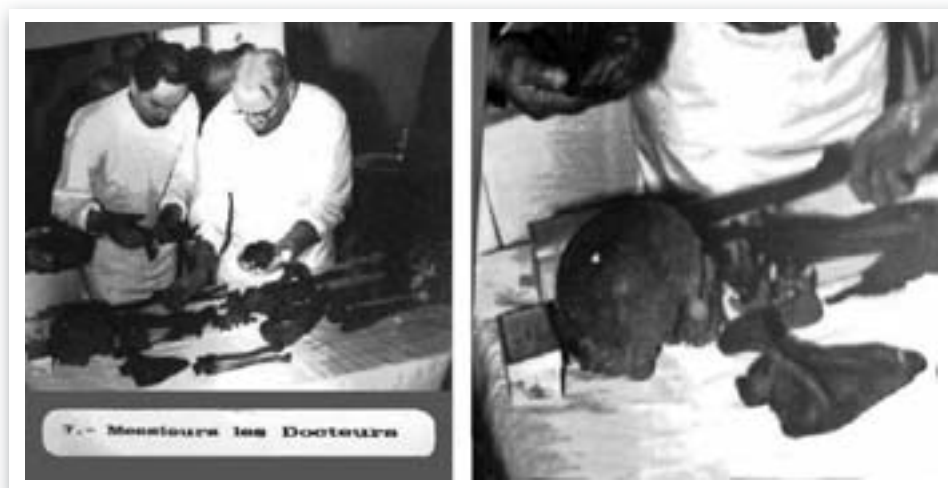
1. RÉPLICA DO CRÂNIO DE MARCELINO CHAMPAGNAT

Sabe-se que, no ano de 1955, quando foi feita a exumação dos restos mortais de Marcelino Champagnat em vista da sua beatificação, vários dos seus ossos foram encontrados inteiros: fêmur, tíbia, falanges e, entre eles, o **crânio**. Estava ainda com seu formato global intato, conforme fotografias tiradas na ocasião. Depois de limpos, autenticados e devidamente tratados, aqueles ossos foram preparados para serem novamente guardados como relíquias sagradas. Enquanto se aguardava a chegada da nova e preciosa urna das relíquias,

que se encontra atualmente no altar próprio da Capela de l'Hermitage, surgiu a feliz idéia de se confeccionar um molde do crânio. Então, a partir do molde, algumas cópias do crânio de Marcelino Champagnat puderam ser realizadas.

2. RECONSTITUIÇÃO CRANIOMÉTRICA

No ano de 1997, os Irmãos Provinciais do Brasil aprovaram um projeto apresentado pelo SIMAR, Secretariado Interprovincial Marista, sugerindo um trabalho científico de *reconstituição craniométrica* do rosto de Marcelino Champagnat. Uma réplica do crânio já



Em 1955, exumação dos ossos de Champagnat; destaque para o crânio, ainda intato.

havia sido trazida ao Brasil; a partir dela, seria possível realizar o projeto. O Irmão Roque Brugnara, secretário executivo do SIMAR, juntamente com o Ir. Cláudio Girardi, que tinha sido Conselheiro Geral, estiveram à frente do projeto. Os trabalhos científicos foram encomendados à equipe do Dr. Badan Palhares que, na época, era autoridade brasileira de renome no setor da reconstituição pericial dentro do campo da criminalística.

Sobre uma cópia do crânio de Champagnat, uma vez corrigidas as lacunas de ossos e cartilagens faltantes, foram colocadas camadas de cera plástica apropriada, em espessuras rigorosamente iguais à média da espessura normal do tecido e da pele do rosto humano. Produziu-se assim o arcabouço completo da cabeça de um homem, com as proporções fornecidas pela cópia do crânio: trata-se do *arcabouço* do que teria sido a cabeça de Marcelino Champagnat em 1840.

3. RECONSTITUIÇÃO FACIAL

O trabalho seguinte consistiu em definir a aparência que seria dada àquela *arcabouço* de cabeça, de modo que formasse um rosto humano com expressão fisionômica correspondente à personalidade de Marcelino Champagnat. O trabalho foi encomendado a dois artistas plásticos: Cícero Davila e Marco Antonio Cavallari, ambos de São Paulo. Eles tiveram acesso às várias descrições do caráter de Marcelino Champagnat e puderam apreciar algumas imagens representativas do Fundador, sobretudo o *retrato Ravery*. A tentativa dos dois artistas plásticos de vivenciar a personagem retratada consistiu em dar “expressão” ao rosto: cabelo, coloração da pele, brilho do olhar e feição conjunta. Infelizmente, o resultado não foi do agrado geral, por conta da “imagem idealizada” que todos



Fases da reconstituição craniométrica

temos do Fundador. Somos influenciados por pinturas que, ao longo da história, apresentaram estereótipos

de Marcelino, segundo as concepções artísticas, estéticas e espirituais dos seus autores.



Ensaio de reconstituição facial a partir das dimensões fornecidas pela réplica do crânio.

4. EM BUSCA DE UM RETRATO OFICIAL

Em 1998, quando no Brasil estava sendo desenvolvida essa fase da reconstituição facial, em Roma era anunciado o reconhecimento de um milagre atribuído ao Pe. Champagnat, o que finalizava o longo processo da sua canonização. Então, ainda antes que o Vaticano divulgasse a data do esperado evento, na Casa Generalícia foi constituído um grupo de trabalho para preparar todos os aspectos materiais e sociais da canonização; era o grupo pró-canonização.

Uma das preocupações do grupo foi definir o *retrato oficial* do novo santo da Igreja, retrato que serviria não só para a divulgação de imagens, mas seria reproduzido na grande pintura

prevista para a fachada da Basílica de São Pedro, no dia da canonização.

O Irmão Benito Arbués, Superior Geral, no dia 9 de outubro de 1998, enviou carta ao secretário executivo do SIMAR, solicitando apressamento no trabalho que estava sendo feito, para que o grupo pró-canonização pudesse dispor do resultado daquela reconstituição facial, como elemento de ajuda na escolha do *retrato oficial*. Como resposta ao apelo do Irmão Benito, logo foram mandadas fotografias do trabalho, no estágio em que o mesmo se encontrava, embora não estivesse de todo finalizado.

Ao examinar as fotografias, o grupo pró-canonização elogiou o trabalho de reconstituição **craniométrica**, pelo contributo dado na recuperação das proporções exatas do rosto, mas não

achou boa a reconstituição **facial** de Marcelino, pela falta de uma expressão mais dinâmica e mais cheia de vida no rosto apresentado. Havia carência de simpatia e de atrativo no resultado final. Posteriormente, com a escolha da pintura de Goyo como retrato oficial da canonização, o trabalho que a equipe brasileira do SIMAR desenvolvia foi interrompido, sem insistência junto aos

artistas plásticos para que a expressão daquele rosto fosse corrigida para um semblante mais entusiasta e sereno, menos triste e menos sério. As peças principais do trabalho de reconstituição do crânio e da face de Marcelino, devidamente acondicionadas, foram enviadas posteriormente para Roma. Encontram-se nos arquivos da Casa Geral.

SEGUNDA PARTE

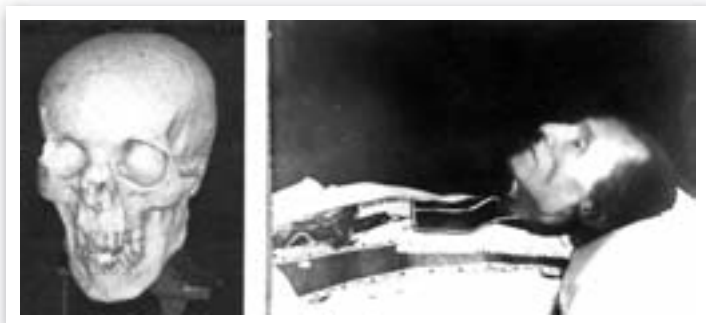
Comparação da foto Arnaud com a réplica do crânio

No Brasil, após a reestruturação das seis Províncias existentes até 2002, fora criada a UMBRASIL, organismo coordenador das atividades maristas em nível nacional. É o organismo que substitui e amplia aquilo que, antes, era o SIMAR. Foi por mediação da UMBRASIL que se encaminhou o projeto científico da análise comparativa da foto Arnaud.

No mês de maio de 2007, na cidade de Brasília, o Ir. José Wagner Rodrigues da Cruz, secretário executivo da UMBRASIL, e o senhor Pedro José Radaelli, seu assessor para relações

interinstitucionais, entraram em contato com o **Dr. Malthus Fonseca Galvão**, médico legista, autoridade notória em Antropologia Forense, Catedrático da Universidade Católica de Brasília, atuante no Instituto de Medicina Legal do Distrito Federal e no setor de Criminalística da Polícia Técnica. Obtiveram dele a sua anuência para realizar a comparação científica da *foto Arnaud* com a réplica do crânio de Champagnat.

A conclusão da análise científica foi tornada pública no dia 6 de dezembro de 2007, pelo Laudo 19.898/2007



A réplica do crânio de Champagnat e a “foto Arnaud”.

do Laboratório de Antropologia Forense de Brasília, dando um resultado negativo, isto é, afirmando a não concordância entre a foto e o crânio. Alguns passos desse estudo estão sintetizados nos parágrafos seguintes.

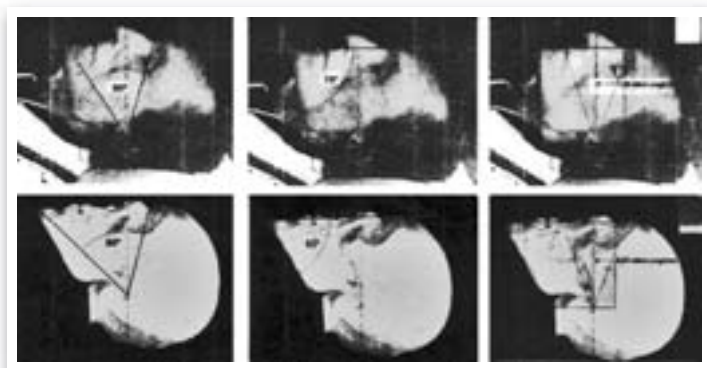
1. COMPARAÇÃO ANGULAR

O ângulo formado por pontos específicos do rosto na fotografia diverge do ângulo formado pelos pontos correspondentes do crânio. Foram tomados por base três pontos cranio-

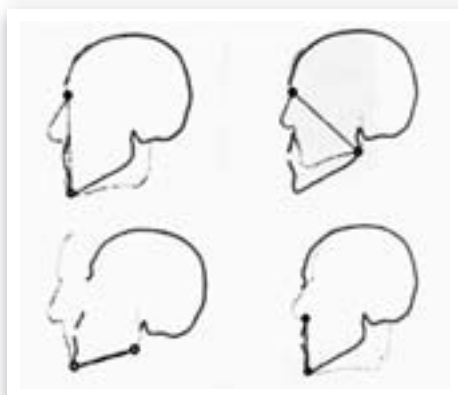
métricos importantes: pórion, pogônio e násio.

2. COMPARAÇÃO DO CONTORNO FACIAL E CRANIANO

A linha de contorno facial/mandibular da fotografia, redimensionada na devida proporção, não coincide com o contorno do crânio. Fazendo-se coincidir dois a dois alguns pontos básicos, observa-se que o restante das linhas de contorno se distanciam sensivelmente.



Divergências nas medidas angulares.



Divergências na tentativa de sobrepor as linhas de contorno.

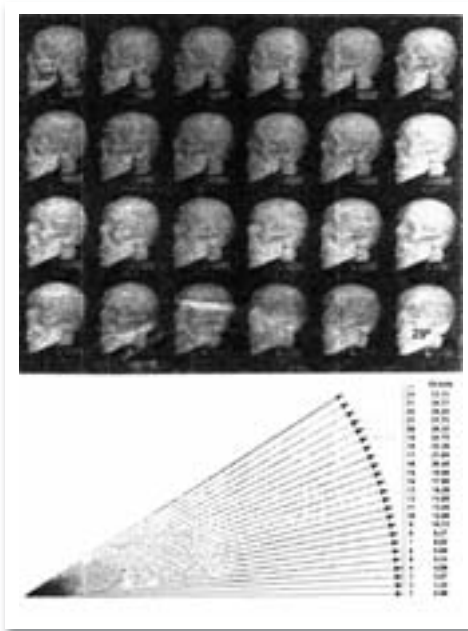
3. LÁBIOS FECHADOS E ARCADA DENTÁRIA ABERTA

A fotografia mostra um rosto com os lábios fechados. Isso não impede que, internamente, a posição mandibular possa estar aberta ou fechada. Como o crânio apresenta a arcada dentária fechada, por meio do computador foi feita a projeção de uma

abertura mandibular para verificar se, nessa hipótese, haveria alguma coincidência das linhas de contorno analisadas. Ainda nesse caso permanecem as discordâncias.

4. ROTAÇÃO MILIMÉTRICA DO CRÂNIO

Na tentativa de se obter uma posição do crânio exatamente igual àquela do rosto representado na fotografia, foi feita rotação milimétrica do crânio. Nenhuma das diversas posições obtidas apresentou coincidência significativa nas linhas de contorno analisadas.

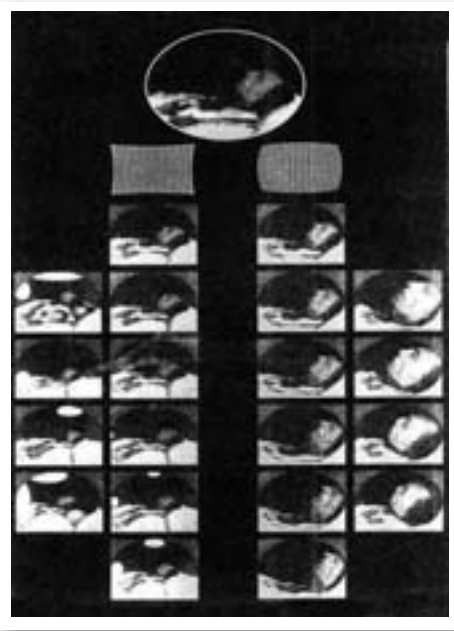


Variações milimétricas da posição do crânio.

5. DISTORÇÃO DE ESFERICIDADE

A *foto Arnaud* é reprodução de um *daguerreótipo*, isto é, imagem dos primórdios da técnica fotográfica, quando o resultado obtido quase sempre apresentava pequenas distorções nas bordas.

Na hipótese de que a *foto Arnaud* esteja distorcida e que, por isso, não eram obtidos pontos significativos de coincidência com o crânio, foram feitas distorções convexas e distorções côncavas na foto. Nenhuma das novas posições obtidas resultou satisfatória.



Distorções de esfericidade na fotografia.

6. CONCLUSÃO DA ANÁLISE

O estudo traz ainda vários outros pontos de análise, não relatados neste artigo, todos eles mostrando a incompatibilidade do perfil do crânio com o perfil do rosto fotografado. A divergência mais acentuada é a da mandíbula e queixo, que são mais alongados no crânio do que na fotografia. O laudo pericial conclusivo, assinado pelo Dr. Malthus Fonseca Galvão e pelo seu auxiliar, o médico-legista Dr. Elvis Adriano da Silva Oliveira, traz estas afirmações:

1. *a fotografia analisada é incompatível com a réplica do crânio estudado;*
2. *a pessoa da qual foi feita a réplica craniana não é a mesma pessoa retratada na fotografia.*

7. CONTRAPROVA

A conclusão acima nada afirma a respeito do Fundador; apenas diz que a pessoa retratada não é a mesma do crânio. A questão, portanto, permanecia aberta pelo interesse em identificar a pessoa da foto: um sacerdote com cabeleira e trajas semelhantes aos de Marcelino Champagnat, apresentando pequena cicatriz acima do olho direito, pormenor impressionante, pois o Passaporte de Marcelino, do ano de 1836, descreve também a existência de “pequena cicatriz acima do seu olho direito”.

Quando apresentei o resultado da análise científica aos membros da Co-

missão Internacional do Patrimônio, na reunião anual em Roma, em junho de 2008, surgiu o seguinte e óbvio questionamento: **o crânio que serviu para a comparação com a foto é verdadeira réplica do crânio de Champagnat?**

Embora dispondo dos documentos que retraçam o itinerário da obtenção e transporte para o Brasil daquela réplica, o questionamento era lógico, pois podia ter acontecido que, por alguma circunstância inadvertida, a réplica do crânio utilizada fosse falsa, o que invalidaria todo o estudo feito. Foi então que surgiu a idéia de se pedir à equipe do Dr. Malthus, no Brasil, que fizesse um trabalho de contraprova, confrontando dessa vez o **crânio com a pintura de Ravery.**

Sabemos que a pintura realizada por Ravery é a representação mais exata que temos do Fundador, apesar de que ele tenha sido retratado já morto. Então, para a realização da contraprova, o raciocínio teria como resultado uma das duas vertentes seguintes.

1. Se o crânio apresentar linhas e pontos de concordância com a pintura, teremos a comprovação de que o crânio é verdadeira réplica do crânio de Champagnat.
2. Se o cotejo do crânio com a pintura der negativo, isto é, apresentar discordâncias notáveis, teremos de admitir que o crânio não é de Champagnat, ou que a pintura realizada por Ravery foi mal feita do ponto de vista estético, não reproduzindo de forma exata as pro-

porções craniométricas do rosto do defunto.

A realização da contraprova foi encomendada no início do ano de 2009. O resultado da análise saiu no dia 16 de junho de 2009 e consta no Laudo

Pericial nº 24136/09 do Laboratório de Antropologia Forense de Brasília. O Laudo está assinado pelo Dr. Malthus e por outro membro da sua equipe, o médico legista Dr. Cristofer Diego Beraldi Martins. Damos, a seguir, alguns itens desse trabalho.

TERCEIRA PARTE

Concordâncias entre o crânio e a pintura Ravery



O retrato Ravery e a réplica do crânio

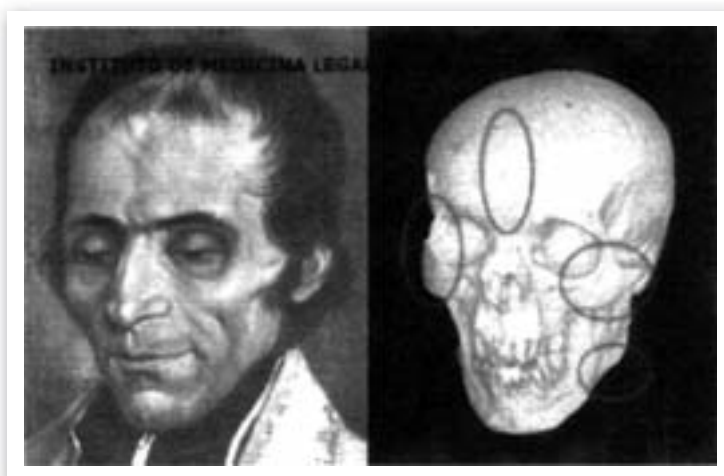
O trabalho científico encomendado foi a análise comparativa da réplica do crânio com o retrato de Marcelino, pintura a óleo executada por Ravery no dia da morte do Fundador. O retrato Ravery, por se tratar de pintura, é concepção artística. Sabemos que, na representação artística, nem sempre o original retratado aparece com proporções e características exatas, pois o artista sempre é livre para dar

destaque aos elementos com os quais mais sintoniza. Levando-se em conta que o objeto da análise é *pintura* e não *fotografia*, a análise do retrato Ravery foi feita muito mais pelo seu lado *cranioscópico* do que pelo lado *craniométrico*, ou seja, investigaram-se as características fisionômicas marcantes, sem submetê-las a medidas lineares ou angulares rigorosas.

1. OITO SEMELHANÇAS MARCANTES

O crânio foi fotografado em ângulo o mais aproximado possível daquele do retrato Ravery. A foto do crânio e o retrato Ravery, quando colocados lado a lado, apresentam semelhança em oito pontos característicos importantes:

1. na depressão frontal mediana;
2. na forma geral do crânio;
3. na forma mentoniana;
4. na proporção entre os terços frontais;
5. na hipoplasia sinusal e pronúncia zigmática;
6. no contorno da base mandibular e do seu ângulo;
7. no aspecto dos arcos sobreorbitários e da glabella;
8. na proporção craniofacial.



Indicação dos pontos de visível concordância.

2. PROBABILIDADES

Pode-se aventar a hipótese de que, na época do Fundador, na região em que viveu, outras pessoas também pudessem ter tido algumas dessas suas características faciais marcantes e que, nesse caso, a réplica do crânio poderia ser não de Marcelino, mas de alguma outra pessoa. Qual a probabilidade de isso acontecer? Aplicando-se o cálculo das probabi-

lidades (não incorporados neste artigo), resulta que a chance de encontrar outra pessoa com as mesmas oito características faciais assinaladas é de apenas 1,05%. Incorporada tal probabilidade, o Laudo do Dr. Malthus e equipe se conclui com esta afirmação: **por aproximação, resulta uma probabilidade de 98,95% de que a réplica do crânio analisado é da mesma pessoa representada no retrato Ravery.**

Esse resultado nos oferece a segurança de que a réplica do crânio não é falsa nem abusiva, validando, portanto, as análises feitas a partir dela.

CONCLUSÃO

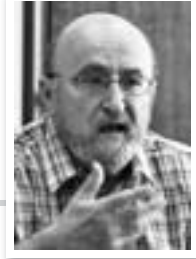
A descrição dos trabalhos de análise técnica e científica do Laboratório de Antropologia Forense de Brasília, relativamente ao cotejo do crânio de Champagnat com a *foto Arnaud*, descrição que se insere no tema geral da *iconografia* do Fundador, cumpre considerá-la como mais um capítulo da história marista na busca de novos elementos reveladores da personalidade humana de São Marcelino.

Na falta de registro fotográfico autêntico do Fundador, muitas foram as imagens dele difundidas no espaço quase bissecular da Congregação, tanto as que derivam do *retrato Ravery* quanto as provindas do imaginário dos artistas. Estas últimas, sem dúvida, porque partem da subjetividade do autor, são menos autênticas e mais opinativas.

O aparecimento da *foto Arnaud* suscitou interesse e curiosidade porque, caso se revelasse autêntica, seria registro objetivo do rosto do Fundador. Mas, a não ser que surjam novos elementos, por enquanto, o laudo técnico descarta a *imagem daguerreotipada*, objeto do nosso estudo. A *foto Arnaud* não é fotografia de Marcelino Champagnat no seu leito de morte.

Esse resultado negativo não deve ser considerado decepcionante. Assim como, de Jesus Cristo e de Nossa Senhora temos apenas a imagem idealizada em nossos corações, pintada com as cores da nossa devoção e com os matizes que captamos nos Evangelhos, assim também sucede com a imagem do nosso Fundador. Somos desafiados a retratá-lo subjetivamente, dando ênfase aos aspectos marcantes da sua personalidade humana e espiritual. Na contemplação amorosa é que a sua imagem se delineará para nós. Assim, nessa lógica, podemos finalizar com este versículo evangélico: - *Senhor, mostra-nos o Pai, que isto nos basta (Jo, 14, 8)*.

EXPOSIÇÃO SUMÁRIA SOBRE A OBRA DE JOSEPH RAVERY



André Lanfrey
fms

Para a maioria dos Irmãos Maristas, José Ravery (ou Ravéry) é homem de uma única obra: o quadro de Marcelino Champagnat, cujo original, começado no dia 6 de junho de 1840, data da morte do Fundador, foi concluído no início de 1841. Com efeito, ele já havia trabalhado longamente para o Instituto, em 1836, e veremos que traços consideráveis de sua obra subsistem ainda hoje.

1. JOSÉ RAVERY E O PROGRAMA ICONOGRÁFICO DO PADRE CHAMPAGNAT

Nascido em 6 de outubro de 1800 e falecido em 26 de julho de 1868, José Ravery trabalhou bastante cedo para M. Champagnat. Os Anais de l'Hermitage⁶² mencionam « um quadro de Cristo pintado sobre tela, colocado no

refeitório, com a altura de 1m. 35 de altura por 1m. 07 de altura que foi feito pelo Sr. Ravery, pintor de St Chamond, a quem o Padre Champagnat o encomendara para o refeitório dos Irmãos, em La Valla, e que ficou sempre no refeitório, em N. D. de l'Hermitage»⁶³. Ravery tinha certamente uma grande experiência e uma consolidada reputação quando, em 1836, pinta a nova capela de l'Hermitage. Para o Padre Champagnat foi ocasião de fazer passar, pela decoração, sua mensagem espiritual. Ao mesmo tempo, essa obra testemunha do êxito material e simbólico de sua obra, pois ele consegue nela investir, certamente com a ajuda de benfeitores, somas consideráveis.

Nos Anais de l'Hermitage⁶⁴ o Ir. Francisco nos descreve esse monumento do qual, hoje, não nos sobra nenhuma representação:

⁶² A.F.M. 213/ 16 p. 21.

⁶³ Parece estar desaparecido, hoje.

⁶⁴ A.F.M. 213/16. Os Anais do Ir. Avit (Annales de l'Institut, t. 1, p. 175 § 149-152 retomam bastante essa descrição, mas não mencionam as invocações mariais do santuário.

«O Sr. Ravery, pintor de Saint Chamond e amigo da casa, fez as pinturas que a ornamentam. Doze colunas de estilo corintio, em afresco, com cornijas de saliência pelo alto, embelezam o coro (isto é, o presbitério). Entre cada coluna foram pintados afrescos de medalhões com algumas das invocações da ladainha da Santíssima Virgem, representadas mediante símbolos.

No lado do Evangelho (à direita dos participantes) temos: 1º Foederis Arca: a Arca da aliança; 2º Rosa mystica: uma linda rosa; 3º Regina mártirum: uma coroa real colocada entre duas palmas entrelaçadas numa coroa de rosas; 4º Turrís Davidica: uma torre; 5º Auxílium christianorum: uma cruz e uma espada justapostas e atadas.

No lado da Epístola: 1º Janua coeli: uma porta aberta; 2º Stella matutina: uma estrela; 3º Regina virginum: dois lírios enlaçados numa coroa de rosas sobrepujada por uma pomba; 4º Sedes Sapientiae: uma bela cadeira encimada por uma pomba esvoaçante; 5º Consolatrix afflictorum (Consoladora dos aflitos): uma parreira carregada de frutos e apensa a uma cruz. No centro do coro, atrás do altar, há um grande quadro representando a Assunção da Virgem Maria, pintado sobre tela pelo Sr. Ravery. Acima do quadro, há um afresco do crucifixo com dois anjos adoradores. No mesmo nível, do lado da Epístola, encontra-se a estátua da Santíssima Virgem, a mesma que estava na antiga capela; do lado do Evangelho, está a de São José, em madeira dourada e comprada também pelo Padre Champagnat. Abaixo, de cada lado do quadro, encontram-se ainda, do lado da Epístola, a estátua de S. Luiz de Gonzaga, e do lado do Evangelho, a de S. Francisco Xavier.

A parte que integra a nave, assim como a destinada às pessoas leigas, é decorada com 15 colunas jônicas, acima das quais há uma cornija de mesmo estilo. Em cada coluna há um quadro da via-crúcis.⁶⁵ De cada lado e no fundo da capela, acima da cornija, encontra-se uma guirlanda de rosas, pintada em arco semicircular, a modo de afresco.

A nave é iluminada em ambos os lados por duas janelas em arco semicircular e o coro, por apenas uma, de um lado; do outro, há uma janela pintada⁶⁶. O forro da capela é em gesso, em forma de abóboda sustentada por grandes arcos de madeira. Acima do altar, o Espírito Santo é representado em afresco, sobre um fundo azul e envolto por um grande círculo de glória⁶⁷.

Um detalhe significativo, que não concerne Ravery, mas confere ao Hermitage um status ou condição claramente conventual:

« A parte da capela destinada às pessoas leigas é separada (daquela em que estão os Irmãos) por uma balaustrada de 2m 60 de altura,

⁶⁵ Esta não é certamente obra de Ravery. Deveria ser de pouco valor, pois o Ir. Avit observa, no § 160 que, pouco depois, o Pe. Gourdias, pároco de St Polycarpe, paróquia de Lyon, presenteia uma nova via-crúcis que ele mesmo acabara de benzer.

⁶⁶ Certamente, em favor da estética.

⁶⁷ O Ir. Avit precisa que, “no centro do presbitério, estão pintadas igualmente duas rosáceas, uma à direita e outra, à esquerda. No centro da nave dos Irmãos, como no centro da parte destinada aos estranhos, pode-se ver, pintada em afresco, uma grande rosácea, no forro”...

formada de painel inteiro até a altura do apoio e encimado por grades pontiagudas».

O essencial da mensagem espiritual está, pois, expressa no coro. Num eixo vertical temos o Espírito Santo, o crucifixo, a Assunção, o altar. O centro do eixo horizontal é a Assunção, cercada de um lado e outro de medalhões inspirados na ladainha de SS. Virgem.

Está claro que Champagnat não tomou ao acaso as doze invocações, entre as 45 que compõem as ladai-

nhas. É, aliás, bastante fácil de ver que elas se correspondem duas a duas e constituem uma espécie de graduação mística, encontrando sua expressão máxima na Assunção. O quadro seguinte permite-nos visualizar essa organização. É mais delicado interpretar essa mensagem, rica em conotações místicas. Pode-se observar, no máximo, que essas invocações fazem alusão a símbolos, seja de autoridade (rainha, trono, torre, arca...), seja de misericórdia (consoladora, auxílio, porta), ou de beleza (rosa, estrela).

	ASUNÇÃO	
Lado da Epístola		Lado del Evangelho
Janua Cœli (porta aberta)	Maria garantia de nossa salvação?	Foederis Arca (Arca da aliança)
Stella Matutina (uma estrela)	Maria guia e modelo ideal ?	Rosa Mystica (uma linda rosa)
Regina Virginum (lírio, coroa, pomba)	Maria associada à Redenção?	Regina Martyrum (coroa de rosas e palmas)
Sedes Sapientiæ (cadeira encimada por uma pomba)	Maria participante na Encarnação	Turris Davidica (uma torre)
Consolatrix Afflictorum (parreira apensa a uma cruz)	Maria revelando a cruz como princípio de fecundidade e de vitória?	Auxilium Christianorum (uma cruz e uma espada justapostas e atadas)

Assim, a Assunção, ponto de cruzamento dos eixos vertical e horizontal, unindo simbolicamente a terra e o céu, parece exprimir uma espiritualidade de Champagnat que, sem ser surpreendente, parece estar pouco

presente nos textos maristas. Chama a atenção, por exemplo, que Champagnat não tenha conservado nenhuma invocação de Maria como Mãe, quando as ladainhas oferecem 9 invocações que começam por

“Mater”. Igualmente, deixou de lado as 7 invocações que começam por “Virgo”. Parece oferecer-nos uma espiritualidade marial ao mesmo tempo militante e mística.

2. OUTRAS OBRAS DE RAVERY

Francisco Gonon, em *Notre vieux Saint-Chamond*, 1944, evoca : « ... o pintor Ravery, a quem devemos a decoração interior da capela dos penitentes⁶⁸ (as quatro telas das paredes são dele, sem dúvida). Ele deixou alguns quadros que não são sem mérito».

Essas quatro telas da capela dos penitentes foram, sem dúvida, conservadas, mas não sabemos onde. Em todo caso, o site do Inventário geral do patrimônio - site Palissy - menciona várias obras de Ravery, na cidade de Saint Bonnet-le-Château, não longe de Saint Etienne.

2.1 - Uma adoração ao SS. Sacramento por anjos⁶⁹

Quadro de 88 cm de altura por 66 de largura. Representa um ostensório no céu, rodeado de cabeças de anjinhos e, abaixo, um grupo de quatro anjos, dos quais dois em oração. Outro lança flores e um último põe incenso no turíbulo.

2.2 - A Trindade acima de um site de peregrinação não identificado

Este quadro tem as mesmas dimensões do precedente. No espaço figuram: à esquerda, o Cristo segurando sua cruz; no centro, o Espírito Santo sob a forma de uma pomba e, à direita, o Pai, representado como um ancião, segurando o globo e o centro. Em nuvem, aos pés do Pai e do Filho, cabeças de anjos. Na parte inferior do quadro, figura uma paisagem com um riacho, em primeiro plano; no segundo plano, uma planície com uma igreja e, no terceiro, duas montanhas em forma de cone. As iniciais “JR 1838” constam do quadro.

2.3 - Uma entrega do escapulário a São Simão Stock

Na presença de Santa Teresa d’Ávila. Suas dimensões são imponentes: 2,56 m de altura, e 2,06 m de largura. Enquanto a Virgem entrega o escapulário, o menino Jesus, sobre os joelhos de sua mãe, estende os braços para a santa. A cena se passa numa paisagem representando um convento, diante do qual rumoreja um ribeirão ultrapassado por uma ponte. Segundo o livro de registros do hospital de St Bonnet-le-Château, o quadro foi encomendado pelas confrarias. Custou 220 francos e é obra de Ravery que,

⁶⁸ Demolida em 1965.

⁶⁹ Para esses três primeiros quadros, ver os anexos, no fim do artigo.

por sinal, assinou “Ravery, 1836” sobre o quadro. A moldura foi fabricada e pintada pelo mesmo artista, em setembro do mesmo ano.

2.4 - Batismo de Cristo

Pertencendo a um retábulo do conjunto das fontes batismais da igreja colegiada de St Bonnet-le-Château. A moldura foi parafusada sobre o retábulo. Altura: 129,5 cm; largura: 116,5 cm. Vem assinado por « Ravery filho, 1839 ».

2.5 - O retábulo lembrado acima

Datado de 1676, é provavelmente obra de Pierre Peyreyron, escultor em Monistrol-sur-Loire. É feito em madeira. Suas dimensões são de 2,40m de altura e 2,44m de largura. Para instalá-lo sobre as fontes batismais, em 1838, Ravery – que dirigiu o conjunto dos trabalhos de decoração da igreja, nessa época – refez a base, substituiu e pintou o acabamento (a moldura) em madeira falsa.

2.6 - Adoração dos pastores

Tela de 2,12 m de altura e de 1,57 m de largura. O autor, do século XVII, é desconhecido, mas a moldura - idêntica àquela da entrega do escapulário a São Simão Stock - é certamente de Ravery.

CONCLUSÃO

Este inventário mostra, pois, que Ravery foi um decorador ativo de igrejas, nos anos em que o Pe. Champagnat construía sua obra, em l'Hermitage. Parece ter sido não apenas pintor, mas empreendedor na área da decoração, valendo-se provavelmente dos serviços de uma equipe, sem realizar ele mesmo todas as obras que assinou. Suas obras, aqui mencionadas, revelam sem dúvida apenas uma parte de seu trabalho. Em particular, seu talento de retratista nos é conhecido apenas pelo retrato de Marcelino Champagnat, realizado em 6 de junho de 1840.

Documentos de Ravery

CONTRATO DE MATRIMÔNIO⁷⁰

*“Na presença do Sr. François Mallassaguy e seu colega, notários residentes em Rive de Gier (Loire).”
No dia 31 de janeiro de mil oitocentos e oitenta e quatro, comparecem o Sr. Joseph Ravéry, pintor, filho maior & legítimo de Pierre Ravéry, com a mesma profissão, e da senhora Hélène Montfouilloux, morando com seu pai & sua mãe, em St. Chamond, à praça de São Pedro, de uma parte;
E de outra parte, a senhorita Jeanne Garon, filha maior & legítima de Jérôme Garon, proprietário, e de Fleuri*

⁷⁰ Arquivos notariais, F. Malassaguy, notário em Rive-de-Gier (Arquivos Departamentais do Loire, 5E_VT 1067DEM_8366)

Foiras, morando com seu pai & sua mãe, na localidade de Treyve, município de Longes & Treyve; Os quais, tendo o parecer e o consentimento de seus pais e mães, aqui presentes, fizeram & confirmaram o acordo de seu futuro casamento, da seguinte maneira:

O mencionado Sr. Joseph Ravéry e senhorita Jeanne Garon submetem ao regime da comunidade, seus bens próprios e o mobiliário, devidamente verificado, permanecendo excluídos os bens que lhes poderiam caber por sorte. Os bens atuais da senhorita futura esposa consistem em:

1º seu vestiário, avaliado amigavelmente entre as partes, no valor de quinhentos francos, e na dissolução do casamento pela morte antecipada (?) do futuro esposo, ela terá o direito de retomá-lo em espécie ou de exigir o valor estimado; o citado Sr. Joseph Ravéry, permanece responsável pelo valor indicado, sem necessidade de outro procedimento, a partir do dia da celebração do casamento;

2º e com a vantagem que lhe será garantida por seu mencionado pai.

Em favor do presente matrimônio, Jérôme Garon fez doação irrevogável entre vivos - mas a ter em conta na sua herança futura - à sua mencionada filha de uma soma de mil francos, em dinheiro.

Desse total, cem francos foram entregues ao futuro esposo que os reteve em seu poder, mediante recibo, encarregando-se, desde agora, de sua futura esposa. O restante dessa soma de mil francos será pago pelo doador, tal como se comprometeu, à razão de cem francos, no fim de cada ano, a partir do presente dia. Como prova da afeição que eles têm para seu filho Joseph Ravéry e, sob sua autoridade, fazem doação entre vivos & irrevogável de uma casa & jardim dos quais a última citada, Hélène Montfoulloux, é proprietária. A casa situa-se na praça São Pedro, em St. Chamond, e confina da parte leste com a praça pública; ao sul, com a rua São Pedro, e ao oeste e sul com a casa dos denominados Perat e Gagnol. Essa casa que compreende piso térreo, porão, primeiro piso e, sobre este, o sótão ou celeiro, oferece um rendimento anual de cento e cinquenta francos; o jardim está situado no lugar da Cruz de Beaujeu, município de Saint Chamond e limita do lado leste com um terreno do Sr. de Mondragon, ao sul com a vinha do Sr. Souchon, ao oeste com o jardim do Sr. Corrompt (?) e ao norte com a praça da Cruz de Beaujeu; tem um rendimento anual de 50 francos.

Como demonstração de carinho por sua futura esposa, o futuro esposo lhe faz, diante dos presentes, doação entre vivos & de forma irrevogável de uma casa e um jardim dos quais acabava de tornar-se beneficiário, mas a citada não poderá desfrutar dos efeitos dessa disposição, a não ser depois da morte do mencionado Joseph Ravéry e da morte dos dois esposos: Ravéry & Montfoulloux que se reservam, expressamente, o usufruto enquanto viverem.

Documento dado e passado, pois, em Rive de Gier, nos estúdios do Sr. Mallassaguy, e depois da leitura, as partes – menos a mãe da futura esposa – assinaram com o notário recebedor. A citada senhora não assinou por não saber fazê-lo, segundo sua declaração.

*Joseph Ravéry⁷¹ Jeanne Garon
Pierre Ravéry, Jérôme Garon, Hélène Montfuollio (sic)
Guauttier Mallassaguy*

⁷¹ Ver mais adiante, em anexo, a reprodução das assinaturas.

MORTE DE JOSEPH RAVÉRY⁷²

Segunda-feira, 27 de julho de 1868.

Morte de Ravéry, esposo da Sra. Garon, 68 anos

O Sr. François Marie Butavand, recebedor e (?) dos asilos civis desta cidade, 45 anos, rua de La Fondrière, casa Ravéry nº 9 e o Sr Laurent Girard, porteiro e bedel da prefeitura, 45 anos, grande rua, casa Thomas, nº 77, sem parentesco:

Declararam que Joseph Ravéry, nascido em Saint Chamond, no dia 6 de outubro de 1800, filho dos falecidos Pierre Ravéry e Hélène Montfouilloux, esposo de Jeanne Garon, proprietário locador, ex-pintor, de 68 anos de idade, faleceu no domingo, 26 de julho, às 4h da manhã, em sua casa, rua de La Fondrière, nº 9.

Na lista alfabética das sucessões e ausências (A.D. de La Loire, 3Q 6892).

No Registro de inscrições (A.D. de La Loire 3Q 6720, p. 54 lado 115)

Nome: Ravéry, Jean Joseph
Profissão: Locador
Lugar do falecimento: Saint Chamond
Idade: 68 anos
Data: 26 de julho de 1868
 Esposo de Jeanne Garon
Herdeiros: Garon, Jeanne e Lucie Ravéry
Bens declarados: valor do mobiliário: 385 F;
 rendimento dos imóveis: 400 F.

“Ravéry Jean Joseph, falecido em 26 de julho de 1868, esposo de Jeanne Garon.

*Em 20 de janeiro de 1869, compareceram:
 1° A senhora Jeanne Garon, viúva do falecido, dona de casa em Saint Chamond...*

2° O Sr. François Marie Butavant recebedor dos asilos de Saint Chamond, atuando como esposo da senhora Fleurie Lucie Ravéry que vive com ele, mas não pretende comparecer a não ser para efetuar o pagamento de direitos devidos ao tesouro...

Total dos bens por testamento: 8385 F.

⁷² Estado civil da prefeitura de Saint Chamond

FALECIMENTO DE JEANNE GARON, SUA ESPOSA⁷³

Nome: Garon, Jeanne - Sem profissão

Lugar do falecimento: St. Chamond

Idade: 82 anos

Data: 31 de outubro de 1883

Viúva de Joseph Ravéry

Herdeira: sua filha Ravéry Lucie, em St. Chamond

Em transmissão de herança por morte (A.D. de la Loire, 3Q 6734 p. 91)

“Sucessão direta de Garon Marie, viúva de Ravéry, falecida em Saint Chamond em 31 de outubro de 1883, com 82 anos”... “deixando como única herdeira de direito sua filha Ravéry Lucie, esposa do Sr. Butavant.” Seu dote é estimado em 77 F.

Imóveis

1. Casa e jardim, à rua Ardaillon, 9. Renda de 500 F. dos quais a metade por sucessão: 250 F.

2. Casa na praça São Pedro, n° 11, propriedade da falecida. Renda de 200 F.

Capital: 9000 F.

SUCCESSÃO (HERANÇA) BUTAVANT

Declaração de transmissão de herança por falecimento (A.D. de La Loire, 3Q 6759).

Declaração de 23 outubro de 1900 ,n° 60. Herança da senhora viúva Butavant.

A subscrita Augustine Francine Didier, celibatária, maior, sem profissão, moradora de Saint Chamond, à rua Lyon, na qualidade de herdeira universal, declara que a senhora Ravéry Lucie Fleurie, de 72 anos, viúva do Sr. François Marie Butavant, sem profissão, domiciliado em Saint Chamond, à rua de Lyon, faleceu em sua casa, no dia 12 de maio de 1900.

Ela não deixou nenhum herdeiro a ser considerado, e por seu testamento recebido (pelo)

Sr. Cartier, notário em Saint Chamond, no dia 4 de maio de 1900, instituiu como sua herdeira universal a senhorita Didier, declarante.

A herança compreende:

Móveis, de acordo com seu estado, estimados em: 160 F.

E um imóvel situado em Saint Chamond, à rua Lyon, que compreende casa de moradia e jardim, com cerca de 1.300 m quadrados, não arrendados.

Renda: 800 F. Capital: 16 000 F Total: 16 160 F.

A declarante afirma ser sincera e verdadeira, sob as penas da lei, a presente declaração, contida em uma página.

Saint Chamond, 23 de outubro de 1900
Augustine Didier.

⁷³ Lista alfabética das sucessões e ausências (A.D. de la Loire, 3Q 6896).

RAVÉRY NA LITERATURA DE ST CHAMOND⁷⁴

Stéphane Bertholon, *Histoires de Saint Chamond* (Histórias de St. Chamond), 1927.

« Nós não terminaríamos de enumerar nossos notáveis de St. Chamond. Citemos a propósito e em poucas palavras: O operário torcedor de seda Terrasson, grande prestidigitador e grande orador de clubes, em 1848; seu amigo Ravéry, o pintor; o simpático Butavant, oficial da Guarda Nacional... »

SÍNTESE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA RAVÉRY-BUTAVANT Segundo informações colhidas nos arquivos departamentais de La Loire

Pierre Ravéry, pintor, e Hélène Montfouilloux, morando em Saint Chamond, têm por filho Jean Joseph Ravéry, nascido em 1800.

Em 1801, nasce Jeanne Garon, sua futura esposa.

Jean-Joseph Ravéry, pintor, casa em 26 de julho de 1824 com Jeanne Garon, filha de Jérôme Garon, proprietário em Longes e Treyves, e de Fleurie Foiras.

Em 1828, nasce a única filha: Fleurie Lucie Ravéry.

Em 1836 Ravéry decorou a capela de l'Hermitage, perto de Saint Chamond.

Em 1836-39 Joseph Ravéry executou importantes trabalhos em Saint Bonnet-le-Château.

Em data não muito precisa, (em torno de 1848) Fleurie-Lucie se casou com François-Marie Butavant recebedor dos asilos, ou obras de misericórdia de Saint Chamond.

Falecimento de Joseph Ravéry: 26 de julho de 1868.

Falecimento de Jeanne Garon, esposa de Ravéry, dia 31 de outubro de 1883.

Falecimento de François Marie Butavant, em Saint Chamond, em 8 de março de 1900.

Falecimento de Fleurie Lucie Butavant-Ravéry, em 12 de maio de 1900, em St Chamond. Augustine Didier, que parece ter sido sua empregada, é herdeira universal.

⁷⁴ Informações fornecidas gentilmente pelo Ir. Dominique Murigneux, nascido em Saint Chamond.

Anexos

ANEXO 1

As firmas do contrato matrimonial de Ravéry - Garon

Extrato da Ata de casamento de Joseph Ravery com Jeanne Garon, em 26 de julho de 1824. Observamos que nem Joseph Ravery nem seu pai Pierre colocam acento em seu nome, enquanto outros textos grafam « Ravéry ».



ANEXO 2

Os quadros de St-Bonnet-le-Château

Departamento:	42	Referência: IM42000490
Área de estudo:	Saint-Bonnet-le-Château	
Edifício que contém:	castelo fortificado, convento das Ursulinas, hoje, hospital	Referência: IA42000267
Título corrente: Quadros (2):	A Trindade sobre um lugar de peregrinação. Adoração do ostensório por anjos.	
Título da obra:	A Trindade acima de um lugar de peregrinação; Adoração do ostensório por anjos..	
Cartografia:	Lambert 3	X = 0735470 Y = 0348620
Estatuto jurídico:	Propriedade de um estabelecimento público.	
Dossiê do inventário topográfico estabelecido em 1996 , 1997 por Ducouret Bernard; Monnet Thierry (c) Inventário geral, 1996		

DESCRIÇÃO

Categoria técnica:	pintura
Estrutura:	retangular-vertical
Materiais e técnicas:	tela (como suporte): pintura a óleo.
Descrição:	moldura acrescentada
Representação e ornamentação:	paisagem (rio, montanha, igreja, peregrinação); A Trindade no ar, anjinhos, ostensório, anjo, oração, flor.

Motivo do primeiro quadro:	A Trindade no céu, acima de um lugar de peregrinação não identificado.
Motivo do segundo quadro:	Ostensório no céu, rodeado de cabeças de anjinhos e, abaixo, um grupo de quatro anjos dos quais, quatro em oração; outro atira flores e um último coloca incenso no turíbulo.
Dimensões:	dimensões da moldura: altura = 88 largura = 69.
Estado da obra:	Há um pequeno furo na parte inferior do quadro da Trindade.
Marca e inscrições:	assinatura (pintada, monograma sobre a obra), data (pintada sobre a obra), assinatura e data sobre os dois quadros: JA. 1838

HISTÓRIA

Autor (es) :	Ravéry J. (?)
Lugar de realização:	Rhône-Alpes, 42, Saint-Chamond (?)
Data:	2º quarto do séc. XIX - 1838

As iniciais J.R. correspondem, provavelmente, àquelas de Ravéry, pintor de Saint-Chamond, a quem foi encomendado, em 1836, outra obra para esse mesmo hospital (cf. dossiê).

- 42 SAINT BONNET LE CHATEAU
 FORTALEZA - CONVENTO - HOSPITAL convento das Ursulinas
 CUADROS (2) *Trindade acima de um lugar de peregrinação e de adoração da custódia per anjos.*



Trindade acima de um lugar de peregrinação

Jean-Marie Refflé, Eric Dessert © Région Rhône-Alpes,
 inventaire général du patrimoine culturel, 1997
 ADAGP n° 97420472 XA

42 SAINT BONNET LE CHATEAU

FORTALEZA - CONVENTO- -HOSPITAL convento de las Ursulinas

CUADROS (2) *Trindade acima de um lugar de peregrinação e Adoração do ostensório por anjos.***Adoração do ostensório por anjos**

Jean-Marie Refflé, Eric Dessert © Région Rhône-Alpes,
inventaire général du patrimoine culturel, 1997
ADAGP n° 97420474 XA

Departamento:	42	Referência: IM42000491
Lugar do estudo:	Saint-Bonnet-le-Château	
Município:	Saint-Bonnet-le-Château	
Edifício que o contém	Fortaleza – convento das Ursulinas, ATUALMENTE hospital Local: grande capela – Coro das religiosas	Referência: IA4200026
Título corrente: Quadro:	Entrega do escapulário a São Simão Stock, na presença de Santa Teresa d'Ávila.	
Título da obra:	Entrega do escapulário a S. Simão Stock, na presença de S. Teresa de Ávila.	
Cartografia:	Lambert 3	X = 0735470 Y = 0348620
Estatuto jurídico:	propriedade de um estabelecimento público	
Dossiê do inventário topográfico estabelecido em 1996 -1997 por Ducret Bernard; Monnet Thierry (c) Inventário geral, 1996.		

DESCRIÇÃO

Categoria técnica:	pintura
Estrutura:	retangular - vertical
Materiais e técnicas:	tela (suporte): pintura a óleo
Descrição:	quadro acrescentado
Representação e ornamentação:	Entrega do escapulário a São Simão Stock, enquanto o Menino, sobre os joelhos da Virgem, estende o braço para Santa Teresa d'Ávila. A cena se passa numa paisagem que representa um convento, diante do qual corre um riacho transponível por uma ponte.
Dimensões:	alt. = 256, larg. = 206, dimensões da imagem do quadro
Estado da obra:	mancha sobre o hábito da religiosa
Marcas e inscrições:	assinatura (pintada sobre a obra); data (pintada sobre a obra), assinatura e data RAVÉRY, 1836

HISTÓRICO

Autor (es):	Ravéry: pintor
Lugar de realização:	Rhône-Alpes, 42, Saint Chamond (?)
Data:	2º quarto do XIX século, 1838

Segundo o livro de contabilidade da capela do hospital, esse quadro, dito de Nossa Senhora do Monte Carmelo, foi encomendado pelas "confrarias"; custou 220 francos e foi pintado por um pintor de Saint Chamond chamado Ravéry. A moldura foi fabricada e pintada pelo mesmo artista, a pedido do encarregado, em setembro do mesmo ano.

- 42 SAINT-BONNET-LE-CHATEAU
 FORTALEZA – CONVENTO - HOSPITAL
 Convento das Ursulinas
 QUADRO: Entrega do escapulário
 a São Simão Stock, na presença
 de Santa Teresa d'Ávila .



**Entrega do escapulário a São Simão Stock,
 em presença de Santa Teresa d'Ávila**

Jean-Marie Refflé, Eric Dessert © Région Rhône-Alpes,
 inventaire général du patrimoine culturel, 1997
 ADAGP n° 97420508 PA

DOCUMENTAÇÃO

A.D. Loire, 34 J, entrada 548, n° 24: *Diário de receitas e despesas da igreja do hospital de Saint-Bonnet-le-Château*, 1836 setembro.

A.H. Saint-Bonnet-le-Château: *Registro de receitas e despesas da igreja* (1860-1909), nota acrescentada no alto do registro.

BENFEITORES DO P. CHAMPAGNAT E DO INSTITUTO



André Lanfrey
fms

AS FAMÍLIAS NEYRAND-THIOLLIÈRE- DUGAS-DE BOISSIEU

Ainda que a literatura marista tenha, às vezes, a tendência de afirmar que a obra marista foi milagrosa e se realizou apenas com a ajuda exclusiva da Providência, o Padre Champagnat e seus sucessores se beneficiaram de numerosos apoios. Aliás, o Instituto soube, frequentemente, recordar o papel de seus benfeitores, particularmente rezando por eles, mas nenhum trabalho completo parece existir sobre essa questão.

Nós conhecemos o Sr. Basson, o único burguês de La Valla, conselheiro e amigo do Padre Champagnat⁷⁵. Além disso, nos seus 'Anais do Instituto' (t.1,

ano de 1840, § 680), o Irmão Avit, depois de nos oferecer a lista dos eclesiásticos que participaram dos funerais do Padre Champagnat, relaciona aquela dos benfeitores leigos: "Senhores Victor Dugas, Antoine Thiollière e Eugène seu irmão, Antoine Neyrand, Richard-Chambovet⁷⁶, Royer de la Bastie e Montagnier-Gayot⁷⁷, da cidade de Saint-Chamond e benfeitores da Sociedade de Maria"⁷⁸.

Nos mesmos Anais (t. 1 p. 300 § 659), o Ir. Avit menciona as ajudas financeiras recebidas pelo Padre Champagnat: do Sr. Antoine Thiollière 100 000 F., segundo o Ir. Stanislas; da Srta. Fournas, 70 000 F.; do Sr. Boiron, em torno de 40 000 F.⁷⁹; do Marquês de Mondragon, ao menos 6000 F⁸⁰. Ele mencio-

⁷⁵ Vie, cap. 12 p. 129 ; OM2 doc. 754 § 14; Recenseamento de Lavalla, 1815, arquivos municipais.

⁷⁶ Em Lucien Parizot indica-se (nos anexos) os Richard e os Chambovet, sem precisar seu estatuto.

⁷⁷ É um rico negociante de Saint Chamond. (Lucien Parizot, La Révolution à l'œil nu..., Edições Val Jaris, 1987, anexo 41 p. 337).

⁷⁸ Ele apenas copia a ata de falecimento (Atestado de óbito) e de sepultura. Ver Circulaires, T.1 p. 324.

⁷⁹ É sem dúvida o Boiron cujo caso é evocado diante da Convenção nacional, em 8 de março de 1794. Tonnelier em Izieux é acusado de ter colaborado com os revoltosos lioneses, em 1793. Ver Lucien Parizot, anexo n° 24 p. 326.

⁸⁰ Ver Lucien Parizot, La Révolution à l'œil nu... p. 15: em 1768 Jean-Jacques Gallet de Mondragon comprou o marquesado (o domínio e solar do marquês) de Saint Chamond; p. 32, no início da Revolução, De Mondragon possui um esmeril ou rebolo (afiação de instrumentos cortantes e armas) no Pré-Château e uma forja, fabricando pás e ferramentas agrícolas. Ele explora também minas de carvão.

na ainda o Sr. Cura Dervieux, Srs. Dugas, Génissieux, Neyrand, Montagnier etc... “dos quais não temos condições de precisar as doações”⁸¹.

A coletânea das Cartas do Padre Champagnat (Ir. P. Sester e R. Borne, Roma 1987) nos dá informações sobre vários deles e de alguns outros. O Sr. Antoine Thiollière (1796-1876), mestre das forjas (ferragens) em Saint Chamond, associado aos Neyrand, é quem ali mereceu⁸² a informação mais documentada. Em 1834 ele fundou com o Sr. Neyrand uma escola em Lorette, para os filhos de seus operários (Anais do Instituto, t. 1 § 44). Em 1837, segundo o Ir. Avit (idem t. 1 § 214), no dia 18 de janeiro de 1837, o Padre Champagnat lhe envia uma mensagem de associação espiritual, mostrando a boa relação entre os dois homens (Paul Sester, *Lettres* 1, n° 85):

“Nós nos associamos, se assim consentirdes, convosco e com vossa família, de um modo especial e particular em comunhão com o bem e as boas obras que são feitas e serão feitas no futuro⁸³”. Ele continuará com suas doações ao Instituto e instalará os Irmãos Maristas na escola de Saint Médard-en-Forez, onde possui uma residência. Por ocasião de sua morte, o Ir. Luís Maria evoca esse benfeitor em sua Circular de 29 de junho e, numa carta de condolências, (RCLA,

vol.6 n° 6672) lembra Eugène Thiollière, filho dele, e todos os benefícios recebidos pelo Instituto.

A Srta. Marie Fournas (1763-1833) também é lembrada (Paul Sester e R. Borne, *Lettres* II, p. 223). É ela que doa a casa da Grange Payre ao Padre Champagnat.

O Sr. Victor Dugas (1783-1861) (cf. *Lettres* II p. 202-204) é, com seu irmão, um grande industrial de fitas e galões, em Saint Chamond, prefeito ao menos de 1819 a 1825, e pessoa muito empreendedora.

O Sr. Génissieux (1788...) (*Lettres* II p. 246) é o diretor da “Companhia de fundições e forjas” de Terrenoire, La Voulte (no vale do Ródano) e de Bessèges (em Le Gard). Trata-se de um empregador de muito sentido social. Os Irmãos Maristas foram estabelecidos por ele em Terrenoire, em 1832, depois em La Voulte, em 1837 e em Bessèges, em 1854.

O Sr. Royer de la Bastie (1766-1849) é prefeito de Izieux, de 1808 a 1829; e promoveu ali uma escola de Irmãos, em 1838.

Assim, mesmo que todos os benfeitores do Padre Champagnat não tenham sido todos localizados e que alguns o estejam melhor do que outros, os pesquisadores maristas já começaram o trabalho de levantamento.

⁸¹ Sobre a vida em St Chamond, sob a revolução, ver Lucien Parizot: ‘La révolution à l’œil nu . L’exemple du Lyonnais vécu à Saint Chamond et en Jarez’, Edição Val Jaris, 1987.

⁸² P. Sester e Raymond Borne, Roma, 1987 T.2 p. 493-496.

⁸³ Esse tipo de associação estava em uso entre pessoas particulares, mas também os conventos emitiam atos de associação espiritual como aquele que foi dado ao Pe. Courveille pelo abade da Trapa de Aiguebelle (OM1/ doc. 153 p. 396).

AS FAMÍLIAS NEYRAND E THIOLLIÈRE, DEPOIS DE CHAMPAGNAT

As relações cordiais entre essas famílias e o Instituto continuaram por muito tempo. Minha atenção foi es-

pecialmente atraída por uma carta do Sr. Elisée Neyrand, prefeito de Chevières, população de 'Monts du Lyonnais' (região montanhosa na região de Lyon), e contida entre as peças do processo diocesano de canonização do Padre Champagnat⁸⁴.

"Eu que subscrevo, Elisée Neyrand, prefeito de Chevières, membro do conselho do distrito de Montbrison (Loire) com a idade de 65 anos, certifico de modo absolutamente formal que, durante toda minha juventude, ouvi falar do Padre Champagnat como de um santo, que não pensava senão em Deus e em seu próximo, para servi-lo e ser-lhe útil, sem nunca se ocupar de sua própria pessoa, vivendo a pobreza evangélica de modo absoluto. Certifico que o Cristo, diante do qual ele rezava, em seu quarto, é considerado e conservado na minha família como relíquia de um santo. [...]

Chevières, em 6 de outubro de 1886."

Esse testemunho, insistindo sobre a fé, o zelo e a abnegação do Padre Champagnat, oferece-nos um precioso testemunho sobre o modo como ele era percebido na sociedade de Saint Chamond. Evidentemente, a doação de um crucifixo de Champagnat à família põe em evidência a forte relação entre Antoine

Thiollière e o Fundador, já documentada pela associação espiritual evocada acima⁸⁵.

Numa segunda carta (n° 46) em 18 de outubro de 1890, o Sr. Elisée Neyrand, menos preciso sobre as virtudes de Champagnat, dá uma síntese da opinião que dele se conservou, na região:

Eu era jovem demais quando vi o Padre Champagnat, uma ou no máximo duas vezes. Sempre ouvi dizer que ele era um Padre muito santo, sempre ouvi grandes elogios a respeito dele, mas nunca escutei alguém contar dele um fato importante que me tivesse ficado na lembrança. Sempre tive uma grande veneração por esse santo homem do qual todo o mundo fala, em nossa região, com verdadeira admiração, mas não posso dizer mais, minha idade não me tendo permitido conhecê-lo pessoalmente"...

⁸⁴ Testemunhos sobre Marcelino Champagnat. Levantamento diocesano, texto transcrito pelo Ir. Agustin Carazo, postulador, Roma 1991, Volume II, apêndice I, Carta n° 16, p. 14.

⁸⁵ É pouco provável que esse crucifixo tenha sido dado por recomendação do Pe. Champagnat, religioso desde 1836.

O Sr. Eugène Thiollière⁸⁶ (carta n° 45) com cargo igual ao do Sr. Neyrand: escreve no dia 17 de outubro de 1890:

“... Sendo criança quando morreu o Padre Champagnat, não pude saber nada de particular sobre sua vida, que não seja conhecido por todo mundo, a não ser que meu pai o conheceu, o estimou e sempre venerou grandemente sua memória”...

Aliás, os Anais das casas, do Ir. Avit, oferecem detalhes interessantes sobre os Neyrand e os Thiollière, como fundadores da escola dos Irmãos de Chevrières, em ‘Monts du Lyonnais’ e de Saint Médard-en-Forez.

“... Na época da qual falamos, Chevrières, como a maior parte das comunas rurais, não tinha tido bons professores: em geral, pouco instruídos, pouco metódicos e, muitas vezes, pouco edificantes. Os senhores Thiollière e Neyrand, que o nosso piedoso Fundador contava entre seus principais benfeitores, tinham o projeto de colocar ordem nessa situação. O primeiro fizera esse projeto em St. Médard, desde o ano de 1842⁸⁷. O segundo tomou providências para realizá-lo, aqui, em 1853. Entendeu-se primeiro com o Pe. Girardet que era pároco de Chevrières, desde 1847. O acordo foi feito de modo oral com nossos superiores e apenas para dois Irmãos. Iriam dirigir a escola comunitária, em grande parte pagante.

Segue o texto da convenção, em 11 artigos

“A verdade é que o Sr. Neyrand pagara o sinal para a instalação e a mobília para o pessoal; o resto parece

ter sido assumido pelo pároco.”

Seguem longas considerações sobre o funcionamento da escola

Em 1886 “o Sr. Neyrand, ainda prefeito, tem a intenção de conservar os Irmãos numa escola livre, quando a característica comunal lhes for tirada.”⁸⁸...

Foi o que aconteceu. Continuará uma escola católica em Chevrières, da qual os Irmãos vão retirar-se, depois de alguns anos.

A QUESTÃO DO CRUCIFIXO DO PADRE CHAMPAGNAT

O Sr. Elisée Neyrand, tendo falado de um crucifixo do Padre Champagnat, quis pesquisar sobre esse objeto. Graças a um coirmão de minha comunidade, nascido em Chevrières⁸⁹, pude entrar em contato com o Sr. Bruno de Boissieu, parente dos Neyrand, e proprietário atual do castelo de Chevrières. O Sr. de Boissieu respondeu-me que, de fato, ele tinha um crucifixo do XIX século e que doaria de boa vontade.

Tendo-nos encontrado, demo-nos conta, de imediato, que as dimensões do crucifixo não podiam corresponder àquele lembrado pelo Sr. Elisée

⁸⁶ Cunhado de Elysée Neyrand, filho de Antoine Thiollière

⁸⁷ St Médard é conhecida alhures como a paróquia do Padre Jacquemont, chefe de um partido janenista, sempre ativo na região de Forez, no começo do século XIX. Ver Anais da Província de l'Hermitage. O Sr. Thiollière parece ter sido bastante exigente com os Irmãos de sua escola.

⁸⁸ Extrato dos Anais das casas da Província de l'Hermitage: Chevrières

⁸⁹ O Ir. Michel Fatisson. Chevrières deu numerosos Irmãos à Província de l'Hermitage.

Neyrand. Em compensação, o Sr. de Boissieu emprestou-me amavelmente uma obra de genealogia organizada pela família Neyrand e seus parentes: “*Les Neyrand en Vivarais et en Lyonnais - Uma família de mestres em forjas*”⁹⁰ que constitui uma verdadeira mina de informações sobre essa família e seus parentes, bem como sobre a indústria, em Saint Chamond, no século XIX.

GENEALOGIA DA FAMÍLIA NEYRAND

Segundo esse documento, um ramo descendente dos Neyrand, originários da Ardèche, emigra para Jarez⁹¹ onde Jacques Neyrand (1659-1720) se torna notário real, em Longes, de 1695 até 1720. Ele tem sete filhos entre os quais Catherine, nascida em 1701, e que casa em 1723 com Nicolas Pleney, comerciante em Saint Julien-en-Jarez, e depois negociante de pregos. O último filho, Eustache (I), nascido em Longes perto de Rive-de-Gier, em 1712, se casa com Marie Burlat, de Saint Chamond, que morre precocemente. Parte para Avignon, depois para Nîmes onde casa, em 1732, com Marie-Anne Gélinet, filha de médico, da qual terá quatro filhos. Ele é, então, comerciante de utensílios diversos e quinquilharias.

Tendo voltado à Saint Chamond, a partir de 1740 explora, em La Rive (St. Ju-

lien-en-Jarez), uma fundição⁹² que ele fez prosperar, comprando outras mais. Em 1760 a clientela da fundição abrange o sul da França e até a Espanha. Termina por associar-se a seus dois filhos: Eustache (II) (1737-1812) e Antoine, nascido em 1738. É, pois, no começo do século XVIII, por aliança com a família Pleney, que os Neyrand se lançam na fabricação e comércio de pregos.

Em 13 de outubro de 1767, Eustache II e Antoine Neyrand desposam duas irmãs: Marie-Anne e Agathe Ravel, filhas de Jacques Ravel, rico fabricante de fitas e galões de Saint Etienne, antigo almotacel (controlador de pesos e medidas) e senhor de La Terrasse, no vale vizinho ao rio Gier. Marie-Anne Ravel tendo falecido cedo, Eustache II contraiu novas núpcias com Maire-Madeleine Buyet, em 1773 em Lyon. Terão 9 filhos. Quanto a Antoine, seus três filhos morrerão com pouca idade.

A fundição de Lorette, perto de Saint Chamond e que se tornará a usina Neyrand, foi comprada em 1771. Os irmãos Neyrand compram também minas de carvão e bens de raiz. Em 1785, Eustache II e Antoine são nobilitados. Pouco antes da Revolução, a família Neyrand, graças às suas atividades e suas alianças matrimoniais, está pois solidamente instalada, nas três atividades maiores da região de Saint Chamond: pregos, minas de carvão, fi-

⁹⁰ Volume de formato A4, sem nome de autor, nem de editor, 2003, 353 p.

⁹¹ Região de Rive-de-Gier, perto de St Chamond.

⁹² Ateliê metalúrgico que funde o metal, fabricando varetas de ferro que os agricultores da redondeza transformam em pregos.

tas e galões. Os Neyrand, os Thiollière e os Dugas⁹³, grandes benfeitores do Pe. Champagnat, constituem, no começo do século XIX, uma espécie de poderoso conglomerado ao mesmo tempo familiar e industrial.

No período da Revolução, os Neyrand são prudentes. Embora inscritos nas listas da nobreza, em 1789 eles não participam da votação para os deputados dos Estados gerais. Entretanto, em 1790, Eustache II acolhe em sua casa, em La Rive, Monsenhor d'Aviau⁹⁴ em fuga junto com seu Vigário geral, Mons. Bertholet (Pe. Lyonnet, Vie de Mgr. D'Aviau), antes de prosseguirem sua viagem para Lyon e Chambéry. Como tantos outros, eles compram bens da Igreja⁹⁵.

Lucien Parizot (p. 143) declara que Antoine e Eustache Neyrand, preferindo um regime de liberalismo econômico ao sistema precedente, aderiram às novas ideias. Ocupados com a administração de seus negócios, deixam correr as primeiras etapas da Revolução, mas “quando consideram sua vida, seus bens e sua liberdade ameaçados por uma Revolução que se descaminha, decidem de participar”. Eustache é eleito no dia 2 de dezembro de 1792 oficial

municipal do município de Saint Julien-en-Jarez, que limita com Saint Chamond, e se torna um dos homens mais influentes do município. Em 1793, ele é um dos que se recusam a enviar tropas para ajudar Lyon em revolta e, em 8 de agosto de 1793, declara oficialmente sua obediência e a de seu irmão Antoine à Convenção Nacional (Lucien Parizot, p. 144). Tendo dado prova de lealdade política no momento certo, e certamente muito beneficiado pelo comando da República em guerra (precisa-se de pregos para os sapatos dos soldados e para a marinha), os Neyrand atravessam bem a Revolução, graças à sua habilidade política e também porque a República em guerra necessita de sua indústria. Conseguirão também superar, com doações generosas, a desconfiança dos extremistas (L. Parizot, p. 169, 244)⁹⁶. Em 1793, a sociedade ‘Neyrand - Irmãos e Thiollière’ aparece classificada com folga como a primeira, entre uma dezena de empresas fabricantes de pregos (L. Parizot, p. 234).

Eustache II associa seus dois filhos à empresa: Guillaume Neyrand-Collemon em 1801 e André Neyrand-Buyet⁹⁷ em 1809, e até lhes vende uma parte de suas propriedades. Morre em 12

⁹³ Rubaniers: (fabricantes de fitas e galões) estes estão mais próximos dos Thiollière que dos Neyrand.

⁹⁴ Jacques-Olivier Boudon, *Les élites religieuses à l'époque de Napoléon*. Dictionnaire des évêques et vicaires généraux du Premier Empire, Nouveau monde éditions/ Fondation Napoléon, 2002, p. 52. Charles-François d'Aviau du Bois de Sanzay (1736-1826) é nomeado arcebispo de Vienne, no dia 13 de setembro de 1789. Tendo recusado o juramento constitucional, procura exílio na Itália em 1792, mas retorna à França a partir de 1797.

⁹⁵ Lucien Parizot, op. cit. anexo 9, p. 312.

⁹⁶ Os Dugas, outra família de benfeitores de Champagnat, serão menos bem tratados: em 1794 eles foram aprisionados e sofreram extorsões monetárias da parte de Javogues que exerce sua ditadura na região. (L. Parizot, p. 199-202).

⁹⁷ O segundo nome serve para distinguir as duas famílias. O Collemon é um afluente do Gier. O nome “Buyet” foi acrescentado para agradecer ao bisavô materno.

de dezembro de 1812, com 75 anos. Por ocasião de sua morte, sua fortuna é avaliada em 1.422.300F. Contrariamente a seu irmão, não deixou lembrança de ser um homem particularmente caridoso.

Antoine Neyrand⁹⁸ é conhecido em Saint Chamond por sua grande caridade e por sua piedade. Está particularmente relacionado com o Pe. Dervieux, pároco de São Pedro, a quem ajuda a restabelecer a Casa de misericórdia, ou seja, um asilo. Fornece fundos consideráveis para o hospital. Com sua esposa sustenta uma obra de misericórdia que, entre outros benefícios, distribui mais de mil libras de pão, cada domingo. Durante os anos difíceis de 1813 a 1817 sua caridade é sem limites. Teve também grande influência no restabelecimento do culto em Saint Chamond.

Quanto ao Padre Champagnat: “Socorria-o constantemente para fazer frente às despesas do funcionamento de seu Instituto; e suas despesas eram grandes porque o juvenato (sic) acolhia numerosos alunos” .

O documento *Les Neyrand en Vivarais et Lyonnais* (p. 35) dá informações interessantes sobre sua piedade: doou à igreja de São Pedro um rico ostensório e recebeu em troca dois favores: será cantado o hino marial *Inviolata* cada vez que se usar o ostensório e todas as quintas-feiras será celebrada a missa do Santíssimo Sacramento.

Revela-se fiel ao rei: no dia 24 de julho de 1814, o rei Luís XVIII, apenas

voltado do exílio, o condecora com a ordem-de-lis. Em 1824, é elevado à ordem de Cavaleiro real da legião de honra. Em data não precisada, recebeu a visita do Conde d’Artois, irmão do rei e futuro Carlos X. Faleceu em 8 de fevereiro de 1830; é inumado em Saint Julien-en-Jarez e seu coração foi depositado numa capela da igreja de São Pedro de Saint Chamond.

LIBERALISMO, REALISMO E AÇÃO SOCIAL

Os negócios dos Neyrand foram mais favorecidos do que entravados pela Revolução. Mesmo se, publicamente, eles foram politicamente leais à República e depois, com o Império, seu catolicismo e realismo permaneceram intactos, como parece. Os favores recebidos sob a Restauração mostram que eles devem ter prestado muito serviço à causa régia. Com efeito, eles - como a maioria da população - defenderam-se como podiam sob regimes que pouco lhes convinham, a preço de compromissos e ambigüidades bem compreensíveis.

Certamente com espírito liberal nos negócios, seu catolicismo e o espírito de regime antigo mantiveram nelas a ideia de que aquele que é favorecido pela sorte tem obrigações para com os menos favorecidos. Eles não somente praticam uma generosa caridade, mas ainda fornecem

⁹⁸ Les Neyrand en Vivarais et en Lyonnais, p. 35

para os operários alojamentos, capelas, escolas, hospitais, e participam na administração de obras sociais de interesse público, como o hospital de Saint Chamond. São representantes de um primeiro catolicismo social⁹⁹. A obra de Champagnat pode interessá-los por vários motivos. Primeiramente, formando professores capazes e moralmente confiáveis, ele dá resposta a uma necessidade social e religiosa que lhes interessa pessoalmente, quando instalam as primeiras fábricas com obras anexas como capela, hospital e escola. Aliás, não é por acaso, se um número significativo das primeiras escolas dos Irmãos Maristas é aberto em zonas industriais, em vias de rápida urbanização. Depois, o Padre Champagnat reúne em sua pessoa qualidades que eles (esses senhores) apreciam em grau máximo e que eles mesmos praticam muito frequentemente: o espírito empreendedor, a boa doutrina, grande austeridade e devotamento. Pode ser também que as origens do Padre Champagnat não os deixam indiferentes: sabem certamente que seu pai foi um comerciante e, sob a Revolução, teve responsabilidades – assim como eles – das quais se houve como pôde. Em síntese, a história da família Champagnat é um pouco a história deles.

PE. DERVIEUX

Mas um personagem chave foi, sem dúvida, intermediário entre esse meio burguês e Champagnat: o Sr. Julien Dervieux, cura da paróquia São Pedro de Saint Chamond, desde 1803.¹⁰⁰ Cura de Saint Ennemond, uma das paróquias de Saint Chamond, antes da Revolução, ele parece ter prestado e, depois, retratado o juramento. As autoridades departamentais, em agosto de 1792, consideram-no então demissionário e sua paróquia, aliás, será supressa.¹⁰¹

O que fez durante a Revolução? Sem dúvida, ele não pertence aos onze sacerdotes da cidade que, em 12 de agosto de 1795, se submetem às leis da República (L. Parizot p. 267 e doc. n° 36). Poderia também ter emigrado ou (e) ter participado nas missões clandestinas da Igreja refratária. O fato de ser nomeado para um posto importante, desde 1803, permite supor que ele teve boa conduta nos tempos difíceis.

Entretanto, a apreciação feita pelo Vigário geral Courbon, em seus apontamentos relativos ao clero, em 1802,¹⁰² traça uma imagem moderada do Pe. Dervieux:

⁹⁹ Ver J. B. Duroselle, *Les débuts du catholicisme social en France (1822-1870)*, PUF, 1951. Parece-me que o autor dessa tese clássica localiza o início do catolicismo social um pouco tardiamente.

¹⁰⁰ Ver OM 4 p. 418, um apanhado sobre a paróquia São Pedro e seu pároco, M. Dervieux.

¹⁰¹ Lucien Parizot, *La Révolution à l'œil nu*, p. 82, 84

¹⁰² "Tableau général des prêtres du diocèse de Lyon du 1° vendémiaire 1802", Arquivos do arcebispo, 2 II/83.

“Ex-pároco de Saint Ennemond¹⁰³ e em exercício¹⁰⁴, com idade em torno de 49 anos, bom sujeito sob todos os pontos de vista, saúde pouca e influenciando sobre seu caráter, um tanto político”.¹⁰⁵

É, pois, um sacerdote experiente, mas de caráter um pouco instável. O qualificativo “político” é de interpretação delicada: em princípio, esse termo designa alguém que se conforma facilmente com a linha do poder vigente, mas outras acepções são possíveis. O termo pode designar também alguém que é ardiloso com as decisões superiores (foi o caso dos Neyrand, durante a Revolução) ou mesmo um personagem com temperamento autoritário. Em todo caso, com relação a Champagnat, o Sr. Dervieux mostrou dois traços extremos de sua personalidade: uma grande intransigência, no início, e depois, uma grande generosidade.

Parece também ter sido um diretor espiritual apreciado. Foi-o, provavelmente, para Antoine Neyrand e para outros burgueses de Saint Chamond. Em todo caso, a biografia dos Irmãos Cassiano e Arsênio lembra-nos que Louis Chomat, futuro Irmão Cassiano, nascido em 1788, então com 24 anos em 1812, - mesmo não sendo de Saint Chamond, mas de Sorbiers, mais perto de Saint Etienne - procurou a di-

reção espiritual do Pe. Dervieux e este lhe deu uma detalhada forma de vida¹⁰⁶ e orienta-o até 1820¹⁰⁷.

Sabemos que, em torno de 1820, sendo presidente do comitê cantonal da Instrução pública, ele ameaça o Pe. Champagnat com a dissolução de sua comunidade; mas, depois da doença do Fundador, entre o fim de dezembro de 1825 e a primavera de 1826, é ele quem paga seis mil francos de dívidas (Vida e OM2, p.788) e acolhe-o em sua residência durante sua convalescência (Vida e OM 2, p. 793). Em 15 de agosto de 1825, é ele quem benze a capela de l’Hermitage (OM 1, doc. 138) e doa candelabros para sua decoração (OM 2, p.783).

O cardeal Donnet, antigo discípulo do Pe. Champagnat no seminário e feito arcebispo de Bordeaux, numa carta ao Ir. Luís Maria, em 1864 (OM 3, doc. 888 § 4), recorda com efeito que ele “derrubou as prevenções que haviam sido inspiradas¹⁰⁸ ao Sr. Dervieux, cura de São Pedro, contra a ordem inteira”. O Pe. Champagnat ele mesmo (Lettres, t. 1/doc. 26) afirma que foi o Padre Jean-Louis Duplay quem persuadiu o Pe. Dervieux a mudar as próprias ideias em relação à sua obra (a de Champagnat). Seja como for, na primavera de 1830,

¹⁰³ É a paróquia mais antiga de Saint Chamond, com data anterior ao XIII^o século. Dervieux é seu pároco, em data anterior à Revolução.

¹⁰⁴ Ele voltou, talvez, bastante cedo à sua antiga paróquia.

¹⁰⁵ A expressão “um pouco” foi supressa.

¹⁰⁶ ‘Biographies de quelques frères’ p. 189...

¹⁰⁷ Parece que, em seguida, Louis Chomat se dirige ao Pe. Rouchon, cura de Valbenoite, que deseja engajá-lo em sua congregação de Irmãos (‘Biographies’ p. 193).

¹⁰⁸ Certamente M. Cathelin. Ver em OM 4, p. 415

ele intervém ainda em favor da autorização legal dos Irmãos Maristas (OM 1, p. 81). Ele falece em 15 de janeiro de 1832. Segundo sua biografia, escrita por Jacques de Boissieu, ele não deixou nem mesmo o dinheiro necessário para sua sepultura e a paróquia assumiu as despesas decorrentes.¹⁰⁹

O fato de Antoine Neyrand fazer depositar seu coração em São Pedro de St. Chamond, a igreja do Pe. Dervieux, revela-se muito significativo. Aliás, é muito provável que os 6.000 F pagos para reduzir as dívidas do Pe. Champagnat, em 1826, tenham, ao menos em parte, sua origem no senhor Neyrand.

Portanto, sem minimizar a influência de Donnet nem de Duplay, é preciso considerar que com a chegada de Dom de Pins, que apoia Champagnat, o Pe. Dervieux – que parece inflamado com a causa do Pe. Cathelin, diretor do colégio de Saint Chamond e que teme a concorrência de La Valla¹¹⁰, – se adapta à posição do administrador apostólico. Pode até ser que ele tenha pago as dívidas, por recomendação do arcebispado. Isso dito, não convém colocar em dúvida a sinceridade de sua ligação à obra do Padre Champagnat.

Os benefícios do Sr. Antoine Neyrand para com Champagnat começaram talvez antes que o Pe. Dervieux os solicitasse, pois, sendo fabricante de pregos, é provavelmente ele que, desde 1817, lhe fornece as ‘varetas’ de ferro para fabricar os pregos. Entre-

tanto, o fato de Champagnat e Courveille fazerem um empréstimo de 12.000 F, em Lyon, no dia 13 de dezembro de 1825 (OM 1, doc. 142), parece mostrar que a ajuda local à obra dos Irmãos não tinha de fato começado. Pode até ser que o Pe. Dervieux a tenha desencorajado ou impedido. A reviravolta do Pe. Dervieux em favor de Champagnat deve ter sido um grande argumento para persuadir o Sr. Neyrand e, certamente, outros burgueses de Saint Chamond, a ajudar a obra dos Irmãos. O ano de 1826 foi marcado pela partida dos padres companheiros de Champagnat; mas, foi também o ano em que começou uma ajuda financeira local maciça, da qual os senhores Dervieux e Neyrand são os promotores. Essa ajuda afastará definitivamente a perspectiva de uma falência material da obra.

D'ANTOINE NEYRAND AOS FILHOS DE EUSTACHE II

Em seu testamento, Antoine Neyrand, que não tem herdeiro direto, deixa bens para o cura de Valfleury, àquela da paróquia de Saint Julien-en-Jarez, ao superior do seminário Santo Irineu (4.000 F.), às Irmãs de Saint Charles (1.200 F.), aos Irmãos das Escolas Cristãs de Saint Chamond (800 F.), ao Serviço de beneficência (6.000 F.) e a suas domésticas. O documento não parece assinalar que ele

¹⁰⁹ 'Vie du P. Champagnat', edição de 1989, nota 18, p. 143.

¹¹⁰ Ele podia crer que, assim fazendo, estaria seguindo a política do Vigário geral, Bochart.

destina ao Padre Champagnat, superior dos Irmãos de Maria, a soma de 1.400 F. que serão pagos por seus herdeiros¹¹¹ (ver documento).

Guillaume Neyrand-Collenon (1780-1834), filho de Eustache II e sobrinho de Antoine, casou com Françoise-Louise (1809) filha de Jean-Claude Thiollière de la Côte, um dos associados da fábrica de pregos Neyrand, cuja esposa Louise-Elisabeth Regnault tem por mãe uma Dugas. André Neyrand-Buyet († 1832) desposa a irmã da primeira, Elisabeth Thiollière, (1813). Se Guillaume não tem filhos, André e Elisabeth terão sete.

Em 1824, Guillaume e André transformam a fundição de Lorette numa usina siderúrgica, passando da metalurgia artesanal à industrial. Ali constroem uma capela dedicada a Nossa Senhora de Loreto que, em 1840, será paróquia. Na minha opinião, a cruz conservada pelo sr. Boissieu poderia provir dessa capela. A comuna de Lorette será criada apenas em 1847. É André Neyrand-Buyet quem compra o castelo de Chevières em 1828. Ele morre sem fazer testamento em St. Julien-en-Jarez, em 6 de setembro de 1832, com 46 anos.

A partir de 1834, a empresa é confiada aos ombros dos filhos de Neyrand-Buyet e Elisabeth Thiollière. Antoine, o primogênito (1813-1854), educado pelos jesuítas, em Fribourg, na

Suíça, dirige a transformação da empresa. Trata-se de um cristão fervoroso e um legítimo convicto. Casou com Anne Alexandrine Terrasse de Tessonnet (+ 1833) de uma família de Lyon muito provada pela Revolução. É ele que participa dos funerais do Padre Champagnat, em 8 de junho de 1840. Entre os outros seis filhos, Elisée Neyrand, nascido em 1821, casa com sua prima Louise Thiollière, em 1846. Terão sete filhos. Ele vai herdar de seu pai o castelo de Chevières e funda a escola dirigida pelos Irmãos Maristas. É ainda ele que testemunha no processo de beatificação do Padre Champagnat.

A filha de Elysée Neyrand e de Louise Thiollière, Louise Neyrand, casa com Paulien Dugas du Villard, em 1868, um dos ramos da família Dugas – grande benfeitora de Champagnat. A filha deles, Louise Dugas du Villard casa, em 1896, com Jacques de Boissieu, grande benfeitor do Instituto. Assim a propriedade do castelo de Chevières passou da família Neyrand à família Boissieu.

A FAMÍLIA DE BOISSIEU

Ao longo do XIX século, as famílias Neyrand, Thiollière e Dugas multiplicaram entre si os laços comerciais e os casamentos. Os de Boissieu, originários de Lyon, estão presentes em Saint Chamond já antes da Revolução.¹¹²

¹¹¹ Este esquecimento pode vir do fato de que, os Irmãos Maristas não sendo reconhecidos, tratar-se-ia de um legado a uma pessoa e não a uma associação.

¹¹² Lucien Parizot, op. cit. p. 42. Eles possuem então três casas.

Em 1793, os bens da viúva de Boissieu, considerada suspeita, foram sequestrados.¹¹³ Talvez empobrecidos pela Revolução, os Boissieu não figuraram entre os principais benfeitores do Padre Champagnat. Os laços da família de Boissieu com as três grandes famílias de Saint Chamond parecem não começar antes de 1834, com o casamento entre Louise Dugas de La Boissony e Roch de Boissieu. O filho único deles, Víctor de Boissieu, casa em 1865 com Antoinette Dugas-Montbel. O filho único destes, Jacques, desposará em 1896 Louise Dugas du Villard. Foram então Víctor e Jacques de Boissieu que, tudo indica, continuaram a sustentar mais particularmente a obra do Padre Champagnat. A relação entre o Instituto e o Sr. Víctor de Boissieu parece ter-se fortalecido em torno da obra dos juvenatos. A criação desses estabelecimentos,

decidida pelo Capítulo de 1876, e supondo importantes recursos, levou o Ir. Luís Maria a criar uma Obra dos juvenatos, recomendada por uma carta do cardeal Caverot, arcebispo de Lyon (1877), depois de um Breve do Soberano Pontífice (1880).¹¹⁴

Uma carta do Rev. Ir. Teofânio, de 12 de outubro de 1884, que expressa suas condolências por ocasião do falecimento da mãe do Sr. Víctor de Boissieu, nos informa que este é presidente do Comitê central da obra dos juvenatos (Cartas administrativas). No entanto, é seu filho Jacques quem parece ter sido o cooperador mais ativo da Congregação.

JACQUES DE BOISSIEU

As Atas do Capítulo de 1920 descrevem detalhadamente sua ação:¹¹⁵

"O Rev.mo Irmão Estratônico

dá em seguida interessantes detalhes, relativos à retrocessão ou devolução de La Valla, berço do Instituto. Desde a liquidação, nosso berço estava nas mãos do Sr. Aubrun, cura de St. Paul, em Lyon, e servia de albergue.

Repetidas vezes, as negociações foram iniciadas para a retrocessão dos imóveis; mas a hora de Deus ainda não chegara. As diligências não chegavam a bom termo. [...] Neste ano de 1920, em fevereiro, uma nova tentativa, bem tímida, foi feita, depois de um acordo com um dos nossos amigos, o qual sempre se mostrou digno representante da família de Boissieu, grande benfeitora de l'Hermitage, desde os tempos do Ven. Fundador. O êxito ultrapassou nossas expectativas. Tudo parecia caminhar de acordo com nossos desejos, quando novas dificuldades vieram, repentinamente, interromper as negociações.

¹¹³ Ibid. doc. 23 p. 324.

¹¹⁴ Sobre os juvenatos ver André Lanfrey, *Une congrégation enseignante: les Frères Maristes de 1850 à 1904*, Lyon, 1979, p. 115-118 et 209-223.

¹¹⁵ Extrato das Atas do XII Capítulo geral dos Irmãos Maristas, em 1920. No relatório da Comissão de finanças, segunda-feira, 14 de junho.

Felizmente tudo se arranjou, e no sábado, 6 de março, o Sr. Jacques de Boissieu tornava-se proprietário de tudo quanto possuíamos em La Valla, antes de 1903.

Nessa oportunidade, esse bom senhor, de um devotamente sem limites, constituiu uma sociedade imobiliária com acionistas que podia possuir, além da propriedade de La Valla, outros imóveis que estivessem a serviço do ensino. Graças a Deus, à Virgem Maria e ao sr. de Boissieu, o Berço do Instituto tornou-se novamente fonte de numerosas e boas vocações. Permitam-me observar que o sr. de Boissieu é o agente principal da sociedade proprietária de N. D. de l'Hermitage. Em troca, esse benfeitor insigne pede, para si e para sua família, uma participação nas orações e nas boas obras feitas na Congregação.”...

Reencontramos o Sr. de Boissieu em l'Hermitage, por ocasião do centenário da casa (Bulletin de l'Institut), e nessa ocasião o Rev. Ir. Diógenes o reconhece como “um dos nossos mais insignes benfeitores”. Estará presente ainda na identificação dos restos mortais do Ir. Francisco, em 1936.¹¹⁶

Numa carta de condolências, por ocasião da morte do Irmão Diógenes, em 1942, Jacques de Boissieu evoca essa mesma ação de proprietário fictício e de fundador de sociedade aparente para permitir ao Instituto de recuperar seus bens, garantindo-lhes um estatuto jurídico.

“Foi durante seu generalato que resgatei o pensionato de Valbenoîte ¹¹⁷ e aquele de La Valla, este último particularmente caro aos filhos do Venerável Padre Champagnat. [...] O Instituto pôde, assim, recuperar várias casas que tinham para ele um valor inestimável”.¹¹⁸

Os Superiores respondem¹¹⁹ que:

«os membros do Conselho geral creem que faltariam a um dever se não lhe assegurassem os sentimentos de religioso respeito e de profunda gratidão que o Reverendo Irmão Diógenes – continuando assim a tradição dos predecessores – professava, em toda ocasião, para com a Família de Boissieu que, com todo direito, está inscrita, em nossos Anais, entre os benfeitores insignes do Instituto”.

Quando o Sr. Jacques de Boissieu falece, em 1947, os superiores enviam ao Sr. Jacques de Boissieu, provavelmente seu filho mais velho, banqueiro em Saint Chamond, uma carta de condolências particularmente laudativa:¹²⁰

“...Esta perda é profundamente sentida pela Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria que, desde os primórdios de sua origem, sempre considerou e honrou a família de Boissieu como benfeitora insigne.

¹¹⁶ Bulletin de l'Institut n° 106.

¹¹⁷ Correspondências sobre a integração de Valbenoîte à Sociedade do sr. de Boissieu aparecem entre as cartas administrativas de 21 de janeiro de 1921 e de 8/3/1922.

¹¹⁸ Cartas administrativas, n° 17519, 7 de fevereiro de 1942. Dirigida ao Ir. Michaelis, Vigário geral.

¹¹⁹ Carta administrativa n° 17520, em 4/03/1942.

¹²⁰ Carta administrativa n° 17697, em 9/3/1947.

Com efeito, os Irmãos de Notre-Dame de l'Hermitage não poderiam esquecer os serviços de toda espécie prestados, particularmente pelo estimado e venerado defunto, à sua casa e à obra mesma do Venerável Marcelino Champagnat.”

Parece que os superiores exageram um pouco, quando evocam os laços existentes, desde a origem, entre os Boissieu e o Instituto; mas, através deles, agradecem a todos os benfeitores de Saint Chamond. Sem, necessariamente, conhecerem bem as genealogias complicadas das famílias Neyrand, Dugas, de Boissieu... eles têm consciência de que todas elas formam um único grupo devotado às obras católicas e por ele o Instituto foi poderosamente beneficiado.

Em 1951, o Irmão Leônidas, respondendo às felicitações do sr. Jacques de Boissieu, por ocasião de sua con-

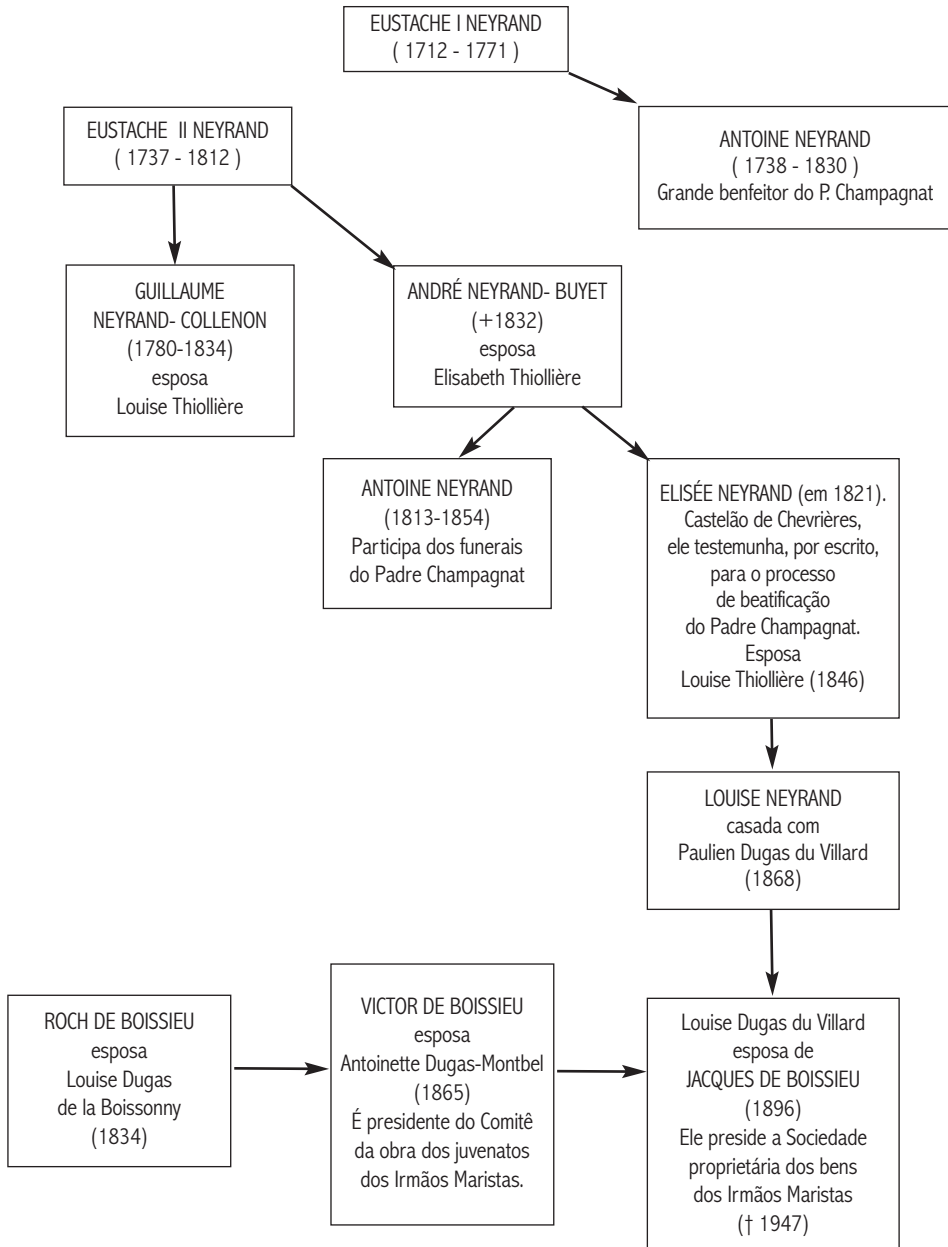
decoração com a Legião de Honra, terá palavras semelhantes àsquelas de 1942:¹²¹

“Não poderíamos esquecer quanto a expansão prodigiosa da obra do Venerável Padre Champagnat deve à família de Boissieu, e sou muito feliz em aproveitar esta ocasião para reafirmar a imperecível memória que essa generosidade, profundamente cristã e “marista”, deixou na história do Instituto.”

Com minhas pesquisas não fui além de 1951, mas, pela doação de um precioso crucifixo, o Sr. Bruno de Boissieu se inclui numa longa tradição de benefícios ao Instituto e a muitas outras obras. Outrossim, este artigo deseja contribuir para recordar quanto a obra do Padre Champagnat respondia às necessidades de um povo e de uma época, a ponto de seduzir pessoas, ao mesmo tempo realistas e religiosamente enraizadas, como as famílias que acabamos de lembrar.

¹²¹ Carta administrativa nº 17888. Ao Sr. Jacques de Boissieu, banqueiro - 24, rue de la République, St Chamond.

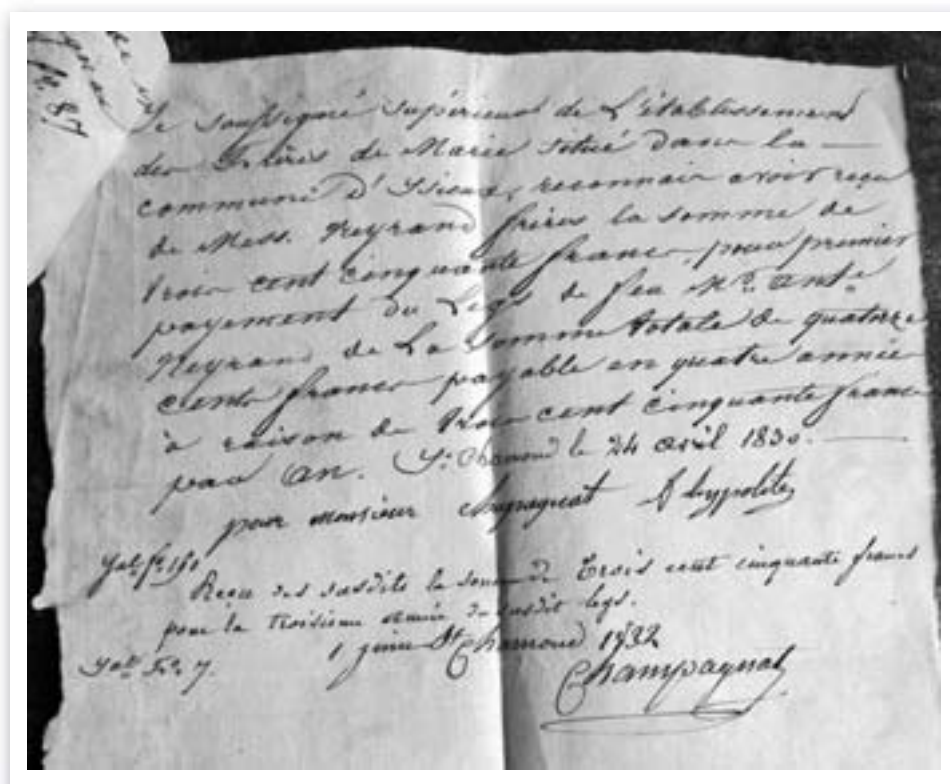
GENEALOGIA SIMPLIFICADA DOS NEYRAND-THIOLLIÈRE- DE BOISSIEU



Anexos

ANEXO 1

O P. Champagnat deixa quite sua situação com os senhores Neyrand



J'ai reçu de M^r Neyraud père la somme de
 trois cents - cinquante francs pour le paiement
 de la dernière somme de la loi de feu M^r Antoine
 Neyraud aux fins de la loi de 1830.
 St. Chamond le 10. 1830.
 Champagnat

Je soussigné, déclare avoir reçu de M^r Neyraud Bugeat
 la somme de trois cent cinquante francs pour le second
 quart des quatre parts de feu M^r Antoine Neyraud
 nous demeuré par testament, dont j'ai fait quitte
 le 16. 7. 1830. à M^r Jean-Baptiste de Stenestage sur St
 Chamond
 Champagnat
 Sup. Not. 16

ANEXO 2

O crucifixo

**Doação do
sr. Bruno de Boissieu
à Província de l'Hermitage,
em 14 de dezembro de 2008**

Suas dimensões são imponentes:
1 m 13 de altura com a base;
90 cm apenas a cruz;
43, 5 cm de largura no nível
dos braços da cruz. O tamanho
do Cristo, em marfim esculpido,
é de 42 cm. É uma obra de arte
religiosa do XIX século
e de boa qualidade.

Segundo o Sr. de Boissieu,
ele vem de Saint Chamond.
Suas dimensões levam a pensar
que estivesse numa capela,
provavelmente naquela que
os Neyrand tinham construído
para seus operários, em Lorette,
em torno de 1824;
foi substituída, pela metade
do século, pela igreja paroquial.

Exposto na casa reformada
de l'Hermitage, lembrará
simbolicamente todos
os benfeitores da obra
do Padre Champagnat.



EM CAUSA COMUM

Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas, e Pompallier, Bispo da Oceania Ocidental



Fr. Frederick
McMahon, fms



João Batista Francisco Pompallier, Bispo de Maronea e
Vigário Apostólico da Oceania Ocidental

PARTE II

Introdução

A segunda parte da história de Pompallier-Champagnat, começa pela avaliação desanuviada da famosa questão Querbes, isto é, a tentativa das autoridades arquidiocesanas de unir a congregação de Champagnat com a do Pe. Querbes. Um triunvirato de pessoas importantes parece colocar a culpa, em maior ou menor extensão, em Pompallier. Acerca do tema, há outros pontos de vista sobre Pompallier, de modo que a refle-

xão comparece com alguma extensão, para chegar a uma conclusão objetiva.

Pompallier e a missão da Oceania ocupam significativa porção dessa parte, enquanto a conexão Champagnat-Pompallier em relação às Missões também se apresenta. No concernente à Missão, a decisão de Pompallier de não emitir votos como Marista é importante quanto ao futuro relacionamento do Superior geral

Colin com o Bispo Pompallier. Os primeiros estágios do perturbado relacionamento dos dois homens são comentados.

A ampla correspondência entre o Bispo da Missão e o Fundador dos Irmãos e a liberdade de expressão assim gerada levaram a uma maravilhosa manifestação por parte de Champagnat, em termos do seu profundo apego à Santíssima Virgem. A 'Palavra Final' avalia a contribuição positiva de Pompallier à Sociedade de Maria. Ademais, levanta-se um esboço de como Pompallier logrou manter, mesmo no seu modo flutuante, o permanente apego à Sociedade de Maria.

A CRISE ENTRE POMPALLIER E CHAMPAGNAT. A QUESTÃO DOS CLÉRIGOS DE SÃO DE VIATOR

Completado o exame das cartas de Pompallier a Champagnat, podemos, no recuar do relógio, concentrar-nos no controverso aspecto do relacionamento Pompallier-Champagnat, no período de 1831 a 1834. Em 1831, a congregação de Champagnat estava, de certo modo, ameaçada. Em 18 de abril de 1831, foi editada uma ordenança acerca do ensino por membros de congregações religiosas. A determinação incluía a obrigação do serviço militar. A exceção podia ser obtida com o compromisso decenal dedicado à instrução pública. Religiosos

de congregações autorizadas podiam obter essa isenção por meio da sua congregação; mas os membros das congregações não autorizadas tinham de dirigir-se individualmente às autoridades civis. O grupo de Champagnat não estava autorizado.

Em 18 de maio, a Academia de Lyon enviou um questionário ao Prefeito de Saint Chamond, a respeito de l'Hermitage e das suas atividades. O Prefeito respondeu em termos essencialmente favoráveis. Ainda assim, em 24 de julho, houve a famosa visita de inspeção pelo magistrado da polícia; Champagnat tratou habilmente do episódio. Com o passar do tempo, as autoridades arquidiocesanas ficaram seriamente preocupadas. As tentativas do Arcebispo de Pins para obter a autorização legal para os Irmãos de Champagnat não haviam logrado êxito; assim, os conselheiros do Arcebispo estavam abertos para outras sugestões na solução do problema. Entrementes, Champagnat estava determinado a resolver o impasse; sondaria uma congregação que já gozava de autorização legal. Ele queria ver se alguma combinação seria possível, sem que ambos os grupos perdessem a sua particular identidade. Agora, as circunstâncias do primeiro contato entre o Pe. Chaminade e os Maristas permanecem obscuras. Se a primeira iniciativa partisse dos Marianistas de Chaminade em Bordeaux, seria providencial para Champagnat, visto que estava na necessidade de obter a proteção da autorização legal. O grupo de Chaminade fora autorizado em 16 de

novembro de 1825. Como filiados a tal grupo, os Pequenos Irmãos de Maria seriam beneficiários de tal autorização. De acordo com a opinião do Pe. Colin, o Pe. Champagnat pensou então em ir aconselhar-se com o Pe. Chaminade, em Agen. Nessa opção, ele teve o apoio do Vigário geral Cattet, que escreveu a Champagnat em 30 de novembro de 1832. Infelizmente, o Arcebispo de Pins não apoiou a decisão. Cattet, nessa carta, teve de admitir: o Arcebispo expressou a sua intenção de prosseguir nos esforços em lograr a autorização direta do governo.¹²²

Basicamente, parece que havia divergência de opiniões entre o Vigário geral e o Arcebispo: aquele era a fa-

vor de alguma filiação, enquanto o Arcebispo preconizava que se prosseguisse nos esforços de lograr a autorização pela abordagem direta. O Arcebispo não era favorável, de nenhuma forma, à filiação com algum grupo fora da sua própria diocese; é óbvio que ele se preocupava em reter os seus padres e religiosos. Champagnat não teve licença de ir a Agen para apresentar o caso a Chaminade.

Uma semana depois, a bomba caiu: uma carta de Cattet comunicava a decisão do conselho arquidiocesano para Champagnat negociar uma filiação com os Clérigos de São Viator, grupo este dentro dos limites da Arquidiocese.

Lyon, 5 de dezembro de 1832

Meu caro Padre Champagnat,

Depois de refletir no tema, os conselheiros no encontro de hoje opinam que podereis valer-vos da Ordenança Real em favor da congregação de São Viator. Em lugar de sair da diocese e de dirigir-vos ao Pe. Chaminade para a filiação em tela e conseguir a isenção dos vossos Irmãos por um processo legal, conosco tendes meios legais muito mais fáceis e adequados.

Basta, portanto, que compareçais e vos entendais com o Pe. Querbes. Não se trata de mudar as vossas regras, não mais do que faríeis com Chaminade. Superado todo o preconceito, tereis nessa modalidade todas as vantagens que púnheis na outra modalidade, sem nenhum dos seus inconvenientes. Vendo nisso apenas o bem e a maior glória de Deus, caro Champagnat, tereis muito cuidado em levar a termo essa ideia, de per si tão prudente quanto natural. Crede firmemente nos sentimentos com que sou o vosso muito afeiçoado

*Cattet, Vigário geral*¹²³

¹²² O.M. 1, Doc. 256.

¹²³ O.M. 1, Doc. 259.

Podemos imaginar a perturbação de Champagnat ao tomar conhecimento da carta.

Por sorte, não teve de suportar a agonia por muito tempo, porque, no dia seguinte, recebeu uma segunda missiva de Cattet, que rescindia a primeira instrução. O Arcebispo, que esteve ausente do encontro e não sabia do envio da carta a Champagnat,

ainda que tenha assinado o seu rascunho, havia determinado outra tentativa direta de autorização do governo. Isto nada resolveu; mas, pelo menos, afastou de Champagnat a imediata pressão da filiação com Querbes. Atuando de conformidade com as instruções do Arcebispo, Cattet escreveu em 6 de dezembro de 1832 o que segue:

Padre,

Eu vos escrevi, ontem. Agora tenho de informar-vos que o Arcebispo parece mais determinado que nunca em continuar o procedimento formal para conseguir a desejada autorização do governo.

Fazei o que o chefe da Arquidiocese vos pede e descartai em definitivo aquilo que, em nome do Conselho, eu vos disse na última carta. Doravante, não mais vos entretenhais com Querbes.

Deus, por certo, vai abençoar as novas tentativas com a sua graça.

Com dedicação, o vosso

Cattet, Vigário geral ¹²⁴

Infelizmente, o empenho do Arcebispo para a autorização falhou de novo. No ano seguinte, em 28 de junho de 1833, a lei Guizot abrangeu toda a França: requeria-se que todo o professor tivesse o diploma ou certificado. Essa lei era de mau agouro para Champagnat e seus homens; a rede estava a fechar-se contra eles.

Que resposta se deu a essa nova crise? As autoridades arquidiocesanas estavam ficando cada vez mais preo-

cupadas acerca da congregação de Champagnat: sem autorização legal, ele não teria a proteção concedida aos grupos aprovados nessa matéria. Consequentemente, o Conselho arquidiocesano procurou afastar o perigo, retornando à fórmula do Pe. Querbes; desta vez, a solução seria a fusão do grupo de Champagnat com o grupo de Querbes.

Em 7 de agosto de 1833, as minutas do Conselho registraram o seguinte:

¹²⁴ O.M. 1, Doc. 261.

'O Conselho opina que os Pequenos Irmãos de Maria se unam com os Clérigos de São Viator de Vourles, já legalmente autorizados.

Pelo menos, há bons fundamentos para proceder a essa tentativa.¹²⁵

Na sua resposta a tal decisão, Querbes preveniu o Vigário geral, Cholleton, quanto às condições requeridas para que a união se leve a cabo. Em 18 de agosto, chegou uma carta de Pompallier, em que este afirma que Cholleton iria logo escrever a Champagnat. É provável que dita carta discutiria a proposta de união.

Nessa conjuntura, Champagnat mostra finalmente a sua reação a todas as pressões que convergiam para essa união com Querbes. Vê-se no rascunho da carta composta por Champagnat, em agosto ou setembro de 1833, carta que seria enviada às autoridades arquidiocesanas. Percebe-se que Champagnat estava fortemente oposto a tal união e os seus sentimentos afloram quanto a isso. Todo o seu amargor e sensibilidade, que lhe recordam os últimos sete anos, constam do rascunho. O espírito de Champagnat recapitula a grande tristeza de 1826; é o período da sua própria e severa enfermidade, a partida de Courville, a deserção de Terraillon e a inspeção oficial e a investigação de l'Hermitage pelo Vigário geral Cattet. Aí pode-se ver claramente a sensibilidade de Champagnat, homem de sentimentos. Agora, ao conteúdo desse rascunho

de carta, soma-se o seguinte: encontramos uma página que claramente mostra os sinais do que deve ser gotas de choro. Champagnat foi incapaz de conter as lágrimas no ato de redigir a carta. Alguém pode ver nisso, por exemplo, manchas de água da chuva em alguma tempestade, ou no aproximar a folha de janela aberta. Seja como for, não há dúvida de que Champagnat ficou muito amargurado em tal conjuntura. Aqueles que defendiam a união não desistiram. Em carta de 10 de outubro de 1833, temos as seguintes palavras de Cholleton:

'O Pe. Jesuit, que pregou o retiro aos Irmãos de l'Hermitage, disse ao Pe. Barou que Champagnat estava agora disposto a concordar em tudo acerca da união.¹²⁶

Realmente, nem Champagnat nem Querbes estavam muito propensos à fusão das suas congregações. Felizmente, o fluir do tempo constituiu fator de muita ajuda, em vista de outra providencial saída e solução para Champagnat: os Irmãos em idade do serviço militar poderiam, temporariamente, unir-se aos Irmãos de St. Paul-Trois-Châteaux, congregação do Pe. Mazelier, que contava com a autorização legal. Esses Irmãos de Champagnat estudariam para lograr o diploma de professor, ensinariam nas escolas de Mazelier e, no devido decurso, retornariam ao redil marista. O primeiro biógrafo de Champagnat

125 O.M. 1, Doc. 276.

126 O.M. 1, Doc. 291, Section 3.

nos diz que, com o tempo, o Arcebispo de Lyon se congratulou com Champagnat por ter este resistido aos esforços daqueles que advogavam a união.

Um triunvirato contra Pompallier

O Irmão João Batista, na sua biografia de Marcelino José Bento Champagnat, apresenta severa visão de Pompallier, acusando-o de ser instrumento de aflição para Champagnat, infligindo-lhe a agonia da projetada união dos seus Irmãos com os Clérigos de São Viator de Querbes¹²⁷:

“O Pe. Pompallier, que por diversos anos foi capelão de l’Hermitage, desaprovava a maneira de Champagnat orientar a Sociedade. Censurava a administração e a direção com que ele orientava os Irmãos”.

Segundo João Batista, Pompallier estimava que, nas mãos de Champagnat, a Sociedade não tinha futuro. Estava tão convencido disso, que se julgava obrigado a levar a matéria ao Arcebispo. “O Pe. Champagnat, dizia ele, apesar da sua piedade e virtude, não tem as qualidades requeridas para conduzir uma comunidade com êxito. Não é apto para manter a correspondência, instruir os Irmãos, tratar com os diretores das escolas ou dirigir condizentemente o noviciado. Ademais, ele não dá muita atenção a tais coisas, devotando quase todo o seu tempo à construção e na

extração de madeira da montanha. Disso se segue que os Irmãos não são assaz exercitados, seja na piedade seja nas virtudes religiosas; no entanto, eles não são formados nas matérias necessárias a professores e tantas outras coisas são negligenciadas”.

Pompallier estava tão empenhado em comunicar e manifestar esta visão e zelo pelos Pequenos Irmãos de Maria, que se deu crédito à sua representação. O Arcebispo nomeou uma comissão para tratar disso com Querbes, Superior dos Clérigos de São Viator, com vistas à fusão. Entretanto, o Arcebispo dirigiu-se a Champagnat nestes termos: “Bem vedes, não lograis a autorização do governo; julgando pelo espírito de que este está animado, tal favor não vos será nunca assegurado. Além disso, a vossa sociedade está ficando muito numerosa e não pode continuar sem o reconhecimento legal, pelo que desejo que unais os vossos Irmãos com aqueles de São Viator; estes já contam com a licença do governo. O Pe. Querbes está pronto para receber os vossos Irmãos na sua congregação”.

Bem, o Irmão João Batista, por certo, não é devoto de Pompallier, e aqui o pinta com as cores de Machiaveli. Segundo a declaração dele, foi Pompallier que estava por trás da filiação com Querbes em 1833. Não é o único acusador.

¹²⁷ ‘Life’, 1947, pp. 189-191.

O Pe. Colin comparece pesadamente contra Pompallier em documento de 1847:

“Ansioso e insinuante, Pompallier ganhou a confiança do Administrador do Arcebispo, causou a mudança de certo Vigário geral, substituído por outro como superior da nova casa dos Irmãos em l’Hermitage; algum tempo depois, quase teve êxito em que o administrador do Arcebispo fosse tirar de Champagnat a direção do trabalho que este nutrira, e colocando no seu lugar um sacerdote a tudo isso estranho, que teria destruído o novo estabelecimento. A Providência desejava que isso não lograsse sucesso. Foi então que, na intervenção da administração arquidiocesana, ele foi proposto como Vigário Apostólico da Oceania Ocidental¹²⁸.

O Irmão Avito, cujos Anais constituem um dos primeiros documentos do Instituto dos Irmãos, junta-se aos acusadores. Avito não cita as suas fontes; sem dúvida, porém, as suas asserções se baseiam em lembranças dos primeiros Irmãos, e alguém pode suspeitar que seja no próprio relato do Irmão João Batista. A sua história assemelha-se à do Irmão João Batista, história em que ouvimos claramente o eco do severo juízo do Pe. Colin. Assim escreve o Ir. Avito:

“Pompallier estava ainda em l’Hermitage. Segundo todos os relatos, o Instituto estava prosperando: os noviços eram numerosos; os Irmãos eram bem formados; eles tinham bom espírito e eram apegados ao seu piedoso Fundador.

Pompallier, contudo, não era dessa opinião. Ele não aprovava o modo de Champagnat conduzir os negócios. Reprovava e criticava a sua administração e a orientação que ele dava aos Irmãos. Segundo ele, o Instituto iria perecer nas mãos de Champagnat. A sua convicção quanto a isso era tão profunda que ele se sentia obrigado a levar tais sentimentos e temores ao Arcebispo.

Champagnat, dizia ele, a despeito da sua piedade e virtude, não possui nenhuma das qualidades necessárias ao bom superior de comunidade. Ele não é capaz de manter a correspondência, instruir os Irmãos, lidar com os fundadores das escolas e dirigir convenientemente o noviciado.

Ademais, raramente se ocupa dessas coisas e gasta a maior parte do tempo na construção e na extração de madeira da montanha. Eis por que os Irmãos não são convenientemente formados à piedade e às virtudes da religião; tampouco adquirem os conhecimentos indispensáveis a professores.

Pompallier nasceu em Vourles. Ele conhecia muito bem o pároco Querbes, fundador dos Clérigos de São Viator, congregação pequena em números. O nome dela já indica que a função era tanto o trabalho da sacristia como da escola. Eles iam, um a um, viver e morar nos presbitérios das paróquias. A regra deles estava ainda em estágio de formação. O seu vestir nada tinha de impressionante, tanto de traje civil como de batina. Ainda assim, Pompallier estava persuadido de que essa pequena congregação estava solidamente

¹²⁸ O.M. 4, Doc. 909, Lines 17-26.

construída e prometia brilhante futuro. Ele, assim, insistiu com o Arcebispo em conseguir que Champagnat unisse os seus Irmãos aos Clérigos de Querbes. Ele estava plenamente convencido do que dizia. Parecia ter estudado a matéria tão bem que Sua Excelência arquiépiscopal foi levado à mesma convicção. Ele instou o bom Pe. Champagnat e fortemente o pressionou a juntar-se ao projeto do Pe. Pompallier¹²⁹.

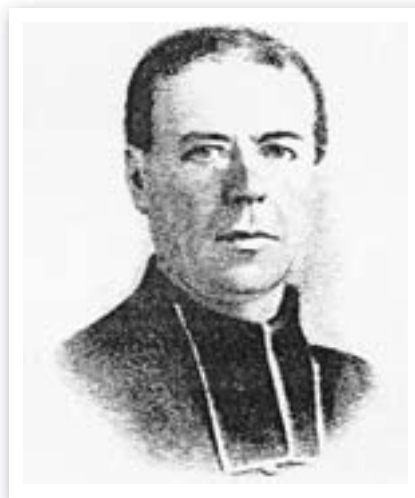
Reflexão

Afinal de contas, qual o grau de verdade nas acusações desses três homens? São eles sinceros a respeito de Pompallier? Temos estudado as avaliações desses três comentadores. Notamos que, no concernente a Avito, o seu relato segue a opinião de João Batista, em alguns lugares textualmente. Além disso, Avito não chegou ao cenário de l'Hermitage senão muito depois da partida de Pompallier para a Oceania. Desse modo, a sua narração se fundou pesadamente no dizer alheio, nas quase únicas fontes do Irmão João Batista. Quanto ao terceiro comentador, sabemos que, depois de lidar no Pacífico com os negócios maristas, Pompallier incorreu no desgosto e na própria ira de Colin. Procedamos agora ao estudo da matéria favorável a Pompallier relativamente à obra de Querbes. Em verdade, houve contato entre Champagnat e Querbes muito antes de esse arquitetar o projeto de fusão de ambos os Institutos. Veremos primeiro esse tópico.

No começo de 1824, encontramos um pedido de Querbes a Champagnat no sentido de receber os Irmãos deste. A primeira solicitação não resultou em nada. Querbes escreve:

“Desde 1824, vim empenhando-me em que também os meninos da minha paróquia pudessem beneficiar-se da educação religiosa, se eu conseguisse desfazer-me dos dois mestres-escolas, que eu reputava indignos da profissão. O meu pedido de um Irmão a Courveille, então superior dos Maristas, não teve resultado. Compreendi, desde então, a necessidade de um Instituto religioso que pudesse enviar, um por um, alguns dos seus membros aos mais remotos rincões”¹³⁰.

Provavelmente, Querbes ficou desconfiado do “Prospecto” Courveille, provindo de l'Hermitage e algo publicitário dos Irmãos Maristas. Courveille, aliás, carente de modéstia, apresentava-se como Superior.



O Pe. Querbes, Fundador dos Clérigos de São Viator

¹²⁹ Sinopse dos Anais do Ir. Avito, p. 154 (p.98). Ainda O.M. 4, Doc. 909, p. 71, Rodapé

¹³⁰ O.M. 2, Doc. 765, Linhas 3-9.

Temos outra carta de Querbes, esta endereçada a Sua Excelência de Pins, em 2 de novembro de 1829. Ela não versa a união dos Institutos; antes, estabelece que ambos os grupos

podem trabalhar em harmonia na mesma diocese ou arquidiocese; a carta rejeita qualquer sugestão de concorrência entre ambos:

“Haveria necessidade de acrescentar que este estabelecimento, de forma alguma, pode prejudicar o desenvolvimento dos Irmãos de La Valla, como as Irmãs de São José não podem prejudicar as Irmãs de São Carlos. Alguns irão a Judá, outros à Samaria, todos movendo-se para o mesmo fim, mas de modo diverso. A diocese de Lyon e sua redondeza constituem o campo assaz vasto para tais trabalhos de zelo. Não temo adiantar que vou atuar acordado com o Pe. Champagnat, que me visitou algum tempo atrás e que me escreveu, há pouco, acerca do tema Pompallier, que deve retornar em breve. Eu desejo encontrar-me com Champagnat, de modo que eu possa ver o bem que ao Senhor aprouve realizar, em favor das crianças, pelos esforços desse virtuoso sacerdote”¹³¹.

Isso é apenas um extrato do documento de Querbes; outros tópicos são levantados na carta. Não temos certeza de que Querbes tenha enviado a carta, porque ela ainda está nos arquivos do Instituto de Querbes. Talvez, passado o tempo, Querbes tenha decidido não expedir a missiva; não sabemos realmente. Ainda assim, é óbvio que, naquele estágio, não era questão de propor a fusão.

Concentremos a atenção em Pompallier. Além das dez cartas de Pompallier que já examinamos, cartas que mostram o seu harmonioso relacionamento com Champagnat, apresentamos uma lista de documentos pertinentes, provindos das Origens Maristas, que lançam dúvidas nas severas asserções de João Batista:

- **Doc. 276** (Decisão do Conselho Arquidiocesano, 7 de agosto de 1833): ‘... para efetuar esta fusão vale a pena uma tentativa, pelo menos’ – decisão do Conselho do Arcebispo, mas sem nenhuma referência ao Pe. Pompallier.
- **Doc. 277** (Carta do Pe. Querbes ao Pe. Cholleton, 10 de agosto de 1833): As condições estabelecidas pelo Pe. Querbes para essa proposta de união – sem nenhuma menção do Pe. Pompallier.
- **Doc. 278** (Carta do Pe. Pompallier ao Pe. Champagnat, 18 de agosto de 1833). Talvez se reporte a uma possível união com os Clérigos de São Viator, mas não se faz menção direta: ‘O Pe. Cholleton disse-me que ele acaba de escrever-vos.’

¹³¹ O.M. 1, Doc. 204.

- **Doc. 280:** (Carta do Pe. Cholleton ao Pe. Querbes, 23 de agosto de 1833): ‘Pareceu-me que o Pe. Champagnat está bem disposto. Ele irá à vossa casa na próxima semana.’ – Champagnat não foi; de novo não há menção do Pe. Pompallier.
- **Doc. 286** (Agosto ou setembro de 1833): Este é tosco rascunho da admirável carta do Pe. Champagnat ao Pe. Cholleton. Nenhuma referência se faz ao Pe. Pompallier.
- **Doc. 291** (Carta do Pe. Cholleton ao Pe. Querbes, 3 de outubro de 1833). Ele cita que o jesuíta pregador de retiro lhe teria dito que Champagnat estava mais bem disposto a concordar com todas as

nossas ideias, no concernente à união.

Todas as citações desses documentos oferecem pouca evidência de qualquer intervenção do Pe. Pompallier na questão do Pe. Querbes. Há uma carta em que, embora tenha sido achada nos arquivos dos Clérigos de São Viator, tem-se quase certeza de que é do Pe. Pompallier a Querbes. Fez-se a sugestão de que essa carta parece estabelecer alguma tentativa de união do grupo de Champagnat com o grupo de Querbes, em meados de 1831, dois anos antes de irromper a crise de 1833. Uma leitura atenta, porém, tende a revelar que tal teoria encontra fraco apoio no texto da carta:

Fourvière, 31 de agosto de 1831.

‘Padre e digno pastor,

‘Não pude ver o Pe. Cholleton, exceto por breves instantes, na sexta-feira de tarde, 26 de agosto, depois de longa espera de duas horas e meia, pelo menos.

Ele me pareceu ainda muito firme na ideia diocesana. Eu lhe fiz entender, em substância, as vossas dificuldades; ele não sublinhou o informe. Disse-me que a autoridade, isto é, o Arcebispo de Pins, apenas se certificou da existência de estabelecimentos desta arquidiocese, certificação esta, ele acrescentou, que o Arcebispo não podia refutar ⁽¹⁾. Mas nenhuma solicitação foi feita por ele para obter autorização do pleno projeto e para os seus membros, espalhados por duas dioceses ⁽²⁾.

Aqui tendes muito bem exposto o centro da questão.

Ainda permanecem as ideias que tive a honra de narrar-vos, ideias que podem legalizar os procedimentos dos nossos Superiores nessas circunstâncias. Muita discrição tem de ser exercida e passos muito prudentes se requerem para versar, simultaneamente, tanto o sobrenatural como o humano.

(1) Esta pode ter sido uma atestação feita por Sua Excelência de Pins, quando ele estava dando os passos, no ano anterior, para obter a autorização legal dos Pequenos Irmãos de Maria.

(2) Nas duas dioceses, Lyon e Belley, os aspirantes ao sacerdócio da Sociedade de Maria estavam trabalhando. Por esse tempo, os Irmãos do ensino do Padre Champagnat espalhavam-se em três dioceses: Lyon, Viviers e Grenoble.

Vou concordar convosco acerca de que precisamos rezar muito e rezar sem cessar. Se vierdes a Lyon na segunda-feira, vinde a Fourvière e fazei da nossa casa o vosso hotel. Com isso nos dareis imenso prazer. Tenho a honra de ser, com profundo respeito e plena dedicação, Padre e digno Pastor, o vosso muito humilde e obediente servo,

Pompallier, sacerdote¹³²



Bispo de Pins, Arcebispo Titular,
Administrador Apostólico de Lyon

Essa carta, que é um pouco ‘surpreendente’, isto é, não há documentos anteriores nem posteriores a ela; também não é muito clara de sentido, pelo que requer cuidadosa interpretação. O que se pode estabelecer como certo é que o ‘pleno projeto’, neste lugar, não tem nada que ver com o Pe. Querbes, visto que

o documento se reporta a um grupo espalhado em duas dioceses e que tem estabelecimentos na arquidiocese de Lyon. A congregação do Pe. Querbes não estava assim situada; em verdade, o seu grupo começou apenas alguns meses mais tarde.

Por outro lado, os padres da Sociedade de Maria contavam com membros em duas dioceses; empenhavam-se em superar as ideias puramente diocesanas do Arcebispo de Lyon. Cholleton e Pompallier tratavam especialmente da Sociedade de Maria, como tema de discussão. É claro que um ponto, levantado na carta, diz respeito realmente ao projeto do Pe. Querbes; mesmo assim, não podemos dizer com precisão quais ‘dificuldades’ se referiam ao projeto, ou realmente o que estava em jogo naquela entrevista.

Ainda assim, há uma passagem da carta que pode referir-se ao esquema de legalizar o grupo de Champagnat por meio de certa filiação com o grupo de Querbes; o grupo dele teve muita sorte em obter a autorização legal do rei Carlos X, em janeiro de 1830. A passagem interessante é esta:

¹³² O.M. 1, Doc. 235.

'Aí ainda permanecem as ideias que tive a honra de relatar-vos, ideias que podem legalizar os procedimentos dos nossos Superiores nessas circunstâncias'.

Desse modo, apenas com base em documentação, parece que se pode ter concluído dessa única passagem que o Pe. Pompallier teria sido “a força” atrás da proposta de filiação dos Pequenos Irmãos de Maria com os Clérigos de São Viator. De fato, afora essa pequena e obscura frase, há pouco que mostrar como documentos acerca de que Pompallier tenha estado envolvido na tentativa de união do grupo de Champagnat com o grupo de Querbes.

Portanto, de todas as cartas de Pompallier a Champagnat e de outros documentos sobre esse tópico, pode-se concluir que Pompallier não foi, em absoluto, quem representou o maior papel nesse estressante período da vida de Champagnat. Mesmo assim, a dúvida perdura. Os testemunhos de Colin, João Batista e Avito, preconceituosos mas poderosos, e a leve suspeição levantada pela curta e obscura passagem, citada dois parágrafos acima, deixam uma dúvida persistente.

Na sua biografia de Pompallier, Lillian Keyes declara:

“O autor da vida do Pe. Champagnat atribui a Pompallier uma tentativa de negociar a união da congregação dos Irmãos professores, fundados por Champagnat, com o Instituto que Querbes

estava fundando em Vourles, mas isto não é absolutamente correto. O Administrador de Lyon, Sua Excelência de Pins, por volta de 1832, confiou ao seu Vigário Cholleton a direção dos Irmãos de São Viator, antes de que essa congregação fosse oficialmente aprovada por Roma.

“Numa memória de 1844 sobre o Cardeal de Bonald, o próprio Pe. Querbes diz expressamente que foi o Pe. Cholleton que ‘teve a ideia de unir a nossa instituição aos Irmãos de Maria. Essa ideia foi aprovada pelo Conselho do Arcebispo; ela foi também apoiada calorosamente pelo Pe. Pompallier de Vourles, sacerdote marista. Deus não permitiu essa união, porque a finalidade das duas congregações não era a mesma’.

Assim, a parte do Pe. Pompallier na matéria não foi, pois, de ordem ativa”¹³³.

Conclusão da questão Querbes

Passemos agora a considerar o que o Pe. Coste, um dos grandes historiadores maristas, pode dizer-nos acerca do tema em tela. “Ligado, por um lado, ao Pe. Querbes por conexões de família e com o pároco de Vourles, por outro, com a futura Sociedade de Maria, a que pertencia desde 1829, o Pe. Pompallier teria dificuldade de atuar diferentemente; ele teria de desejar a união deste último corpo com o trabalho dos Catequistas de São Viator. Porque começou por residir em l’Hermitage, ele interveio nessa direção”¹³⁴. Agora, dada a conexão familiar de Pompallier com Vourles, onde Querbes era pároco, mais expeditamente se compreende o interesse

¹³³ ‘A vida e os tempos do Bispo Pompallier. 36. Ainda (em parte) no Pe. J. B. Martin, “História das igrejas e capelas de Lyon”, Vol. 1, P.334.

¹³⁴ O.M. 1, Doc 235, Introdução.

dele na filiação do trabalho de Champagnat com aquele de Querbes. Mesmo que Pompallier parecesse gostar de representar papel importante nessa união, podemos concluir, diante da evidência dos documentos, que ele, deliberadamente, não tratou de solapar a posição de Champagnat com cálculo e malícia. No máximo, ele, de bom coração, teria gostado de facilitar para Champagnat o problema da autorização legal.

Pode-se, mesmo assim, criticar a sua falta de sensibilidade com respeito ao desejo de Champagnat, ademais de ter tido pouca consideração no apreciar as razões que este opunha à pretendida filiação. Em que pese essa fraqueza em Pompallier, ele nada fez por merecer o grau de condenação carimbado nele pelo primeiro biógrafo de Champagnat e outros.

Nesse caso, por que João Batista e Avito pintaram Pompallier com tais cores sombrias no cenário em questão? Os documentos, por certo, não condenam Pompallier. Pareceria, portanto, que ele é acusado *viva voce*, por mera via oral, com a suposição de que não era popular entre os Irmãos. Ambos, João Batista e Avito, não estiveram muito apegados ao l'Hermitage do cenário deste problema, por longos períodos, nas suas carreiras iniciais; mas, evidentemente, eles colheram os preconceitos contra Pompallier expressados pelos Irmãos que tiveram contatos mais próximos com Pompallier. Pode-se de pronto imaginar que o muito dignificado Pompallier - de nobre porte, de diversificada habilida-

de e consciência do seu valor - não despertasse muito apelo nos humildes seguidores de Champagnat. Nesses primeiros dias, a despeito dos seus talentos, eles não tiveram oportunidade de poli-los e fazê-los brilhar pelo uso. O óbvio preconceito de João Batista e de Avito contra Pompallier, em parte, pode explicar-se pelo fato de que sofreram em demasia a influência dos outros.

Naturalmente, a fraqueza da narrativa e o modo algo agressivo como João Batista e Avito relatam essa questão Champagnat-Querbes jazem no uso de "diálogos manufaturados" por esses outros. Tome-se, por exemplo, a conversação entre Champagnat e o Arcebispo. Esses autores como poderiam ter sido tão confidenciais no intercâmbio verbal para tais ocasiões? Parece difícil aceitar como narradores autênticos os que meramente manufaturam diálogos. E há mais: as palavras empregadas para macular Pompallier nesse fabrico dialógico e na própria narrativa não são certamente aquelas que o historiador imparcial escolheria.

Sabemos, é claro, que em parte, devido ao especial talento de Champagnat em jogar com o *fluir* do tempo, a união com os Clérigos de São Viator não se realizou. Mais tarde, segundo João Batista, o Arcebispo se congratulou com ele¹³⁵. Quanto a isso, pode-se notar que certa pessoa, entendida em Champagnat, declarou que João Batista inseriu essa retratação pelo Arcebispo com o fim de re-fazer-lhe a imagem entre os Irmãos.

¹³⁵ "Vida", 1989, p. 188.

POMPALLIER E AS MISSÕES DA OCEANIA

Seria apropriado, agora, retornar às circunstâncias em que os Padres Maristas receberam a autorização de Roma como congregação religiosa e, em consequência, os seus membros estavam isentos do estrito controle canônico dos Bispos diocesanos.

Alarmados com as atividades dos missionários protestantes ingleses na bacia do Pacífico, Roma determinou que se estabelecesse o Vicariato da Oceania Ocidental. A dificuldade jazia em encontrar padres para a nova missão e um líder que assumisse essa direção. Uma abordagem no concernente à liderança foi feita pelo Pe. Pastre, antigo Prefeito Apostólico na ilha Reunião. Pastre, homem doente, aposentou-se em Lyon, onde se tornou cônego da catedral. Querendo ajudar, de alguma forma, Pastre falou do tema ao Vigário geral Cholleton. Este, de imediato, pensou em Pompallier, reputou-o perfeitamente talhado para a tarefa, e falou-lhe da pretendida missão.

Ainda como aspirante a sacerdote marista, Pompallier escreveu a Colin. O superior Central, sem delongas, previu os felizes resultados que tal aceitação teria para facilitar a aprovação da Sociedade de Maria. Ele insistiu em que Pompallier aceitasse, prevenindo-o de fazer explícita menção dos ramos dos Padres e dos Irmãos como forças recrutáveis de missionários. Pastre, em termos ama-

durecidos, escreveu a Roma, anexando a sua missiva à carta de Colin dirigida a Pompallier. O chapéu marista ‘entrava na arena’, isto é, o seu portador entrava na refrega. No decurso costumeiro, Roma, por meio do seu ramo da Propaganda, tomou a decisão de confiar a nova missão à Sociedade de Maria. Mais tarde, o decreto papal *Omnium Gentium* deu reconhecimento pontifício aos Padres Maristas. Pompallier virou Bispo, nomeado Vigário Apostólico da imensa região da Oceania Ocidental.

Quando os sacerdotes aspirantes a Maristas se reuniram em Belley, em 24 de setembro de 1836, para a emissão dos votos, eles eram vinte: onze da diocese de Belley e nove da arquidiocese de Lyon. O agora Bispo Pompallier, também de Lyon, esteve presente, mas não emitiu votos. Ele deu as suas razões no adendo de carta ao Cardeal Fransoni, em 10 de setembro de 1836:

“Estou deixando Paris por Lyon, na próxima quarta-feira. Vou estar no meio dos meus confrades, nas reuniões previstas para a eleição do Superior geral e no retiro que precede a emissão da profissão dos votos. Quanto a mim, estou preparando uma declaração que me coloca, em face da congregação, no estado em que um bispo se sente, quando, antes da sua consagração, ele estava ligado aos votos da religião, desde que, segundo o conselho de Vossa Eminência e do Cardeal Sala, como bispo, não devo emitir votos ante um simples sacerdote, especialmente depois de ter prometido por juramento a imediata obediência ao Santo Padre¹³⁶.

¹³⁶ O.M. 1, Doc. 401, Linhas 1-11. Adendo da carta de Pompallier ao Cardeal Fransoni 10/ 9/36.

Pompallier realmente fez a sua “declaração” na reunião dos primeiros Maristas, em 24 de setembro de 1836. Ele formulou uma promessa de apego espiritual à Sociedade.



Papa Gregório XVI, 1831-1846

Há uma citação do livro de Wiltgen, intitulado “A fundação da Igreja Católica Romana na Oceania, 1825-1850”, em que consta esta inserção:

‘ Em 29 de maio de 1848, o Cardeal Luigi Lambruschini, num encontro geral, disse aos Cardeais membros da Congregação de Evangelização que Pompallier fora autorizado por Roma a emitir os votos com os Maristas desse tempo, mas ele nunca os fez, e nunca, depois, se considerou membro da Sociedade de Maria. Mas, na sua declaração após a emissão de votos de 24 de setembro de 1836, sábado, consta um registro que assim reza: “Para sentir-me leal, de coração e alma, à Sociedade de Maria, desejo ser membro até o meu derradeiro suspiro”.

Pompallier nomeou Colin como o seu Pró-Vigário geral para a Oceania Ocidental.

O Pe. Colin aceitou isso como participação no esforço missionário. Colin pediu que tratasse os missionários da sua Ordem como superior religioso. Pompallier aceitou, “mas, diga-me se devo resignar tal cargo para ocupar-me exclusivamente da missão”. Esse pacto iria causar interminável conflito entre eles; o conflito por pouco não encerrou o trabalho da missão. A missão da Oceania Ocidental, com o tempo, sofreu grande dano; quase foi destruída, não fosse a sabedoria, paciência e a correlata severidade da Congregação pela Evangelização em Roma¹³⁷.



Padre João Cláudio Colin, SM, Fundador dos Padres Maristas

Metaforicamente há vasto mundo de informação sobre Pompallier na sua subseqüente carreira de missionário na Oceania, mas o período em tela não faz parte do escopo deste estudo.

¹³⁷ ‘A fundação da Igreja Católica Romana na Oceania, 1825-1850’. Ralph W. Wiltgen S.V.D. P. 129.

Mariologia de Pompallier e de Champagnat

A nossa gratidão cumpre seja dirigida a Pompallier, visto que o seu contato com Champagnat catalisa uma resposta deste que propicia alguma indicação da profundidade da devoção de Champagnat a Maria.

Carta de Champagnat ao Bispo Pompallier na Oceania

O Pe. Champagnat valeu-se do segundo domingo em Paris, em 1838, para responder a uma carta do Bispo Pompallier, carta que não foi preservada. As cartas que eles trocaram mostram claramente o liame existente entre Champagnat e o Bispo Pompallier. Isso pode explicar o tom confidencial dessa carta. O adendo foi

escrito depois do retorno de Champagnat a l'Hermitage, em meados de julho. Dado que a carta não tem marca postal, Champagnat pode ter previsto a ocasião de contar com um portador da carta. Mas não temos o menor sinal de evidência que nos guie nisso. O segundo grupo de missionários partiu para a Oceania em setembro de 1838; como a carta foi redigida em maio, o longo hiato de tempo torna pouco plausível que o portador haja sido Marista.

Atualmente, a carta está nos arquivos da Província Marista de Sydney, Austrália. Em 1905, fora entregue pelo Bispo Lenihan de Auckland, ao então Provincial da Austrália, Irmão Estanislau. Foi encontrada entre os papéis de Pompallier, primeiro Bispo da Nova Zelândia. Segue-se o texto da carta.

*Missões Estrangeiras, Rue de Bac, nº 120.
Paris, 27 de maio de 1838.*

Bispo Pompallier,

Com real prazer e especial entusiasmo é que me valho do melhor momento para responder à sua bondosa carta.

Como vê, estou em Paris desde dezoito de janeiro, em busca da autorização dos Irmãos, que ainda não tenho, mas que desejo cada vez mais. Tudo parece favorável, mas as formalidades burocráticas nunca terminam.

Foram muitas as tratativas e visitas a que procedi. É impossível até mesmo formar uma ideia delas.

Fiz todas as minhas visitas e todos os meus deslocamentos de batina, sem nenhum insulto.

Não tenho sido tratado como os anticlericais procederiam com algum jesuíta.

Paris está em paz como nunca e os negócios vão pelo mesmo caminho. Na capital, há mais religião do que se possa pensar no interior. Pode avaliar quão amargo me fica o tempo, por estar longe dos meus trabalhos.

Com todos os transtornos que tenho em Paris, sinto-me com melhor saúde do que em l'Hermitage.

O Pe. Dubois muito me fala de Vossa Excelência e da sua missão. Há poucos dias, disse-me ele: ' Não esqueça aquela missão. Que santo homem. Quão necessário é ter muitos semelhantes a ele e tê-lo em convivência por muito tempo'.

Neste momento, a França suplica missionários para todos os países que deles necessitam.

Durante a minha estada aqui, tenho visto seis candidatos que partiram, provindos dos seminários das Missões Estrangeiras, e mais outros que se preparam para partir. Que belo assunto de edificação encontro eu nesta casa. A religião ainda não vai perecer na França; há superabundantes recursos.

O trabalho da Propagação empenha-se, todo o dia, em novos desenvolvimentos.

Sua Excelência Mistard é o Bispo de Amiens; ele tomou posse ontem.

Os Padres da Chartreuse elegeram o seu Superior. Lamento ter esquecido o nome dele.

Continuamos recebendo muitos noviços. Atualmente, somos 225 ou 226; temos 38 ou 39 estabelecimentos e setenta pedidos. Sofro real perseguição daqueles que desejam ter Irmãos. Eles empregam todo o tipo de meios para no-los arrebatam. Aqueles que não têm suficiente influência valem-se de pessoas a quem não podemos recusar nada. Estamos no ponto de necessitar de nova casa-mãe.

Possivelmente a ergueremos no Departamento de Var.

O Pe. Matricon ainda está comigo; estou muito satisfeito com ele, vejo-o cada vez mais amado dos Irmãos; ele demonstra excelente discernimento. Tenho comigo também o Pe. Besson, sempre muito boa pessoa.

O Irmão Francisco é o meu braço direito; dirige a casa, na minha ausência, como se eu estivesse presente. Todo o mundo se lhe submete sem nenhuma dificuldade.

Maria mostra a sua proteção, de modo visível, no concernente a l'Hermitage. Como o nome de Maria é poderoso! Como somos felizes em portá-lo. A nossa Sociedade teria desaparecido, há tempo, se não fosse por esse santo nome, miraculoso nome. Em Maria está toda a riqueza da Sociedade. Terminamos a nossa capela; é muito bela e infundamente querida para nós, porquanto foi abençoada pelo primeiro missionário e primeiro Bispo da Sociedade. Espero que, a todos esses títulos, esteja ligada uma terceira e natural consequência. O primeiro... quem...

O Pe. Terraillon continua como pároco de Saint Chamond. Penso, contudo, que não ficará aí por muito tempo.

O Arcebispo mostra-nos a sua bondade mais que nunca; digo o mesmo do Bispo de Belley.

Começamos o estabelecimento da Grange Payre; já vai prosperando, com bom número de alunos.

A Maria, sim, a Maria e só a ela, devemos toda a nossa prosperidade. Sem Maria não somos nada, com Maria temos tudo, visto que ela tem sempre o seu adorável Filho, seja nos braços seja no coração. Sem dúvida, Vossa Excelência está disso muito convicto: é sempre por meio de Maria que eu conto obter a Autorização que ardorosamente procuro, mas a santa e muito santa vontade divina seja feita. Ouço que me responde: Amém.

Todos quantos estão com Vossa Excelência, Irmãos e confrades, possam responder o mesmo e rezar por mim. Recomendo-me, de modo muito particular, às boas orações deles e, mais especialmente,

às de Vossa Excelência. No que me toca, nunca me aproximo do santo altar sem pensar na nossa querida missão e naqueles que foram a ela enviados. Excelência, mostre-se como pai daqueles que lhe são enviados, como tem feito com os primeiros.

Aceite de bom grado a certeza do meu sincero devotamento e dos meus mais autênticos sentimentos com os quais, Excelência, tenho a honra e o respeito de ser o seu muito humilde servo

Champagnat.

Adendo - Estou de volta a l'Hermitage, mas sem o resultado a que visei. O Pe. Fulchiron, com quem acabo de encontrar-me, na sua chegada de Paris, disse-me que os meus documentos foram, por fim, levados da Universidade para o Conselho de Estado, com parecer favorável do Ministro. Estamos partindo para uma fundação em St. Pot, Pas de Calais, fundação que o Ministro me solicitou. Parece que uma casa-mãe vai ser necessária aí. Outro pedido nos veio de Montpellier e outro do Departamento de Var, cujas despesas vão ser todas acertadas. Somos cercados por numerosos pedidos que nos vêm todos os dias. Muito desejaria que alguém me substituísse. Reze por mim. Tenho disso muita necessidade. Estou plenamente convencido de que as suas orações estão agradando ao bom Deus¹³⁸.

Champagnat escreveu essa carta de Paris, durante a sua segunda visita à capital francesa. Ele foi aí uma terceira vez, ainda em 1838. No seu primeiro dia em Paris, foi acompanhado por Pompallier. A sua referência 'de ser um padre ou jesuíta' indica o extremo anticlericalismo que, por vezes, irrompe nos franceses, especialmente nos parisienses, onde houve até sacerdotes atirados ao Sena.

A Propagação da Fé se deve à Sociedade fundada por Paulina Jaricot, que era amiga do Pe. Colin e que organizou os fundos para as Missões, incluindo a Missão da Oceania Ocidental, sob a liderança de Pompallier. Quanto às reticências e palavras omitidas, podemos talvez adivinhar que falem partes e se reportem às palavras 'apóstolo' ou 'mártir'.

O Pe. Terraillon, que deixou l'Hermitage em 1826, renunciou ao cargo de pároco de Nossa Senhora de Saint Chamond, em novembro de 1839 e foi a Puylata em Lyon, nomeado pelo

Pe. Colin. Ele havia emitido os seus votos religiosos com outros Padres Maristas em setembro de 1836.

A Grange Payre, mencionada aqui, tornou-se um internato de jovens candidatos, pelo qual Champagnat tinha grande afeição. Antes da sua morte, em 1840, Champagnat enviou os seus Irmãos como missionários para a Oceania: três no primeiro contingente, em 1836; três, em 1838; o Irmão Attale, em 1839; dois, em fevereiro de 1840.

St. Pol está no extremo norte da França, muito longe do apertado conjunto das comunidades de Champagnat perto de Saint Chamond, sudeste de Lyon. Atendendo à solicitação do Ministro para uma escola naquela região, Champagnat esperava facilitar a obtenção da licença governamental para o Instituto, o que não logrou. O Irmão João Batista foi enviado para abrir a escola de St. Pol; essa abertura levou a desenvolvimentos acima de todas as expectativas.

¹³⁸ Arquivos dos Irmãos Maristas, Província de Sydney.

A expressão ‘rezai por mim; tenho grande necessidade disso’ deve ser alguma referência à sua saúde; em 1837, na sua viagem ao sul, a doença o obrigou a retornar. Havia também a tensão ligada ao programa de construção. Não surpreende que, depois de 22 anos de incessante trabalho e ansiedade, Champagnat desejasse confiar o trabalho a outrem. Ainda assim, acima de todos os outros comentários, precisamos dizer que é nessa carta a Pompallier, na Nova Zelândia, que Champagnat nos dá a mais profunda ‘introvisão’ da sua devoção a Maria. Escreve ele:

“Maria mostra, de modo visível, a sua proteção no concernente a l’Hermitage.
Como é grande o poder que o nome de Maria tem.
Como somos felizes em portá-lo!
A nossa Sociedade, há muito tempo, teria cessado de existir,
não fosse por este santo nome,
por este miraculoso nome.
Em Maria está toda a riqueza da Sociedade”.

E, mais adiante, na mesma carta:

‘A Maria, sim, apenas a Maria é devida toda a nossa prosperidade.
Sem Maria não somos nada; com Maria temos tudo,
visto que Maria tem sempre o seu adorável Filho,
seja nos braços seja no coração’.

Ninguém esperaria tal lirismo de um homem do campo, lirismo que apresenta Champagnat como homem de ternos sentimentos. Desse modo, congratulemo-nos com Pompallier por ter sido a catálise dessa explosão de hino e de louvor a Maria por parte de Champagnat.

POMPALLIER. PALAVRA FINAL

João Batista Francisco Pompallier era talvez o sacerdote mais estreitamente associado a Marcelino Champagnat nos primeiros anos. Chegando a l’Hermitage em 1829 e aí residindo, quase sempre, até o fim de 1832, ele estava constantemente em contato com Champagnat. Até depois da saída para Lyon, Pompallier, amigo do Vigário geral Cholleton, continuou mantendo uma ligação não oficial com as autoridades arquidiocesanas e os companheiros Maristas da arquidiocese. Ele estava, assim, em estreito contato com Champagnat até 1836, ano da sua indicação como Vigário Apostólico da Oceania Ocidental.

A carta de Champagnat a Pompallier de 1838 é simultaneamente maravilhosa expressão de amizade e cordial declaração da devoção de Champagnat à bem-aventurada Virgem. Por outro lado, as dez cartas de Pompallier a Champagnat, já consideradas neste estudo, são, do mesmo modo, amigas e repletas de novidades e informação sobre os Maristas e os negócios episcopais. O tom das cartas de Pompallier é sempre amigável, simpático e respeitoso. As cartas não nos dão nenhuma insinuação do caráter maquiavélico pintado por João Batista e por Avito. Não achamos nenhuma prova real ou documental do envolvimento de Pompallier na martelada questão de filiação dos Irmãos de Champagnat com os Clérigos de São Viator de Querves. Temos igualmente essa prova na autenticidade de his-

torizador do Pe. Marista Coste e do próprio Pe. Vourles, de que o caso era tal e não outro. Mesmo assim, podemos imaginar que Pompallier teria somado os seus esforços àqueles do Pe. Cholleton, este como peça mestra no processo; mas Pompallier não foi malicioso intrigante; simplesmente esteve no papel de homem de superior conhecimento e de prontidão para soluções de ‘fogo rápido’ em tantas situações.

Realmente Pompallier era de superior conhecimento. Por exemplo, a sua leitura da oportunidade da Missão foi a mais notável:

“A missão em si, caso possa considerá-la desse modo, para o meu espírito é questão acessória, ao passo que a coisa principal é a obtenção do Breve de autorização ou, pelo menos, de centralização da recém-fundada Sociedade de Maria. Se isto ocorre, eu me sentirei muito feliz em ir ao extremo da terra, àquelas ilhas do Oceano Pacífico, com aqueles pobres selvagens que não conhecem Nosso Senhor, mas que oferecem, como se divulga, boas disposições”¹³⁹.

Eis outra inserção:

“Como me comprazo diante de Deus por haver aceitado, desde o começo, o trabalho dessa missão e por ter induzido toda a Sociedade a dedicar-se a esse mesmo projeto, que sempre eu previa destinado a apressar e talvez assegurar a aprovação de Roma, o que constitui o objeto dos nossos comuns desejos”!¹⁴⁰

A capacidade de Pompallier é também demonstrada na sua destreza

no desenvolvimento espiritual dos Irmãos Terciários de Maria, na iniciação das Virgens Cristãs e na sua intervenção em favor das Irmãs Maristas. Teve parte também na nomeação de Cholleton no lugar de Cattet, indicada na sua carta de 8 de abril de 1833, dirigida a Joana Maria Chavoin; nisso mostrou a sua capacidade como lobista; também parece apontar certa autossatisfação nas suas próprias habilidades de convencimento.

O desejo de Pompallier, fortemente expressado para o estabelecimento da Sociedade de Maria e do seu pessoal de trabalho missionário no exterior, contidos na passagem citada acima, seguramente indicam o compromisso de Pompallier com a causa marista. É possível, contudo, que outros motivos também atuassem em Pompallier. Quiçá ele considerasse que a sua situação não era sólida, certamente com respeito às posições de alta responsabilidade, entre os Maristas. Apesar de ter os melhores atributos requeridos para a liderança, ele não foi escolhido pelos seus companheiros da Arquidiocese de Lyon, na eleição de novembro de 1832; o eleito foi Séon. A propensão de Pompallier em propor e redigir regras foi, talvez, o fator que o desqualificou. De novo, a sua remoção do internato de Irmãos Terciários distanciou-o mais ainda dos seus confrades Maristas. Portanto existe a possibilidade de que Pompallier, ardoroso como ele era, sem dúvida, de impulsionar a Sociedade de Maria,

¹³⁹ O.M.1, Doc. 347.

¹⁴⁰ O.M.1, Doc. 370.

pode muito bem ter sido o gatilho para aproveitar a oportunidade de expandir as suas próprias asas eclesiais em outro lugar.

Ocupou-se, quanto dependia dele, na questão da aceitação da Missão da Oceania Ocidental, a que Roma visava, porque ele a considerava o meio ideal de facilitar a aprovação da Sociedade de Maria, quando foi selecionado líder apostólico; pode-se supor até mesmo que a isso tenha aspirado. Certamente possuía todas as qualificações de liderança para Bispo. Além disso, como Bispo, podia alforriar-se da jurisdição do Superior geral da congregação religiosa. Poderia ser dono de si próprio e, com as conexões maristas, detinha a vantagem adicional de ter membros do seu corpo religioso à sua disposição, talvez como assistentes da missão.

A ação de Pompallier na tentativa de distanciar os Irmãos Terciários do liame marista é muito interessante. Mesmo que o Pe. Forest, Marista, tivesse sido indicado para substituí-lo na capelania dos Irmãos Terciários, Pompallier, como temos visto, não tinha a intenção de torná-los mais ligados à jurisdição do Superior da Sociedade de Maria. Isso é estranho, porquanto, antes, parecia que ele visava à vinculação dos Irmãos Terciários aos Maristas. É possível que ele, sabendo-os sob a jurisdição do Arcebispo de Pins, preferisse não jogá-los abertamente na gravitação da Sociedade de Maria, por não querer ofender de Pins. Seja como for, te-

mos as seguintes palavras de Colin, no concernente à sua conversação com o Papa acerca dos Irmãos terciários: “Eu não os apresentei como ligados à jurisdição da autoridade do Superior geral da Sociedade de Maria”¹⁴¹.

Ainda assim, Pompallier não fez pouco em favor da Sociedade de Maria e de muitas maneiras. Ele conseguiu o cumprimento de um dos objetivos originais da Sociedade: o estabelecimento da Ordem Terceira. É verdade que Colin tinha algo desse projeto com os homens de Belley; o grupo de Pompallier, porém, em Lyon era de longe muito mais vigoroso e foi desse grupo lionês que a Ordem Terceira, no fluir do tempo, emergiu e ficou forte, especialmente sob a direção do Pe. Pedro Juliano Eymard, futuro santo. Ademais, foi Pompallier que iniciou o ramo feminino das Virgens Cristãs, de cujas fileiras, no curso do tempo, emergiram as Irmãs de Maria Missionárias, as quais, na sua vez, encorajaram o estabelecimento de pequenas congregações indígenas na região do Pacífico.

Apesar do seu genuíno apego à Sociedade de Maria e do excelente trabalho que cumpriu na causa dela, não deve surpreender que ele optasse em não emitir os votos como Marista em 1836. Temos, naturalmente, a razão que o levou a colocar na frente a sua ligação com o Papa; mas pode haver algo mais.

Pompallier sempre parece estar na periferia do movimento dos Padres

¹⁴¹ O. M.1, Doc. 395.

Maristas. Parece provável que ele era o protagonista em formular, talvez em 1830, aquelas dezesseis cláusulas estatutárias, que eram verdadeiro manifesto da Sociedade de Maria de l'Hermitage, como foram vividas nos primeiros anos. Naturalmente, elas foram ficando sem importância, depois da eleição de Colin como Superior central em 1830, porque, como tal, era Colin o designado para superintender o estilo de vida da comunidade dos Maristas. Em outra oportunidade, quando o grupo de Valbenoîte foi formado, Pompallier rascunhou regras para certo modo de vida. Como sabemos, a sua propensão de produzir regulamentos não foi bem aceita evidentemente. Apesar disso, nesse empenho em fabricar regras para os grupos maristas, Pompallier dá a impressão de que ele tem a sua própria visão do que deve ser a Sociedade Marista. É possível, assim, que ele não fosse feliz com a direção que os Maristas estavam tomando.

De 1832 a 1836, Pompallier foi entre-tendo um jogo solitário, ainda profundamente envolvido com os negócios maristas, mas conduzindo-se mais ou menos com independência. Nas suas muitas atividades, ele parece estar algo à margem do espírito marista e, em termos de vida religiosa, ele irrompe mais como homem

de poder do que homem de serviço. Assim, optando por não juntar-se aos Maristas e no aceite da liderança da Missão da Oceania Ocidental, apostolado que o distanciava da França e do coração da Sociedade, Pompallier pode ter procedido assim em consideração de suas diferenças, com relação aos antigos companheiros da Sociedade de Maria.

Pompallier e os seus companheiros Maristas, na devida forma, estavam prontos para a Missão da Oceania Ocidental, no fim de 1836. Para Pompallier isto significaria três decênios de dificuldades e perigos, de disputas com Colin e de contestações de outras denominações cristãs. Como prova de que o seu coração estava devidamente no seu trabalho, pode ser visto na duradoura impressão que a sua figura fez nos maoris da Nova Zelândia. No ano de 2002, um grupo de peregrinos retira os seus restos mortais de obscuro cemitério de Paris. Com solenes e prolongadas cerimônias, levaram-nos de volta para a terra da Longa Nuvem Branca; para o seu derradeiro descanso, depositaram-nos sob o altar de uma pequena igreja do interior em Motuti, às margens do rio Hokianga, perto do lugar dos primordiais esforços do primeiro Bispo cristão da Nova Zelândia: este é João Batista Francisco Pompallier.

AS CIRCULARES DO IRMÃO BASÍLIO RUEDA

Circunstâncias da sua composição pelo Irmão Gabriel Michel



Alain Delorme
fms

INTRODUÇÃO

Alguns meses depois da morte do Irmão Basílio Rueda, em 21 de janeiro de 1996, tive a ideia de perguntar ao Irmão Gabriel Michel, com quem me encontrava então na comunidade de Nossa Senhora de l'Hermitage, se ele aceitaria de me fornecer as suas lembranças acerca da composição das Circulares escritas pelo Irmão Basílio Rueda durante os seus dois mandatos de Superior Geral. Na sua habitual disponibilidade, não tardou em compor longo texto, cujo condensado este número de Cadernos Maristas leva ao seu conhecimento. Recordo que o Irmão Gabriel Michel foi o Secretário Geral no decurso do primeiro mandato do Irmão Basílio (1967-1976). Nesta função, ele foi um dos seus mais íntimos colaboradores, notadamente como revisor

da redação francesa de cada uma das Circulares. Durante o segundo mandato (1976-1985), o Irmão Gabriel Michel, nomeado para o Centro de Acolhida de Nossa Senhora de l'Hermitage, para continuar um trabalho de historiador das nossas origens e servir de guia para os diversos grupos de peregrinos dos lugares maristas, não deixou de estar em ligação com o Irmão Basílio, que continuava a lhe solicitar ativa participação em dar forma final às suas Circulares.

A leitura das páginas que seguem sirva de ocasião de agradecimento ao Senhor, por mediação de Maria, visto que a vida desses dois Irmãos tem sido esplêndido presente para a nossa família religiosa.

Os números entre parênteses remetem às páginas da edição francesa das Circulares.

Las Avellanas, 11 de dezembro de 2009

2 de janeiro de 1968

1. A PRIMEIRA SESSÃO DO CAPÍTULO

No começo do Capítulo de 1967, o Ir. Basílio já era conhecido de uma parte da Congregação. Ele já podia, pois, receber muitas confidências sobre os problemas que se apresentariam. Alguns capitulares chegam sem grande preparação; outros, pelo contrário, estudaram cuidadosamente documentos como “*Perfectae Caritatis*”. Assim, os capitulares não tardam em dar-se conta das orientações que se manifestarão nas subcomissões e comissões encarregadas de estudar os grandes temas: Vida religiosa; Vida apostólica; Formação dos aspirantes e dos Irmãos; Governo da Congregação.

Tão logo foi eleito, o Ir. Basílio sublinha que não deve nem quer impor algo, antes que as novas Constituições tenham estatuído sobre aquilo que se espera do novo Conselho Geral.

Procedimentos capitulares complexos

Um texto provisório de Constituições e Estatutos foi preparado em 1966, e todos os seus artigos devem ser aprovados pelo Capítulo; isto não virá senão no segundo tempo, visto que importa primeiro passar a limpo documentos que emanam das comissões e subcomissões, que se exprimem em “folhas rosa”, depois “folhas azuis”, depois “folhas brancas”. O nível de “folhas rosa” quer dizer que a comissão está de acordo, mas que ela deve obter a aprovação do ple-

nário da Assembléia. Esta fará críticas que levarão à refundição do texto, publicado agora em “folhas azuis”. Depois da aprovação pela Assembleia plenária, elas aparecem em “folhas brancas” para o voto definitivo.

O documento acerca de um eventual acesso ao sacerdócio, desejado por alguns, nos limites da “*Perfectae Caritatis*”, é um dos mais cruciais. É sobretudo a respeito dessas decisões que o Irmão Basílio percebe a obrigação de permanecer neutro e discreto, em vista de que deve fazer cumprir decisões que não seriam da sua preferência (p. 6).

Ele já pode perceber, nesta ou naquela Província, certa rejeição da vida comunitária clássica, para se orientar na direção de formas próximas do Instituto secular (26-27). Portanto para ele, nesta etapa intersessional, momento em que publica a sua Circular, janeiro de 1968, não pretende influenciar nenhum dos lados: nem os que querem ir muito depressa, tampouco aqueles que já não se reconhecem na Congregação que quer evoluir demais.

Balanço da primeira sessão

O Irmão Basílio, que já evoca a necessidade de verdadeiras pesquisas, conduzidas cientificamente (46), constata que, finalmente, a primeira sessão, mesmo se nela houve manifestação de muita amizade, terminou em posições sobretudo antitéticas (49). Nesse começo de 1968, as pessoas se encontram à beira dessa

crise que se vai manifestar em tantos países: pesquisas psicológicas novas, dinâmica de grupos, insistência no direito à felicidade, à liberdade acima de tudo etc. Mas a liberdade necessita de ser auxiliada por estruturas (57), pelo carisma do Fundador, fonte de verdadeiro dinamismo (58). Certamente, cumpre vibrar com os valores do tempo, mas naquilo que têm de positivo e sem renegar os valores dos outros tempos, que também têm aspectos autênticos.

2 de fevereiro 1968

2. A INTERSESSÃO

Na segunda Circular, o Irmão Basílio continua a preparar os Irmãos para a segunda sessão. Ademais, ele encoraja trabalhos positivos que se fazem em certas Províncias, estimando até que seria bom ter um ou dois Irmãos especializados, liberado em tempo integral, para preparar o trabalho da segunda sessão.

Fidelidade ao espírito do Concílio

Já nessa época, o Irmão Basílio sabe que pode haver desconfiança a respeito de textos pontifícios (77). Ele, por isso, insiste num ponto do Concílio: o carisma dos Fundadores; ele torna preciso para nós “um carisma dinâmico”, que importa viver inteligentemente em cada época. Os aportes de cada geração podem ter sido mais ou menos fiéis; o Irmão Basílio pensa em trabalhos de pesquisa

e de sistematização da nossa espiritualidade (80), pesquisas que valeriam mais que uma tradição, nem sempre criteriosa (79). De qualquer forma, não se pode precipitar nada, porque a Congregação vai dispor de nove anos e mesmo de dezoito para experimentar.

A experiência que tem da sua Província e as confidências recebidas como mestre do Segundo Noviciado ensinaram-lhe que, se há tolices nas ações demasiado apressadas dos fervorosos da novidade, também há freios inadmissíveis da parte daqueles que não querem suportar nenhuma novidade. Os numerosos contatos que ele teve com muitas congregações lhe permitem ver que as tensões não existem somente nos Irmãos Maristas.

Se, mais tarde, a Sociedade de São Paulo publica em italiano a maior parte das suas Circulares, é porque ela sabe que o pensamento do Irmão Basílio é apreciado como alguém que se antecipa, simultaneamente aberto e prudente.

Como conclusão: Se a vida religiosa deve fazer experimentos novos, importa que sejam apoiados em princípios.

- Transformar o bom em melhor.
- Fazer pesquisas reveladoras.
- Procurar fórmulas mais funcionais para o nosso tempo.
- Aceitar que a experiência seja reversível.
- Não criar juízos favoráveis à irregularidade.

24 de fevereiro de 1968

3. DIANTE DA SEGUNDA SESSÃO

Cumprir orientar-se para uma *conversão institucional* e esta é mais que a soma das conversões pessoais. A verdadeira questão é: queremos o que quis o Concílio? Queremos o que o Evangelho quer? Há dois perigos: anquilosar-se ou tornar-se vítima de revoluções internas, como resultado das forças opositoras provindas dos jovens.

Ora, em todo o meio humano, é preciso contar com o peso da fidelidade e com o peso da carne. Cumprir dizer também que uma Congregação não é a Igreja: aquela não tem as promessas da vida eterna. Se as suas únicas tendências são o rigorismo de um lado e o liberalismo burguês do outro, ela terá pouca chance de sobreviver nas tempestades que avizinhnam. O Capítulo deve ser uma ação profética, apoiando as almas no Espírito (127).

Renovação e fidelidade ao Evangelho

Uma renovação adaptada não conduz a uma lei de morte. O mundo a que visamos ajudar já não é concebido com matiz pejorativo: ele é uma sociedade fonte de deveres, à qual devemos aportar valores novos ou renovados. Não é por nada que o Irmão Basílio fez estudos de axiologia e redigiu uma tese dos valores: O ser e o valor. Portanto não se deve partir de minúcias, mas de grandes ei-

xos: a criação é boa ; mas houve a queda, felizmente seguida da Redenção (131). Somente no Cristo e pelo Cristo se realizam o mundo e o homem.

Este é o o sentido da renovação adaptada, mas não uma adaptação qualquer. A tentação de muitos Superiores é a adaptação aos fatos: tal abandono já está realizado ; não há senão aceitá-lo. Com um pouco de humor negro, o Irmão Basílio constata que essas legitimações têm a vantagem de resolver os conflitos de uma comunidade medíocre, mas o inconveniente de colocá-la em plano inclinado que a fará deslizar ainda mais para baixo.

Portanto: descentralização, sim, mas não federação, deixando que cada Província crie a sua própria lei. O papel dos Conselheiros gerais é lembrar que a autoridade central tem o direito de reagir. O Capítulo decidirá sobre os poderes exatos que podem conservar as autoridades provinciais e locais. Isso atinge o problema mais geral da obediência, que será tratada mais tarde.

2 julho de 1968

4. UN CAPÍTULO PARA O MUNDO DE HOJE

Estamos a algumas semanas do Capítulo e o Irmão Basílio evidentemente está preocupado com um perigo possível: consagrar tudo aos

problemas internos, sem dar-nos conta das necessidades do mundo. Ele vai, pois, tentar dizer o que o nosso mundo espera do Capítulo dos Irmãos Maristas.

A missão marista

No próprio dia da sua eleição, o Irmão Basílio tinha dito a sua firme decisão: ir aos pobres e às missões. A grande motivação de hoje não é precisamente a ascese, mas a caridade. Contudo é ao mesmo tempo ascese, diálogo com Deus e vida fraterna que nos vão dinamizar para que examinemos se o Instituto faz o que é necessário a respeito do mundo real. Não é questão de ruptura com o passado, mas de melhor orientação, em face das novas necessidades para a grande aldeia que se tornou o mundo.

Disso derivam três questões:

- Quais são os apelos do mundo ?
- Que eco os apelos devem ter para os discípulos de Champagnat ?
- Como responder a isso ?

O problema da violência

O Irmão Basílio, conhecendo bem o Terceiro Mundo latino-americano, não pode senão prever os fenômenos de violência, como reação a tantas injustiças na repartição dos bens e o perigo de justificação teológica desta violência. Sabe que, em face da violência da guerrilha, há a justificação daquela da polícia, não menos condenável.

As respostas a essas situações são, primeiramente, aquelas do materialismo radical. Pelo contrário, cabe-nos procurar a cristianização, a paixão pela ascensão humana universal, na promoção de todos os homens e do homem por inteiro (240).

Há o direito à violência ? A “*Populorum Progressio*” não o rejeita *in limine*. Basílio cita H. Câmara:

“Respeito aqueles que, em consciência, se veem obrigados a optar pela violência, não pela violência demasiado fácil do guerrilheiro de salão, mas daqueles provaram a sua sinceridade com o sacrifício da sua vida. Como cristãos, estamos do lado da não violência, o que, de forma alguma, não é a opção da fraqueza e passividade. A não violência crê na força da verdade, da justiça e do amor, mais do que na força da guerra, do assassinio e do ódio”.

Ainda assim, cumpre distinguir o desejável do possível. Não se deve combater um mal real por meio de mal ainda maior. Aí, Basílio pode citar generosamente a “*Populorum Progressio*” e as obras de Lebret.

Atualidade da nossa vocação educativa

A escola católica destina-se ao cumprimento da missão do povo de Deus. Aí há uma defasagem que importa superar. Que representa o aporte do pessoal e do dinheiro de todas as congregações docentes em face das necessidades do mundo? Portanto que todos se unam: famílias, Igrejas e Estados. A nossa

ação, porém, como profissionais e apóstolos, deve brotar do impulso da caridade sobrenatural de acordo com o nosso carisma, na base de programação realista, sem desvios anárquicos. Em qualquer empresa que funcione, não se tolera a anarquia.

“Eis por que tento sensibilizar o Capítulo, a despeito de que tal jovem Irmão estudante julgue que as três primeiras Circulares não tinham grande coisa que ver com o Capítulo. Não posso deixar de pensar nas oito mil vontades livres que estão à minha disposição e das quais tenho responsabilidade” .

O Irmão Basílio está profundamente imerso na doutrina da “Populorum Progressio” e ele cita muito Lebrecht:

“Isto exige que nos compenetrems do espírito do Senhor e do espírito do Evangelho, para que nos possamos adaptar aos sinais dos tempos e dar respostas adequadas” (283).

O homem do Evangelho

Pessoalmente é o que sempre mais admirei em Basílio. Por certo ele é homem de inteligência extraordinária, de maravilhoso espírito de síntese, de grande abertura para a evolução ; mas, antes de tudo, é o homem do Evangelho.

Disse-me certo dia:

“Se um Irmão está constantemente disponível para o Senhor e para os outros, posso dispensá-lo de toda a regra”.

Importa, pois, aceitar o nosso tempo, visto que é nosso, e fazê-lo com alegria, sem renegar o passado. Não é necessário que os jovens se tornem mestres ; mas é preciso escutá-los (286). Nós os tomamos da carreira do mundo e os talhamos para o mundo.

Outro autor que ele cita muitas vezes é Houtart, que recorda:

“Os cristãos não devem esquecer que existe um laço misterioso entre a criação da origem e aquela da escatologia. Não é indiferente para a nova criação que tenhamos feito do mundo um inferno de ódio e de destruição. Há um laço misterioso entre os dois” .

Nesta linha situa-se a vocação do Irmão, maravilhosa linha:

“Liberar os seres humanos do condicionamento da vida secular (ganho, interesse, família, regionalismo, nação, vida sexual) para lograr que se dediquem, com todas as suas energias e com toda a sua unidade psíquica, para integrá-los numa equipe de ação e oferecê-los como dom no serviço da juventude, do desenvolvimento e da evangelização, por mediação da tarefa educativa, ideal este que sempre será moderno” (289).

Mas, para viver bem tal vida, cumpre que a nossa vida de oração alcance o grau de familiaridade com o céu.

Como contestar o nosso mundo

Aludindo à contestação global que acabava de conhecer a França em maio de 1968, ele alerta para certas tendências novas que lançam nos jovens ideias de rebelião e de preocupação social sem controle. Mas mesmo um justa rebelião não deve empregar meios votados antecipadamente ao fracasso pela sua falta de realismo.

Pode-se compreender em que nível eclesial Basílio quer orientar o Capítulo.

“A humanidade, diz ele com Madeleine Delbrel, será evangélica ou cessará de existir” (312).

Já é a constatação da Circular:

“O grande enigma da antropologia é o fracasso de todo o humanismo leigo. Os jovens têm muita necessidade de achar não somente os meios de viver, mas também as razões de viver. Importa que nos tornemos encantados com o plano de Deus, o que se realiza pela ação e pela vida, não mediante os livros”.

Disso deriva a necessidade de planificação: não aguardar uma perseguição, do tipo de Combes, para organizar, por exemplo, uma extensão programada, em lugar da expansão forçada de 1903.

Quanto à formação dos líderes, deve-se também sair do quadro clássico e

não ter medo de tomá-los em todas as classes sociais, em razão do seu dinamismo, do seu poder de dedicação mais do que das suas possibilidades acadêmicas; estas, contudo, devem entrar em linha de conta em uma congregação docente.

No nosso mundo, onde alguns se perguntam para que serve a Igreja, Basílio está consciente desta interrogação e responde com as admiráveis considerações da *Populorum Progressio*:

“ Todo o crescimento é ambivalente. Ainda assim, para permitir ao homem que seja mais homem, ele o encerra na prisão; nesse momento se torna o bem supremo que impede olhar além. A busca exclusiva do ter vai-se tornando obstáculo ao crescimento do ser. Passa-se então ao subdesenvolvimento moral” (310).

Daí deriva a necessidade de redescobrir e fazer que os nossos alunos redescubram o humanismo cristão.

CONCLUSÃO

É em nível provincial que se trava a verdadeira batalha, no caso de admitir os princípios da descentralização. Os apelos são aqueles do presente, porque muitos são novos; mas eles não contradizem os do passado; por exemplo, ir aos pobres. É preciso seguir o Cristo, como teria feito o Fundador, com fé total. E ele anuncia uma quinta parte, que será dada no decurso do Capítulo.

1º novembro de 1968

5. OS APELOS DA IGREJA E DO FUNDADOR

Ainda que as realizações excelentes de outrora devam ser revistas, a escola permanece muito importante, como atividade primária, mas não única. 'Viajor, o caminho se faz andando'. Deve-se, pois, aplicar o Concílio à nossa Congregação e ao nosso Capítulo.

Vaticano II e a situação atual do Instituto

Para fazer parte da Igreja *ad intra*, por dentro, é necessário familiarizar-se com a Sagrada Escritura, visto que, embora a Igreja tenha estruturas *ad extra*, por fora, tais estruturas são carismáticas e pneumáticas.

5.1 - Vida de oração

Em todo o caso, como Irmãos Maristas, aquilo de que precisamos não é tanto de exegese, mas de oração pessoal e do gosto da liturgia. Basílio quer que a palavra de Deus nos faça descobrir a Igreja e que a Igreja nos faça descobrir a Palavra. Atenção, pois, para a leitura com a Igreja e não em divagação, como há tantos estudos eruditos que comportam pouca preocupação com a vida interior e com a fé.

Basílio, que conheceu ensaios discutíveis de modernização da liturgia, nos previne contra as fantasias. Precata-nos igualmente contra certas

tendências de ir à eucaristia cada um do seu lado, o que exprime muito mal a comunidade; em contraposição, no outro extremo, há quem fale do voto de comunidade. Seja como for, tenhamos cuidado com a regra da missa cotidiana, da qual não nos devemos dispensar por pretextos fúteis.

5.2 - Caridade

É o fundo da mensagem de João XXIII: a caridade é a lei fundamental da perfeição humana (394). Isso nos remete ao testamento espiritual do Padre Champagnat. Fazer uma obra de caridade ou de serviço sem amar é ofensa.

5.3 - Ecumenismo

Basílio tem longas reflexões sobre este tema, mas sempre com muito equilíbrio. Ele pode citar Culmann, que ele encontrou e com o qual falou sobre as eucaristias ecumênicas:

'Se a fé cede, a intercomunhão pode ficar fácil, mas o ecumenismo nada ganha na convergência de dois desfalecimentos'.

5.4 - As missões

Mesmo não sendo um Instituto missionário, temos boa preparação a este respeito. Já em 1836, Irmãos partiam para a Oceania. Ora, atualmente, há uma regressão missionária e continentes inteiros ignoram o Evangelho. Infere-se a necessidade de novo esforço que deverá provir das Províncias e mesmo originar novas Províncias. (Trinta anos mais tarde, em parte isto se vai realizando). A missão é o anúncio do Evangelho a) aos pagãos e aos recém-evan-

- gelizados, carentes de melhor assimilação da mensagem.
- b) aos católicos que não têm o enquadramento pastoral requerido.
 - c) aos países de tradição católica, em via de paganização.

Basílio visitou treze países africanos antes do Capítulo para melhor julgar. Para ele a fundação de institutos aborígenes está prevista ; mas não deve ser por causa das dificuldades de integração. Em nível marista, tal integração se faz bem.

Para a expansão missionária necessita-se de mística ; importa, pois, criar o ambiente que favoreça o desabrochar de vocações e incite uma Província a suportar sacrifícios razoáveis.

5.5 - Mariologia renovada

Uma Circular, oito anos depois, tratou desse tema. Basílio faz apenas notar que o Concílio nunca fez semelhante síntese na questão marial. Portanto não se diga que o Concílio pediu uma surdina sobre o tema Maria.

5.6 - Promoção do laicato

A Igreja não é democracia. Ela recebeu de Cristo o seu poder de ensinar, de santificar e de governar. Mas os cristãos nela têm participação ativa. Um colégio cristão não merece o nome, se no fim do curso, ele não conseguiu um número razoável de vocações consagradas ou de jovens militantes.

No período de confusão em que entramos, vê-se o problema das vocações sem convicções fortes. Ora ninguém luta para defender aquilo

que deveras não ama. Importa ter o carisma de quase não poder viver de outra forma. Portanto cumpre adquirir nova consciência da nossa condição de religioso. Na escolha da vocação, não se deve rebaixar os outros valores; por exemplo, o matrimônio; o que importa é que o jovem se decida por aquilo que o Senhor quer realmente para ele.

5.7 - Espírito do Fundador

O Concílio pediu a reafirmação do carisma dos Fundadores. Portanto que nos diria Champagnat? Basílio aqui passa em revista oito pontos principais (482-3).

- Formação: Marcelino soube forjar religiosos, em período tão difícil como o nosso.

No abordar a questão das qualidades dos formadores, Basílio parece pintar-se a si próprio: madureza, comunicabilidade, receptividade em face do Concílio, senso de paternidade, preocupação de bem cumprir a tarefa, dono do seu tempo, profundidade da vida espiritual.

- Apego ao Papa e aos Bispos.
- Audácia evangélica nos acontecimentos. Não converter em museu a obra de Champagnat. Um dos acontecimentos principais do momento era a guerra da Biafra. Basílio perguntou-se o que é que cumpria fazer. Foi assegurado pela decisão dos próprios Irmãos: todos querem ficar no país. Mesmo que não sejam mártires da fé, podem ser mártires do amor.

- A pobreza
- Não viver em sistema de quietude, baseado na segurança econômica

(567). Em particular, Basílio pensa abrir escolas que não receberiam subvenção do Estado, onde o Estado subvenciona, e onde a evangelização não seria freada em nada; mas ele não tornou a coisa precisa e não parece que tal ato de audácia tenha sido posto em prática.

O problema não é só ir aos pobres, o que não pode recobrir aproximações; cumpre ir aos marginais. Isso não é ‘variação sobre tema conhecido’, senão urgente necessidade. Ele cita o caso desses sessenta padres espanhóis amigos, aos quais ele pede um sucessor para o ‘mundo melhor’ e que recusam, visto que estão comprometidos a não servir senão aos mais pobres da América Latina (572-3). Para dizer que não está sonhando, ele cita certo número de Irmãos Maristas que souberam ir aos verdadeiros pobres (576).

Ele propõe também coisas muito concretas, como reservar 5% do orçamento de uma Província, poupança que seria realizada por verdadeiras economias e privações que cada qual se teria imposto.

A oração, fonte de vida para a Igreja. Não se pode aprender a rezar fugindo especificamente da oração (597). A Teologia é muito importante; mas a oração é outra coisa. Ele apóia o seu argumento em Urs von Balthasar em *Cordula*:

“O anúncio autêntico da fé nasce antes da união atenta e consciente com o magistério da Igreja.

O anúncio requer o estudo profundo, a meditação e a oração” (599-600).

Conclusão (para “terminar de fato”, quando percebia que se havia alongado na peroração).

Importa dialogar com proposições claras, argumentos autênticos e com investigação sociológica. Caminhamos para formas menos legalistas, apostolicamente mais corajosas, de maior inserção na socialização profissional em crescimento, com formas mais independentes.

30 de novembro de 1968

6. CONCLUSÃO DO XVI CAPÍTULO GERAL

Basílio relembra que em 21 de novembro os capitulantes “apresentaram no Templo” os documentos que anunciam novo estilo de vida pessoal e comunitário. Eles imaginaram e discutiram, corrigiram e aprovaram os dados de uma vida que fundamentalmente deveria ser sempre aquela dos 7.197 Irmãos falecidos, a despeito das aparências exteriores.

Todo o mundo perdeu alguma coisa nas decisões que foram tomadas. Ele, também. “Tentei dizer o que esperava do Capítulo. Agora, obedecerei às decisões. Já não estamos a montante do Capítulo, nem a jusante. O nosso rio está no ponto em que ele franqueia o seu curso. A realidade que vai seguir continua misteriosa. Depois do Concílio, houve crises. Não pretendemos evitá-las.”

19 de março de 1969

7. CIRCULAR PARA A FESTA DA PÁSCOA 1969

É pequena exortação da qual guardo simplesmente esta alusão que Basílio faz ao Padre Champagnat:

“Nada alterava a paz da sua alma nem a serenidade do seu rosto”.

A paz do Irmão Basílio

Para mim esta alusão descreve o próprio Irmão Basílio. Em nove anos, não sei se o vi uma única vez manifestar desânimo, irritação ou variação notável da serenidade. E só Deus sabe que, nos anos 1968-1970, teria havido oportunidade de conhecer esses estados de alma, seja por causa da evolução dos nossos estudantes de Roma, seja por causa da evolução de certas Províncias, sem exceção do seu México nativo. Ele tomava as coisas como elas vinham, esperava o momento da graça e agia então com toda a sabedoria possível.

Ele não perdia nem apetite nem sono, parece-me. Cumpre dizer que o seu sono era tão reduzido, que ele devia saltar uma refeição para dormir um pouco. Avisava então que não nos preocupássemos. Parecia cumprir o provérbio francês: “*Qui dort, dîne*”, isto é, quem dorme almoça.

Sabia ele muito bem que a confusão da vida religiosa não era fenômeno específico marista; na reunião de Superiores, ele parecia o otimista

realista, como o recorda o Pe. Giordano Cabra, FN:

“Uma das mais estimadas personalidades era o Irmão Basílio.

Os seus escritos sobre a vida religiosa eram conhecidos e apreciados pelo seu lado prático e pela segurança da doutrina.

A sua cordialidade o tornava amável e o fazia sentir-se fraternal.

Nos trabalhos de grupos, aparecia com a sua extraordinária experiência dos problemas em diferentes contextos culturais.

Muitas vezes, a sua opinião tornava-se texto

e era citado, não apenas nos encontros, mas também nos diversos institutos, e passavam por orientação segura.

Pode-se afirmar tranquilamente que o Irmão Basílio, tanto nos escritos como na sua presença ativa e única nas reuniões, tem sido guia dos mais escutados e dos mais equilibrados nos anos de renovação, não só dentro do seu Instituto, mas igualmente pelo conjunto da vida religiosa”.

Eu próprio, como participante das reuniões dos assistentes gerais no período 1968-1976, pude ouvir apreciações da mesma ordem. Muitas vezes, quando estava em Roma, Basílio recebia hóspedes na casa mãe, ou no restaurante ‘Água Viva’; vinham para reforçar laços ou para colher informações daquilo que outros pensavam de tal ou qual tema de discussão.

Ele, com pouco tempo para ler, chegava, mesmo assim, aos encontros bem informado dos grandes problemas religiosos; não demorava em fazer-se uma ideia pessoal, que passava a expressar em síntese impe-

cável. É verdade que, por falta de tempo, eventualmente tal síntese era mais morosa, e ele devia explicar o seu ponto de vista com mais pormenores.

Ainda assim, como se percebe no testemunho acima, a sua fé dominava a paisagem brumosa do tempo:

'A nossa época é difícil, mas ela é apaixonante; ademais, estamos sem escolha: ela é a nossa época' (23).

O relacionamento do Irmão Basílio

Eu poderia acrescentar que ele estava muito à vontade com as pessoas como com as sumidades. Depois da sessão de 1968, como ele estava esgotado, o Conselho Geral decidiu que ele repousasse em Taormina, Sicília, e eu o acompanhei. Estávamos num hotel. Depois do jantar, era interessante ver como a conversa podia prolongar-se com os outros clientes, passantes ou turistas, cristãos ou não.

Tinha muito conhecimento do mundo eclesiástico. Se ele me dizia que fosse buscar o Cardeal Pironio, que ele havia convidado, ou que eu reservasse três lugares no 'Água Viva', célebre restaurante mantido por religiosas, ele não visava a relações mundanas; ele queria sondar o ponto de vista de Balthasar ou de Lyonnet ou ainda outro teólogo, em conversa familiar no curso da refeição. Com toda a simplicidade ele se informava. Quando o convite transcorria na casa generalícia, ele ia receber

o hóspede com toda a delicadeza possível e lhe apresentava a casa. Se não houvesse cicerone, ele próprio se desincumbia da tarefa; no calor do verão romano, isso implicava privar-se da sesta necessária, uma vez que dormia apenas quatro ou cinco horas.

6 de junho de 1970

8. A VIDA COMUNITÁRIA

Depois de 1970, as Circulares que tratam exaustivamente dos temas mais importantes da vida religiosa se escalegam, de forma regular, por dezesseis anos.

Basílio prefere começar pela Vida Comunitária, porque as deficiências neste ponto talvez expliquem a hemorragia de vocações que caracteriza essa época na maior parte das Congregações. É o tempo em que começam a se esvaziar, em Roma, grandes casas generalícias e onde as más línguas citam o caso, quiçá único, de um religioso que morreu sem que os seus confrades o tivessem notado por dois dias.

Esta Circular será verdadeiro tratado e não simplesmente uma exortação. Trata-se de dizer toda a importância que pode ter a verdadeira vida comunitária, sem, contudo, fazer dela uma panaceia. Daí o título: 'Apologia e Desmistificação da Vida Comunitária'. Basílio havia refletido muito na questão e, provavelmente, tratou dela

em sessões ou retiros durante o período em que esteve no ‘mundo melhor’, visto que, conforme ele próprio especifica, esse organismo fora fundado especialmente para o melhoramento das relações humanas.

Basílio, nas sessões do ‘mundo melhor’, teve não poucos contatos com industriais e ele sabe que as pesquisas feitas na indústria comportam também a sua contribuição: o procedimento autoritário da parte das lideranças tem efeitos dissolventes; a eficácia progride, quando o relacionamento com o chefe é mais fácil.

No meio religioso percebe-se também a importância do fator psicológico no comportamento comunitário.

“No dia em que todos compreenderem que as leis psicológicas bem comprovadas comprometem a consciência moral, grande progresso será possível”

(R.P. Hoffer)

Nesses anos do ‘mundo melhor’, ele esteve em contato com organismos como a CLAR, Conferência dos Religiosos Latino-americanos, na qual a questão foi versada tanto por pessoas chamadas a viver juntas, como para elas.

Mas a sua Circular ficou muito personalizada, porque insiste na escuta do outro e Deus sabe quantas centenas de horas ele passou a escutar centenas de Irmãos:

“Teria gostado de aproveitar uma passagem para ir ver um espetáculo que me era proposto, mas, antes, eu tinha de ouvir os meus Irmãos”.

Ele sabe que está dirigindo-se a uma Congregação em que nunca houve “classes de religiosos”; mas isso pode, ainda assim, acontecer, por alguém sentir-se não muito bem aceito. Importa pensar, sobretudo, no ideal de uma comunidade, cuja cabeça representa o papel de diretor espiritual dos seus membros, o que convida a não se contentar com a mediocridade.

12 de maio de 1971

9. CONFERÊNCIA GERAL

Basílio percorreu não poucos países desde 1968, e pôde ver o que andava bem ou não na renovação sugerida pelo Capítulo geral. Deve-se dizer que é, aproximadamente, o pior período para as Congregações religiosas.

Ele apresenta a pergunta: Porventura somos chamados a uma liquefação estrutural? Certamente não. Somos convocados a uma missão, a uma obra difícil. Importa renovar por meio de conversão, que não deve ser apenas pessoal, mas também institucional. Isso é mudança que ultrapassa o alcance de um mandato conciliar. Eis por que ele fala de ‘parto’ mais que de missão. Ele cita um Bispo:

“Estais no erro, visto que não quereis mudar”.

E acrescenta:

“Sinto crescer em mim, com força irresistível e espontânea, a decisão de apoiar a aplicação leal da forma marista pós-conciliar e pos-capitular”.

Em face de todas as desistências que marcaram esse período, não há como não formular certas perguntas. Sem dúvida, muitos dos que nos abandonaram partiram por carência espiritual; mas a recusa da mudança da parte de certos Irmãos pode ter contribuído também. Daí derivam estas frases duras mas justas:

“A vida religiosa não pode renunciar a viver do Espírito Santo, para se alimentar somente de um texto que se repete”.

Ou ainda:

“A lei sem a Verdade que a gera transforma-se em legalismo”.

O Superior geral, portanto, dirige-se aos seus Provinciais para lhes pedir que sejam conscientes de ser Superiores, na época da mudança querida pela Igreja e pelo Espírito Santo. Ele se interroga e os interroga sobre a vida evangélica, eclesial, encarnada e carismática. Basílio, sempre atento aos Irmãos idosos, muitas vezes os mais religiosos, sublinha bem que em absoluto ele quer rejeitar o passado. A identidade institucional permanece ponto vital, mas...

Obediência

Cumprir aceitar o comando segundo as indicações do sistema capitular,

sem cair na demissão da autoridade. Importa formar para a responsabilidade, visto que as instâncias subalternas devem exercer o seu papel.

Formação

Atualmente, as vocações são muito mais adultas. Não se pode agir como com candidatos muito mais novos. Isto é problema sério, visto e revisto mais tarde; por exemplo, em 1996. O problema se apresenta sobremodo em nível de motivações para a escolha da vocação. Sob o pretexto de que o jovem era formado de tal maneira, não quer dizer que as novas vocações devem ser submetidas a provas acima das suas forças; ainda assim, não se deve preconizar formação demasiado infantil, para terminar no ‘deixar ir’ espiritual e moral.

Missão

A escola católica constitui campo de ação muito importante; mas pode haver também outros campos de ação apostólica.

1° de novembro de 1973

10. MEDITAÇÃO SOBRE A ORAÇÃO

Com a Circular da oração, Basílio considerou primeiro uma maneira de fazer que ele utilizou outras vezes: partir do que era vivido pelos Irmãos que quisessem dar o seu testemunho. Por fim, ele adota outro método. Tendo pregado certo número de re-

tiros sobre este tema, são os seus próprios entretenimentos que constam na Circular. Recordemos que essas conferências de retiro eram também a resposta ao questionário que ele havia organizado e que revelava onde estava a vida de oração dos Irmãos. Ele parte, pois, do fato de que há, da parte de alguns, contestação da oração e estranha redução do tempo a ela consagrado.

Um fato

Basílio visitou os Irmãos do Sri-Lanka. Pode ver que, para o budista, contemplação e castidade são também realidades. Aliás, estamos na época em que jovens europeus partem para a Índia, para serem iniciados na espiritualidade hinduísta e budista. Os grupos de Renovação estão mal e mal começando no mundo católico; eles colocam a ênfase na oração de louvor; mas Basílio percebe que importa responder primeiro à objeção contra a oração de pedido, que parece essencial e quase única em são Tomás.

Ainda assim, a grande objeção a que se deve responder é que a oração seria uma forma envelhecida de religiosidade. Ele cita Sartre:

“A liberação do homem é fruto das suas mãos.

O seu desespero se faz ativo

e ele torna-se eficazmente salvador”.

É o tempo em que essas frases terríveis são ouvidas, mesmo no mundo religioso.

Hoje, para falar da oração, não se

deve passar ao lado da pergunta. Aqui Basílio alude ao testemunho do Pe. Häring, que pregava um pequeno retiro ao Conselho Geral. Convidado por pastores protestantes a concelebrar a eucaristia com eles, ele lhes disse não, “visto que não credes na eucaristia”. E esses pastores lhe poderiam ter respondido:

“O senhor conhece a sua fé, mas não a nossa.

Formule algumas perguntas e julgue-nos depois”.

De fato, depois de algumas perguntas, ele teve de reconhecer que esses pastores acreditavam na presença real.

Basílio, pois, vai propor-se o problema da oração na sua essência profunda, mais do que nos seus modos, porque ele não quer comprometer-se com impasses. Isso requer algumas definições de natureza filosófica não pouco desconcertantes para o público marista mediano.

1ª definição:

a oração, começo, essência e definição da transcendência

Tornando a partir da noção de pedido, por demais acentuado em são Tomás, e fazendo alusão ao *Benedic, Domine*, oração da mesa, tema discutido e discutível, ele fala: “Dai pão àqueles que não tem”, ele recorda que, mesmo no pedido de um coração cristão, cumpre haver sistole e diástole, isto é: eu peço mas também dou.

Raciocinando por outra via, no fim do tempo, não haverá mais oração de pedido; mas toda a escatologia será oração; portanto oração não é sinô-

nimo de pedido. Ele toma outro exemplo, para cuja longa explanação diz não ter tempo, mas muito conhecido de muitos Irmãos. Jovem Irmão espanhol, estudante de Roma, fez brilhantes estudos e, pouco depois, viu-se esmagado por severa enfermidade, que o reduziu a frangalho em cadeira de rodas. Perguntaram-lhe nos últimos dias da sua vida: “Para ti, João, que vai ser a vida eterna”? Ele respondeu: “Continuar a fazer o que faço: contemplar”. É em caso semelhante que se pode ver a oração como começo. Isso, ademais, implica que ela é antecipação. Trata-se, portanto, de coisa muito diferente do que mera utilidade, visto que alguns querem contestar a utilidade da oração, tema merecedor de maiores considerações.

2ª definição:
necessidade psicoteológica e vital

Basílio tem sempre a arte de esclarecer as suas definições obscuras por comparações simples. A sua época ainda não é a da vulgarização dos computadores; mas as pesquisas a que ele procede, por ocasião dos seus retiros, se fazem com fichas da IBM. Toma o caso de dois enamorados, que ele encontraria, e lhes diz:

“Em lugar de perder uma hora no seu entretenimento, ajudem-nos a fazer fichas IBM; o dinheiro que vão ganhar será aplicado na sua vida matrimonial”.

Presume ele que responderiam: “Não”. Eles agora têm mais necessi-

dade da sua conversação do que do dinheiro. Conclua-se que a fé é primeiramente diálogo de amor. Obviamente Deus não necessita da minha oração, mas o meu compromisso baptismal bem que necessita dela, para afirmar a sua experiência interior, porquanto o coração não é evangelizado e a oração constitui o grande meio de evangelizá-lo. Sem a oração a pessoa se esvazia do Evangelho. Caso caia abaixo de certo patamar, a própria vida cristã está em perigo.

3ª definição
ainda mais desconcertante,
mas logo explicada:
Epifania antropomórfica
de Deus

É a manifestação misericordiosa pela qual o Senhor assume a humanidade e se põe a rezar. Em busca de comparação, Basílio se vale, primeiro, da figura do ser humano no seio da mãe. Respiração, circulação, assimilação, desassimilação, tudo é feito pela mãe; mas, depois de nascido, ele assume a sua própria vida.

Em verdade, na vida cristã, nunca há separação, porque, quando o homem reza e leva vida cristã, é o Cristo, primogênito de Maria, que reza nele. Quando rezamos, a nossa palavra atinge o Filho que, em carne humana, se fez Verbo, ou palavra do Pai. Na oração, é Deus que fala a Deus a partir do homem. O homem se cristifica rezando.

Toda a polarização no rumo da ação contra a oração, ou no rumo da oração contra a ação, é má.

4ª definição:

A oração é expressão do coração de três pessoas, na encruzilhada de dinamismos variados e de esferas existenciais variadas

Basílio percebe que esta definição ainda parece obscura. Então ele propõe de imediato uma comparação. São dois regatos que se reúnem: Jesus, eu e o Pai. Mas Jesus e eu já somos a Igreja. A vida cristã é uma vida de companhia. No meu ser profundo, tenho coisas comunicáveis ou comunicáveis somente a Deus

Conclusão

Importa sobremodo fazer a experiência da oração. Ele cita essa jovem indiana de Taizé: Não se pode falar de contemplação a não ser que se faça experiência dela. A secularização pode ter efeito positivo, se ela leva a uma purificação da oração. Mas fique-se atento à secularização insensata. Se já não há detergente na sua máquina, a sua máquina de lavar já não lava nada. Evidentemente, Basílio não tem pena de dizer aos Irmãos que ele não fala nem escreve no ar, visto que as pesquisas estão aí, infelizmente reveladoras da muita redução do tempo de oração.

No mundo laico, pode-se encontrar casos como os esposos Huber, que consagravam duas horas diárias à oração. A senhora Huber veio diversas vezes falar aos Irmãos. Seria necessário acrescentar outros, como estes: Carlo Carreto e o Saara; as comunidades de catecúmenos de Kiko Arguello, que se desenvolviam a toda

a brida, mais na Itália que na Espanha; Taizé, onde milhares de jovens iam somente para rezar e refletir; Caffarel e a escola de Troussures, para onde Basílio enviou muitos Irmãos; os carismáticos e as semanas de oração de Jean Fournier e outros.

Basílio encorajava o contato com esses diversos movimentos. Pessoalmente, participei muitas vezes das orações dos catecúmenos; durante um ano ou dois, na cela de Taizé, pude citar-lhe o caso desse pai de família, com quatro filhos, de um grupo catecumenal, que me dizia:

"Até hoje, eu devia achar onze horas por semana; agora, nomeado catequista, com senso de animador, deverei encontrar vinte horas.
Não sei como vou fazer. Mas o Senhor sabe tudo.
No começo, a minha mulher não queria vir.
Agora ela vem. Assim, duas vezes por semana, deixamos os filhos com os avós, e tanto uns como outros ficam felizes.
Antes de entrar nessa comunidade, eu achava que precisava assistir a todas as partidas.
Agora não vou mais, porque o Senhor mudou os meus gostos".

30 de maio de 1975**11. A OBEDIÊNCIA**

Com a Circular da obediência, Basílio ataca uma questão que, sem dúvida, agitava muitas Congregações havia alguns anos. Alguns enxergavam diversos perigos nas mudanças dessa questão. O passado tinha sido testemunha de ordens que colhiam bons resultados, no caso de santos e santas, como santa Rita encarre-

gada de regar um galho seco e que acabava por dar magnífica parreira. Basílio pode até mesmo recordar atos de obediência quase do mesmo gênero que existiam, alguns decênios atrás, entre os jesuítas, antes da emissão dos Grandes Votos; isso, porém, já não suscita sentimentos de edificação.

No decênio de 1960, não havia o menor perigo de os candidatos serem submetidos a tais provações; mas, para os contestadores da obediência, esses “erros do passado”, como diziam, podiam representar boa desculpa para o rejeito da ‘criança com a água do banho’. Seja como for, chegou-se cada vez mais às comunidades sem Superior e, mais frequentemente ainda, às comunidades em que o Superior não dava mais ordens.

No mesmo tempo, tornava a florescer um pouco a prática da direção espiritual, chamada mais vezes acompanhamento. Basílio, por certo, falou disso; mas ele vai sublinhar o nível superior da virtude; quer mostrar que a obediência nada perdeu da sua importância. Pelo contrário, chegamos a um momento em que ela vai tornar-se mais exigente nos seus novos aspectos. Basílio vai logo ao próprio coração do mistério da obediência, isto é, a paixão da vontade de Deus.

‘O meu alimento é fazer a vontade do Pai,
até a morte na cruz.

Ora, para Jesus, a vontade de Deus é sempre clara, até mesmo na agonia, em que sofre de pavor. Esta von-

tade de Deus se manifesta a mim como tarefa: descoberta, paixão de amor e de realização. Devo acolher a iniciativa de Deus como Maria, que a acolheu como mulher forte, da Visitação a Pentecostes. Eu a descubro pela prudência, conselho, discernimento, sabedoria etc.

Basílio está habituado à prática de diversos movimentos, como o do ‘mundo melhor’, mas também Cursinhos de Crisandade etc. Sabe ele que hoje se dá mais crédito às testemunhas que aos mestres. Ele deu o seu testemunho. Um dia descobriu que a vontade de Deus sobre ele era a vida religiosa. Contudo, quando ele falou disso a um Irmão, foi-lhe dito: “Fique onde está”. Apear disso, como para o profeta Habacuc, o Senhor sabe encontrar um anjo que o puxe pelos cabelos.

A obediência é realidade diferente do acompanhamento espiritual. O diretor guia, mas não impõe. Pelo contrário, o Superior, depois de ter dialogado, pode ter de ordenar, o que faz com que a vida religiosa seja regime de mediação muito exigente, quando tomado na sua plena profundidade. Ainda assim, isto supõe que a pessoa se comprometa a criar as condições que tornam tangível a vontade de Deus. Evidentemente, Basílio fala como diretor espiritual de imensa experiência.

Muitas vezes, Basílio vale-se frases complicadas. Aqui ele toma uma do Pe. Varillon, este igualmente de terminologia um tanto difícil:

“A vontade é o lugar da união com Deus, visto que ela é o que há de mais profundo no ser”.

E ele passa a explicar que os cristãos fiéis talvez não vão compreender bem esta frase, mas a realizarão, ao passo que eu posso estar decidido por essa frase a fazer o meu voto de obediência, mas talvez a realização vai ser medíocre. Ainda assim, uma decisão tem o seu valor. Pode-se dizer que há uma como condensação que, desde a partida, coloca toda a vida debaixo da obediência. E ela torna-se sinal e antecipação na Igreja.

Sinais dos tempos

Certos contestadores queriam falar dos sinais dos tempos: expressão do Concílio que cumpre interpretar bem. Recordo-me de como o termo “discernimento” comportava desconforto para os Irmãos habituados à ‘obediência cega’.

Para Basílio, pelo contrário, cumpre estar atento aos sinais dos tempos, mas sem buscar a vontade de Deus com calidoscópico, enquanto ela me agrada. Para esses amadores há necessidade de certo estilo de capitel, pouco importa que as colunas sejam sólidas. Reconhecem-se aí as metáforas que fluem muito naturalmente do conferencista Basílio (82).

Distingamos, pois, entre sinais dos tempos e modos. Não se preconiza que devemos transformar-nos num Instituto secular, ou que se vise colocar junto FEC e Irmãos Maristas. Ele pode citar o presidente dos Institutos

seculares (recebíamos diversos representantes desses Institutos na Casa generalícia para apreciações), dizendo que o problema deles era a

“dificuldade de serem compreendidos pelas pessoas da Igreja, que os levam a desvios que aniquilam a intuição de Pio XII”.

Em contraposição, ele aborda um tema que parece voltar a dar crédito ao “passado”: a conta de consciência, que apenas sobrevive nos jesuítas, para quanto concerne ao foro interno. Ele estima que não é nenhuma violação das consciências, senão simplesmente o meio de criar as condições mínimas para que o mandato do mediador seja evangélico.

“O código reagiu, suprimindo o remédio que se apresentou nocivo. No entanto não devia ser supresso, senão dosado”.

A via, aliás, segundo ele, vai na direção de deixar que cada Congregação crie o seu direito.

Em conclusão, Basílio retorna um pouco à comunidade sem Superior (137), retorna ao consenso que, necessariamente, não é a busca da vontade de Deus (141). A vontade de Deus é muito mais que o bem comum da comunidade.

A mediação da comunidade é utopia, sem dúvida desejável, porém mais utópica que aquela do Superior. Basílio deixa entender que ele viveu isso no ‘mundo melhor’. Mas paciência. Como diz Légaut, há o essencial e o indispensável. Começamos, portanto, essa mediação pela oração participada.

25 de dezembro de 1975

12. O ESPÍRITO DO INSTITUTO

Estávamos nos EUA para diferentes retiros curtos. Basílio já havia passado pelas comunidades alguns meses antes. Nos intervalos dos retiros, decidiu escrever uma Circular sobre o espírito do Instituto. Ela foi praticamente ditada. Como sempre, eu arremava o francês e lhe submetia o resultado, o que lhe exigia o tempo de corrigir e completar.

O preâmbulo mostra que ele já havia tratado do tema e havia tido retroações que lhe permitiram algum aprofundamento do assunto. Ele reconhece que não é competente para versar a parte histórica; mas pode dizer como compreendeu essa questão do espírito na sua vida de Irmão Marista e, de igual forma, que sentido pode haver em face dos questionamentos hodiernos entre nós e alhures. Em suma, falou das três violetas, de Maria e do espírito de família, o que há de ser para todo o Irmão o resumo do nosso espírito.

Mas, primeiramente, ponha-se um *distingo* entre o espírito que concerne ao ser e o carisma que, simultaneamente, concerne ao ser e ao agir: um dom para que do ser irrompa o fruto. Ademais, cumpre não dar ao espírito de uma Congregação mais que o necessário. O espírito não deve concernir à substância mas à diferença, porquanto a substância será sempre o Evangelho. Veja-se também “o importante e o próprio” (181). A espiritualidade é o estilo prove-

niente do espírito que faz com que nos tornemos o que somos. Champagnat, primeiramente, tem vocação de Padre Marista, isto é, sacerdote formado pela teologia do século XIX; mas, por causa da fundação dos Irmãos Maristas, Maria tem para ele um papel de educadora e também o papel daquela a quem se reza, ao passo que para os outros Padres Maristas, ela é sobretudo aquela com quem nos identificamos.

Tudo se passa como se o Espírito Santo, desde a promessa de Fourvière, houvesse trabalhado na diferenciação dos ramos, mesmo a despeito da ideia que poderia fazer-se Champagnat. Assemelha-se um pouco à evolução do Cristianismo judaico-cristão para o cristianismo, o que se constata em São Pedro, a partir da experiência Cornélio.

As realidades das origens, ainda que tenham a sua importância, não são o todo. A origem do Carmelo e a aparição a São Simão Stock são muito discutidas hoje, o que não impede que o Carmelo seja uma das grandes espiritualidades. O senso de obediência, em várias Congregações, depende também da concepção monárquica da época. Assim, mesmo na humildade, pode haver alguma coisa de ‘cultural’. Por exemplo, ela faz com religiosos e religiosas aceitem funções modestas ou desprezadas. Além disso, no caso da humildade, pode ter havido um deslizamento do espiritual para o psicológico: o ‘nada de singularidade’, por exemplo, constitui ideal assaz discutível. O incon-

veniente desses vieses é que, em tempo de contestação, vamos encontrar Irmãos em revolta contra “o que nos infantilizou”. Importa, pois, suficiente coragem para encarar a contestação que nos atinge.

Importa que a humildade retorne

Muitas vezes, falei com Basílio sobre a situação francesa, fazendo-lhe notar que a condição do Pequeno Irmão de Maria na França, na imensa maioria dos casos, era de condição social baixa. A proveniência das vocações era largamente da região rural, com diminuta porcentagem de operários. Portanto, por muito tempo, cumpre contentar-se com nível de instrução de diploma primário, isto é, sete ou oito anos de estudos de menos que os do sacerdote. Mesmo que pouco percebido, há gerações sacrificadas até o decênio de 1940. Basílio observa, com justeza, que é coisa muito diferente pertencer a um estrato social elevado e ir ao encontro dos estratos sociais baixos, caso dos Pequenos Irmãos de Jesus, e pertencer a pessoa a um estrato social baixo. Em particular isto explica os complexos de inferioridade ou timidez e de regras como a seguinte: deixar falar o diretor numa conversa com os pais.

Basílio diz que demorou em compreender o conselho de Jesus: Coloque-se no último lugar, para que o convidem a subir. Psicologicamente, a explicação que ele dá é interessante. Na vida comunitária, em vez de um esquema de preponderância,

cumpre haver um esquema de fraternidade. Creio que é, aliás, a explicação do seu bom resultado com todos. Basílio era sempre o primeiro a lavar a baixela. Nenhuma reivindicação de ser tratado à parte. Pior se não domina o idioma inglês. Ele vai dizer o que tem de dizer, mesmo neste idioma. Ele está à vontade e deixa à vontade os outros. Sou o Superior geral, mas, se necessário, lavo os pés de quem quer que seja. A partir da sua experiência, pode, assim, dizer que a humildade constitui a chave da abóbada da construção comunitária.

A simplicidade é a isenção de complexidade e caminha humildemente na presença de Deus. A muitos Irmãos sugeriu que lessem o livro do Quaker Kelly: “a minha experiência de Deus”, onde o autor fala de uma vida que tem a sua fonte no “Centro” e onde se encontra a paz. Ele cita igualmente Boros, que faz a descrição dos simples:

“Eles distinguem claramente o que é justo do que não é; quando eles não podem aprovar, eles guardam para si o desacordo, mas não julgam. Eles vivem, muitas vezes, com certa despreocupação. Eles põem em prática a exortação de Cristo, ainda que pouco saibam dele, frequentemente”.

Seria este o gênero de simplicidade necessário aos Pequenos Irmãos? Em todo o caso, pondere-se a simplicidade do Papa João XXIII, na citação de Jesús Descalzo:

“Vejo-o na basílica São Pedro, quando todos os Bispos ouviam o seu discurso e ele procurava, sabe Deus em que bolso, os seus óculos sumidos,

ao passo que os nervos de Suas Excelências que o cercavam pareciam explodir”.

Mesmo aí, o perfeccionista Basílio era capaz dessa simplicidade. Se ele não houvesse tido o tempo de preparar uma conferência por haver ficado duas horas em direção com algum Irmão, então o bom Deus providenciaria.

8 de setembro de 1976

13. UM NOVO ESPAÇO PARA MARIA

A Circular “Novo Espaço para Maria” foi escrita algumas semanas antes do Capítulo de 1976 e foi terminada no Capítulo.

Não sei se Basílio podia imaginar que ele não seria reeleito; mas, enfim, era uma possibilidade e, assim, esta Circular era por ele percebida como necessidade, no encerramento do seu mandato. Com efeito, a questão marial, no Instituto como alhures, era um problema e os Irmãos aguardavam que ele dissesse o que pensava desse grave problema, que parecia uma desafeição marial na Congregação marista.

Ele reuniu, pois, na casa do ‘Divino Mestre’ Ariccia, uma equipe de seis Irmãos que fizeram estudos de mariologia e com os quais trabalhou durante dez dias. Há tempos de oração, de reflexão e de discussão. Ele questiona pontos em que teme não estar a par de tal ou qual matiz da atualidade. Logo depois, porém, pode di-

tar com a sua notável segurança, tudo pautado pelo plano que tem na cabeça. Eu estava impressionado de verdade pela justeza e precisão com que o fraseado irrompia. A parte doutrinal foi gravada: esta parte muito equilibrada é deveras inspiradora para o leitor hodierno.

Acrescenta-se em seguida a parte histórica no que concerne à Congregação; depois vem a parte científica, seguida dos testemunhos por ele solicitados havia alguns meses. Não se trata de tratado, senão antes de mensagem destinada a ser meditada e formar matéria eventual de retiros mariais, “semanas maristas” de oração etc. Vou inserir o essencial.

Essa mensagem é de tom assaz pessoal; mas, quando tal ideia não se impõe, Basílio deixa dizê-la por seu autor, Romano Guardini, por exemplo. Falando da espera do Messias por parte de Maria, consta esta inserção:

“Ela o esperou, talvez o tenha pressentido. Não teria pressentido que ela própria contribuiria para essa vinda” (272) ?

Basílio estuda em seguida as reações de Maria, em face dos gestos de Jesus, o que ele chama acompanhamento marial da vida pública de Jesus. Maria o introduz no mundo das núpcias, núpcias de Javé com o seu povo. E o seu humilde desejo se eleva ao nível de direito ulterior (325).

A vida de certos cristãos revela alguma coisa similar: um não que leva um amigo de Deus a fazer um ato, a di-

zer uma palavra e seguir uma rota que só mais tarde ficarão esclarecidos. Não há necessidade de imaginar Maria enclausurada em Nazaré, nada mais sabendo de Jesus, durante três anos. É evidente que Maria contempla Jesus na sua vida pública; caso contrário, como evoluiria ela que recebeu uma educação muito estrita e que, sem dúvida, é tão fiel a ‘todas as observâncias’, como os seus primos?

Basílio quer considerar como possível que Maria, que tantas coisas aprendeu de testemunhas, como Isabel, Simeão, os pastores e outras, também sabe aprender pelas testemunhas da ressurreição do seu Filho, porquanto ela é aquela que é bem-aventurada porque acreditou”.

Seja como for, para Maria como para Abraão, cumpre crer e caminhar, e não ter crise de identidade. Mas é na Paixão que se realizou a sua grande revelação. Ela aprende de Jesus que ela se vai tornar mãe do discípulo, nos versículos 25-27 de João. Ela não tem necessidade das explicações dadas aos discípulos de Emaús. Ela meditou toda a Bíblia.

Nova era marial

Mas o que será de nossa missão de fazer conhecer e amar a Maria? Uma pesquisa de natureza científica, realizada com dois mil Irmãos mostra realidades interessantes. Por exemplo, a motivação Marial inicial contribui consideravelmente para o dinamismo e solidez da vocação (430).

Infelizmente, nos anos que se seguiram ao Capítulo de 1958, a situação marial tornou-se medíocre em publicações de livros, cantos e na vida de oração. As formas antigas minguardaram e as formas novas ainda não apareceram. Na data da Circular, 1976, sentte-se um pouco de renovação. Eis por que Basílio faz o seu *mea culpa*: “Eu ainda não havia reagido”. Eis o porquê da Circular. O Capítulo geral dezesseis (1967-1968) falou bem de Maria, no Documento Marial em particular; mas o impulso não passou, na verdade.

Enfim, Basílio não é à toa que compôs uma tese de doutorado sobre os valores. Ele consagra, assim, um capítulo a essa questão: os valores não se demonstram, eles se mostram; e ele examina aquilo que poderia ter feito baixar o valor marial:

- Saturação axiológica
- Imposição
- Hipertrofia
- Aparição de novos valores, como os sociais.

Daí deriva a necessidade de reformulação dos valores antigos, o que demanda tempo e meios. Enfim, ele acrescenta alguns anexos para esclarecer esta ou aquela resolução das páginas precedentes. Sim, esta Circular é um livro espesso; mas pode-se retomar esta doutrina apresentada de forma excelente, tanto para meditar, quanto para reencontrar magníficos testemunhos de pessoas que são os nossos Irmãos.

19 de março de 1978

14. O PROJETO COMUNITÁRIO

A Circular “Projeto de vida comunitária” foi algo imprevisto. Basílio di-lo no anexo 4, na página 193. Foi o Capítulo de 1976 que introduziu esta prática, antes nova, a qual muitos Irmãos não sabiam como considerá-la. O Conselho geral, por isso, pediu que Basílio fizesse uma Circular sobre o tema. Com isso ele foi obrigado a renunciar à Circular sobre a Fidelidade, que vai aparecer depois.

Por certo ele se faz uma ideia do Projeto Comunitário e até mesmo tem dele uma experiência prática; mas vai estudar o que foi publicado sobre isso e em seguida entrega-se à sua reflexão sempre original. O texto ficou um pouco percuciente, porque disse boas verdades; pode-se expor com brilho uma doutrina, mas lograr que a doutrina seja vivida é muito diferente.

Na realidade, trata-se de nova mentalidade para criar grupos de animação, que deverão inspirar-se de nova mística: a mística da mudança. Cumprir agir, ainda que por antecipação se saiba que essa utopia não vai ser realizada senão incompletamente.

Essa nova mística está na base do discernimento e *ortopraxis*, ou procedimento reto mais que enunciado correto. Talvez devamos contentar-nos com um mínimo de textos; importa buscar os verdadeiros meios

de levá-los à prática. Necessitamos de homens que sejam fermento; caso contrário, a comunidade será vítima dos seus membros mundanizados. Sim, necessitamos de homens que adiram profundamente ao mistério da cruz.

Sem citar Taizé, Basílio propõe essa comunidade como modelo. Com efeito, sabe ele que Roger Schultz pôde dizer:

“Se achais difícil a vida comunitária entre religiosos católicos, que devemos dizer de Taizé, cujos membros são de dezoito Igrejas diferentes?”

Se, pois, uma comunidade quer estabelecer *verdadeiro* projeto comunitário, não se pode mais enfatizar as diferenças, sobretudo no que pode ser polêmico, para procurar o que une. Cumpre assumir as diferenças com otimismo e criar uma corrente de progressão e não de regressão.

Além disso, a comunidade deve abrir-se à Província, a Província à Igreja, a Igreja ao mundo. Não criticar o que anda bem: tal lugar de piedade, tais condições mais aprazíveis para os jovens que a capela comum etc. Tudo depende da acolhida que se faz. A ascese de passar uma noite sem dormir pode bem substituir o cilício de outros tempos.

Basílio não perde ocasião de insistir na questão dos valores; mas cita Malraux:

“No mercado dos valores a maioria dos homens não compra nada”. (45)

Voltando ao exemplo da comunidade ecumênica, ele pode redizer quais são as bases e os valores novos e eternos da comunidade:

“A base, sine qua non, da fraternidade cristã não é necessariamente a homogeneidade doutrinal, senão o amor que, apesar das diferenças, torna possível a unidade”.

A solução não está nos livros; menos ainda na comunidade ideal. Basílio acrescenta um anexo inteiro para citar Bonhöffer:

“Para que Deus possa fazer-nos conhecer a comunidade cristã autêntica, cumpre que sejamos decepcionados com os outros e mais decepcionados conosco. Na sua graça, Deus não nos permite viver, nem por algumas semanas, na Igreja dos nossos sonhos”.

No intervalo do Capítulo, que propunha a ideia nova do projeto comunitário, e da redação do anexo 4, Basílio logrou encontrar comunidades que lhe perguntaram como fazer para realizar o projeto comunitário. Ele aporta as teorias de alguns Irmãos especialistas nessas questões e os conselhos práticos que lhe sugere a sua experiência muito recente. Esses conselhos dizem respeito sobretudo à importância do tempo que se vai consagrar ao projeto e ao lugar:

“A preparação não se deve fazer na residência habitual. Importa um lugar fisicamente favorável

e psicologicamente adequado e que assegure suficiente continuidade” (202).

Então por que os textos são tão belos e os resultados tão decepcionantes? Por que os programas mais imperfeitos de outros tempos conseguiram resultados mais sólidos? Cumpre tomar os meios para o melhoramento. Basílio sugere, por exemplo, partilhas espirituais das Constituições, em espírito de oração (256). Ver também as Constituições como instrumento de avaliação (316) de um projeto comunitário.

8 de dezembro de 1982

15. CIRCULAR SOBRA A ORAÇÃO

Em 1981, Basílio havia enviado aos Provinciais uma carta sobre a oração, para lhes dizer a que ponto eles deviam preocupar-se deste problema. Evidentemente os retiros, com base nas pesquisas, revelavam uma situação muito má, aliás era aquela de muitos sacerdotes e religiosos. Os Provinciais, por isso, iam pedir que a Circular fosse enviada também aos Irmãos.

A Circular começa com uma advertência que Basílio dirige também a si, recordando são Pedro de Alcântara, dirigindo-se a santa Teresa de Ávila:

“Ninguém pode dar conselhos acima do que ele próprio vive”.
Ele teme não ser homem de suficiente oração

para dela falar. Pouco importa.
Cumpre falar e ele falou.

A oração ensina a escutar a Deus, não só a falar-lhe. A vida de oração não se vive em nível apenas de dever por cumprir (344). Em tempo de crise, como se poderia reabilitar certos Irmãos, cuja vida de oração está quase extinta? É a catástrofe quase inevitável. Aí é que intervém a responsabilidade dos Superiores. Os Irmãos se safam, porque fizeram finalmente o condizente esforço pessoal; mas foram eles auxiliados por algum esforço provincial ou comunitário?

Chegou-se a trágicas confusões. O Capítulo sugerira que os Irmãos

previssem um tempo, psicologicamente válido, para o cumprimento da oração.

Isto foi interpretado como se ficasse *ad libitum*, ao arbítrio de cada qual, a meia hora cotidiana, reconhecida pelos autores espirituais como o mínimo aceitável para o religioso.

Aquele que fica no limiar da oração pode chegar a pensar, como Feuerbach, é o homem que fabrica o seu deus com quem imagina dialogar. Aquele que, pelo contrário, entra verdadeiramente com docilidade e fé poderá ver experimentalmente que o espírito de oração é dom gratuito:

“Porei a minha lei no no seu ser
e a inscreverei no seu coração”.

Para isso importa cessar de se dispersar numa variedade de ocupações

inúteis. Saiba o Superior um pouco onde os seus Irmãos estão na sua vida de oração, a fim de encontrar o meio de despertá-los. Não há nenhuma razão para não lhes propor os meios maristas: missa, oração da hora, visitas ao Santíssimo Sacramento, terço. E igualmente informar, sugerir e convidar.

Sabia ele por experiência que Irmãos, “devorados pelo trabalho”, haviam podido encerrar os seus dias com vida de oração modesta, mas muito profunda. Mesmo situações morais comprometidas pelo pecado grave haviam podido transformar-se em “situações espirituais invejáveis”.

Ele ousa até mesmo dizer que uma espécie de lei marista predestina a tal amadurecimento e ele o confirma por este pensamento do Pe. Voillaume:

“Virá um dia, sem dúvida, em que o grão
que não der nem flores nem frutos levantará
colheita impressionante” (361).

Sim, todos os atos de dedicação, de caridade, cumpridos durante o período muito agitado, poderão florir e frutificar em vida de oração. Importa, porém, não esperar o extremo da tarde. Evoca ele esses misteriosos raios da ‘medalha milagrosa’, brilhantes e ternos:

“As graças que me pedem
e as graças que esquecem de me pedir”.

8 de setembro de 1984

16. A FIDELIDADE

Enfim, vai aparecer a Circular mais volumosa, toda diferente das outras, a Fidelidade.

Certamente terá um pouco de doutrina, mas ela foi toda permeada de testemunhos dos Irmãos. Basílio diz que a ideia lhe veio como dardo de luz. Durante anos, valendo-se de toda a ocasião, ele foi fazendo a coleta de testemunhos que, aliás, já recebera nas entrevistas com os Irmãos.

É trabalho incrível. Ele se pergunta como pôde realizá-lo; mas nisso não teve um momento de dúvida (9-10). A fonte está no seu amor pela Congregação e na força do Espírito Santo. Quando tudo está no ponto, ele conta com novecentas respostas, indo de uma ou duas páginas a quinzentas.

Pessoalmente, mesmo que eu não estivesse mais em Roma, sabia o gênero de trabalho que íamos ter de realizar com pequena equipe das quatro principais línguas. Foi necessário estremar, podar muito, por certo, cuidando de conservar o essencial. O essencial era dizer, neste período de dúvida e desfalecimento, que a vida religiosa marista valia a pena de ser vivida.

Um pouco por Basílio, um pouco por seus auxiliares, muito deveria ser cortado nas fotocópias dos testemunhos, em tudo quanto concernia a esse período e repartir o que se

conservava, depois da eliminação das repetições e dos cortes da excessiva extensão. Em todo o caso, não se poderia publicar um complexo de testemunhos de meio milhar de páginas, ainda que fossem muito interessantes. Cada testemunho, longo ou curto, poderia fornecer citações para diversos capítulos ou subdivisões.

Para cada subdivisão, Basílio ditou o que queria dizer sobre “as raízes evangélicas, subjetivas e congregacionais”, sem temor de criticar na ocasião o que era censurável. Quanto aos testemunhos, uma vez feito o acordo dos membros da equipe sobre o que se conservava, faltava apenas pô-los tais quais ou traduzi-los em francês, dado que o texto básico se fixava nesta língua.

Os elementos de doutrina iam aparecer como “chapéus” de parágrafos e, muitas vezes, plenos de luz e de vida, como esta reflexão sobre a fidelidade enferma, não somente no nível da vontade, mas igualmente da inteligência, tornada portadora de luz, no momento em que a humilde fidelidade se deixa resgatar e reconciliar (31).

Os “chapéus” permitem de bem enquadrar certos pontos, como clima marial,

“um clima algo excepcional e que hoje quase não existe nas casas de formação” (163).

Sim, há apelo muito forte aos formadores, muito mais bem preparados que os de outrora, mas sem igual di-

namismo, que fazia aceitar e experimentar a interiorização e o crescimento espiritual.

Ainda assim, os testemunhos não têm apenas o lado positivo. Por exemplo, no ponto de vista da educação sexual, como nas famílias de outrora, a orientação foi insuficiente.

“A despeito da qualidade espiritual dos mestres de noviços, parecem pouco numerosos aqueles que souberam esclarecer, apaziguar, guiar na linha de sadia compreensão e bom comportamento, no atinente a uma dimensão da pessoa que permite chegar ao entendimento mais amplo do amor virginal e da vocação deste tipo de amor” (188).

Da mesma forma, pode-se dizer que, no passado, a Congregação tem sido pouco maternal em fornecer as possibilidades de estudo; ademais, aqueles que conquistaram diplomas só o conseguiram, geralmente, por meio de trabalho excessivo.

Mesmo onde a fidelidade tem sido admirável, cumpre lamentar que os responsáveis foram pouco compreensivos em autorizações, nas circunstâncias dolorosas, como em caso de morte do pai ou da mãe (297-8).

O Irmão Basílio não foi homem do passado. Em estudo no qual se mostra o que este passado teve de notável, ele sabe abordar os desafios do presente, censurar, por exemplo, o medo de sair de certo casulo ou de considerar com desconfiança tudo o que é verdadeiramente vivo na Igreja.

Por outro lado, há perseverança e perseverança. Ele ousa até mesmo falar de perseverança cínica. O essencial não é a mera permanência, senão a *permanência qualificada*. Em tal caso, os testemunhos mostram que, no próprio período de frouxidão, a retomada salutar pode ocorrer, até mesmo com evolução invejável, na idade madura e na velhice.

